

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

ANGELO MARTINS JUNIOR

**DE *CLEANER* A *WAITER*:
TRAJETÓRIAS DE TRABALHADORES BRASILEIROS EM LONDRES.**

São Carlos
Junho / 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

ANGELO MARTINS JUNIOR

DE *CLEANER A WAITER*:
TRAJETÓRIAS DE TRABALHADORES BRASILEIROS EM LONDRES

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jacob Carlos Lima

Bolsa: CAPES

São Carlos
Junho/ 201

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

M386cw Martins Junior, Angelo.
De cleaner a waiter : trajetórias de trabalhadores
brasileiros em Londres / Angelo Martins Junior. -- São
Carlos : UFSCar, 2012.
149 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2012.

1. Sociologia. 2. Migração. 3. Sociologia do trabalho. 4.
Redes sociais. I. Título.

CDD: 301 (20^a)



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673
www.ppgs.ufscar.br - Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br

Angelo Martins Júnior

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em 22 de junho de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jacob Carlos Lima
Orientador e Presidente
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFSCar

Profa. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi
Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Ana Cristina Braga Martes
Fundação Getúlio Vargas (SP)

Para uso da CPG

Homologado na _____ª Reunião da CPG-
Sociologia, realizada em 22/06/2012

Profa. Dra. Maria Inês Rauter Mancuso
Coordenadora do PPGS



A meus pais,
Angelo Martins e Maria Leonilda F. Martins,
por todo amor e carinho que têm por mim.

AGRADECIMENTOS

À Camila, por todo amor e companheirismo.

Ao Professor e amigo Jacob Carlos Lima, que tem me ensinado, desde meu segundo ano da graduação, não só como ser um pesquisador, mas também um exemplo enquanto ser humano.

Aos Professores e membros do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos que estiveram presentes ao longo de minha formação (graduação e mestrado).

À Ana Maria Suficiel Bertolo, por todo carinho e dedicação que sempre demonstrou aos alunos do Departamento de Sociologia da UFSCar.

Ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Aos membros do “Grupo de Estudo Trabalho e Mobilidades” (UFSCar), em especial a meu grande amigo Attila Magno e Silva Barbosa. Aos membros do grupo de pesquisa “A crise do trabalho e as experiências de geração de emprego e renda: as distintas faces do trabalho associado e a questão de gênero”, coordenado pela Prof. Dra. Márcia de Paula Leite (UNICAMP).

Aos meus amigos de infância de Garça/SP, e aos amigos que fiz em São Carlos/SP durante minha graduação. Especialmente Luiz Fernando, Guilherme Floeter, Ilunilson Fernandes, Thiago Pizzo e Boaventura Santy, que continuaram comigo da graduação ao mestrado, assim como Juliana Jodas, que além de ser uma amiga/irmã foi leitora e corretora deste trabalho. Junto com estes agradeço também aqueles amigos especiais que conheci durante o mestrado: Rejane Marques, Mariana Perozzi, Rodrigo C. Martins e, meu grande amigo, Luciano Oliveira.

A Danilo Ninin por toda amizade e companheirismo sem o qual este trabalho não existiria, principalmente pelo tempo em que passamos juntos em São Carlos e Londres.

A todos que conheci e convivi na cidade de Londres, principalmente aos que sentaram e tiveram a paciência e confiança de me contar suas histórias. Em especial a todos que fizeram minha estada em Londres uma experiência mais que agradável: Marcelo, Ana Paula, João, Sara, Patrícia, Rosana, Rosa, Juliane, David, Brooke, Cyril, Tamara, Giovana, Homan, Louis e Caio Lucas.

Aos meus irmãos, sobrinhos e familiares.

À Silvana Esperança, por sempre me fazer sentir como parte de sua amada família.

*Oi Rose, tudo bem?
Estou te ligando porque estou de volta (Londres)
para fazer aquelas entrevistas com os brasileiros,
sobre o meu trabalho, lembra?
Tem como a gente marcar um dia para te entrevistar?*

*Claro que lembro, vamos marcar sim que eu te dou a entrevista.
Mas, eu posso te perguntar uma coisa antes?
Se o seu trabalho é sobre imigrantes brasileiros aqui (Londres),
por que a minha história ajudaria no seu trabalho,
se eu não vim pra cá para trabalhar,
juntar dinheiro e comprar um “terreninho” em Goiás?
[Conversa com Rose. Caderno de campo, fevereiro de 2011]*

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar um grupo de trabalhadores brasileiros que estão em Londres realizando trabalhos considerados desqualificados dentro do setor de serviço. Pretende-se verificar os motivos alegados para migrar, a forma como se desenvolveu todo o processo de deslocamento, chegada e adaptação na nova sociedade, as condições de trabalho a que se submetem esses imigrantes, as redes sociais utilizadas na obtenção e manutenção do trabalho, e as relações intracomunitárias. Em um contexto de crescente deslocamento de indivíduos entre regiões e continentes, as redes sociais funcionam como mediadores que facilitam esses deslocamentos, já que os contatos sociais fornecem as informações iniciais para se obter acesso à moradia, trabalho e a outros bens materiais ou simbólicos. Contudo, nem sempre esses indivíduos que “constituem laços sociais” são solidários e nem sempre esses laços vão proporcionar ganhos a todos, podendo excluir alguns ao mesmo tempo em que incluem outros. Inseridos em uma nova lógica social e trabalhando em atividades que não realizariam em seu país de origem, esses imigrantes assumem novos valores em relação ao trabalho, construindo novas formas de diferenciação e justificação social. A pesquisa é fruto de dois momentos distintos. Primeiro foi realizado um estudo exploratório, a partir de uma experiência como estudante e trabalhador informal durante nove meses, na cidade de Londres, na qual foi desenvolvida uma etnografia das relações sociais e de trabalho na “comunidade” de trabalhadores informais brasileiros. Num segundo momento, foram realizadas entrevistas em profundidade com o intuito de recuperar a trajetória de vida desses trabalhadores migrantes.

Palavras-chave: Redes Sociais; Trabalho; Migração; Brasileiros em Londres

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to analyze a group of Brazilian workers who are in London doing some "unskilled job" in the service sector. It is intended to verify: the alleged reasons to migrate; how it developed throughout the process of displacement, arrival and adaptation in the new society; the working conditions that these immigrants are submitted; the social networks used to obtain and maintain the work; and the intra-Community relations. In a context of mobility of people between continents and region, social networks act as mediators that facilitate these movements, since the social contacts provide initial information to obtain access to housing, work and other material or symbolic goods. However, those individuals who "constitute social ties" are not always supportive and these links will not provide gains to all, and it may exclude some while includes others. Inserted into a new social logic and working on activities that they would not perform in their country of origin, these immigrants assume new values in relation to work, building new forms of social differentiation and justification. The research is the result of two distinct moments. First an exploratory study was conducted from an experience as student and casual worker for nine months in London, in which was developed ethnography of social relations and work in the "community" of informal Brazilian workers. Secondly, in-depth interviews were conducted in order to recover the trajectory of life of these migrant.

Key-words: Social Network; Work; Migration; Brasilians in London

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Sóciograma.....	27
---------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
<i>Migrar para além do econômico</i>	11
<i>Para além do “Homem Solidário”: conflito, exclusão, e discriminação nas comunidades brasileiras.</i>	13
<i>A pesquisa e Organização do texto</i>	20
<i>Caracterizando o Campo: O perfil dos brasileiros em Londres</i>	24
CAPÍTULO 1. O Desenraizamento: chegando e se adaptando.....	28
1.1 Deslocamento e chegada	28
1.1.1 <i>Bernardo e Guilherme</i>	30
1.1.2 <i>Rose</i>	33
1.1.3 <i>Aline</i>	36
1.1.4 <i>Priscila</i>	37
1.1.5 <i>Max</i>	38
1.2. A casa e a adaptação.....	40
CAPÍTULO 2. Redes e trabalho	47
2.1 Conseguindo o primeiro Trabalho	47
2.2. Caracterizando o trabalho de cleaner: A experiência como faxineiro.....	50
2.3. Inserção nas redes e a busca por novos trabalhos: Mobilidade, confiança e controle.....	55
CAPÍTULO 3. Prolongando a permanência: vivências, consumo, táticas e corpo.	84
3.1 A ânsia por trabalho e o estilo de vida.	84
3.2 Táticas de sobrevivência e permanência: nas dobras do legal, ilegal e ilícito.....	89
3.3 Corpo e trabalho: sentindo o peso do encantamento	102
CAPÍTULO 4. Convívio comunitário: status, distinção e preconceito	108
4.1 Migrante como vencedor.....	108
4.2 Brasileiros por brasileiros: Conflito e distinção.	112
5.1 Solidão e religião	128
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143

INTRODUÇÃO

Nos estudos sobre fluxos migratórios contemporâneos, a década de 1980 é vista como o início de um novo *boom* migracional. Nos últimos trinta anos, migração e mobilidade tornaram-se uma questão relevante dentro das agendas políticas e acadêmicas. Como afirma Urry (2008), parece que o mundo todo está em movimento, e o sentimento de que há uma estrutura de “mobilidades” parece estar no ar. Castles e Miller (2009) consideram este período como “a era das migrações”, uma fase constituída por complexidades sociais emergentes e mudanças no referencial espacial, durante a qual fluxos migratórios circulam com maior intensidade entre as fronteiras nacionais.

Não por coincidência, nas últimas três décadas a emigração surgiu como um fator relevante no Brasil. Os primeiros estudos a respeito (SALES, 1991; 1995; MARGOLIS, 1994; GOZA, 1992; SASAKI, 2000; TORRESAN, 1994) consideravam a crise econômica da década de 1980 e 1990 como fator principal desse movimento de saída de trabalhadores em busca de melhores condições de vida e trabalho em outros países. Ou seja, era uma migração de trabalhadores, pertencentes a alguns segmentos da população, que estavam desiludidos com a situação do Brasil e decidiram buscar melhores oportunidades fora; eram os “exilados da crise” econômica que abasteciam o mercado de trabalho dos EUA, Europa Ocidental e Japão (ASSIS, 2002; FUSCO, 2007).

A grande maioria desses migrantes se desloca de seus locais de origem para exercer trabalhos considerados pouco qualificados, ou que os “nativos” se recusam a fazer. Estes trabalhos em geral são realizados dentro da informalidade¹ e até da ilegalidade, como serviços pessoais e domésticos - babá, empregada doméstica, faxina, acompanhamento de pessoas idosas ou deficientes, etc (RIBEIRO, 1998). Tais ocupações são de baixa remuneração para os padrões dos trabalhadores locais, situação agravada pelo fato de a maioria dos imigrantes não possuir documentação, o que levaria a uma situação de “rebaixamento” do status ocupacional desses trabalhadores, que definem suas ocupações como “subempregos”.

Em certa medida, essas pesquisas seguiam uma corrente de autores, como Sassen (1988), que ligavam os novos fluxos internacionais da década de 80 à globalização e as

¹ A noção de informalidade vai variar de acordo com a legislação de cada país. Contudo, em muitas situações o que é considerado formal também possui traços de informalidade e ilegalidade. Nos países centrais a informalidade tem se desenvolvido a partir de um recorte étnico, já que são os imigrantes que ocupam esses trabalhos sem vínculos contratuais e sem acesso a direitos sociais. O caso Inglês não foge à regra, onde muitos imigrantes realizam trabalhos informais e ilegais, principalmente no setor de serviços.

disparidades dos níveis de emprego, rendimentos e bem estar social em escala global. Assim, países em desenvolvimento originam fluxos de emigração devido ao aumento do desemprego e à falta de perspectiva de melhores condições de trabalho e vida. Essa situação seria um reflexo do processo de reestruturação econômica que se iniciou na década de 80 e se intensificou nas décadas seguintes. De acordo com Castles e Miller (2009), tal perspectiva teórica estaria organizada de modo semelhante ao modelo econômico neoclássico “push-pull” (repulsão e atração), que considera o fato de que países periféricos funcionarem como polos de repulsão de trabalhadores, enquanto os países centrais atuarem como áreas de atração.

Essa perspectiva teórica tem o fenômeno da migração como resultado de um fator único vinculado ao econômico, no qual o migrante é caracterizado como “migrante econômico” (Knowles, 2003), aquele “mais pobre” que migra de uma região com abundante e mal remunerada mão de obra, para um local com escassez desse serviço e com salários mais atrativos. Embora a maioria dos que migram exerçam esses trabalhos informais e desqualificados, e a questão econômica seja um dos fatores principais que influenciam na decisão de migrar, há algumas constatações empíricas que colocam limites a essa interpretação.

Migrar para além do econômico

De acordo com Knowles (2003), no final do século XX, uma a cada treze pessoas vivendo no ocidente é um migrante internacional. Muitos partem de países em desenvolvimento em direção aos desenvolvidos, porém, uma significativa escala de migrantes sai de países desenvolvidos migrando para outros em desenvolvimento, como os seis milhões de britânicos (10% da população) que moram no exterior²; assim como o caso dos 500.000 brasileiros que vivem no Paraguai, os chamados *brasiguayos* (MRE, 2009). Sendo assim, os fluxos migratórios devem ser analisados contextualizados, sem resumir as migrações contemporâneas a deslocamento de trabalhadores pobres para locais mais desenvolvidos, até porque, como afirma Urry (2008), ser fisicamente móvel se tornou, tanto para ricos como para pobres, um “way of life”. É claro que essa mobilidade não acontece da mesma forma para todos, já que classe, gênero, raça e sexualidade influenciam na maneira como essa mobilidade se desenvolve.

² Dado todo histórico de colonização inglesa pelo mundo.

Em algumas situações a maior propensão para a migração nem sempre vem dos mais pobres, mas dos mais qualificados, podendo até contribuir para ampliar as desigualdades entre o país de destino e o de origem (MCGOVERN, 2007). Como é o caso das pesquisas sobre imigrantes brasileiros que demonstram, por exemplo, que são jovens, de classe média e com um elevado nível educacional para os padrões nacionais (Margolis, 1994; Sales, 1999; Assis, 1995; Martes, 1999; Scudeler, 1999; Soares, 1995, Fusco 2007).

A análise focando unicamente a questão econômica é criticada por autores, como Alexander e Knowles (2005) que defendem o ponto de vista de que estudos migratórios, enquanto reflexões sociológicas, não deveriam analisar o advento da globalização unicamente sob o viés econômico e suas implicações. Uma gama de decisões subjetivas, realidades locais e relações históricas entre as sociedades de emigração e de imigração devem ser levadas em conta ao se analisar o grupo migratório, e não apenas a necessidade econômica. A própria noção de necessidade assume diferentes concepções, de acordo com o estilo de vida que o indivíduo leva (KNOWLES, 2003). A pesquisa pioneira de Torresan com brasileiros em Londres (1994), por exemplo, demonstrava que alguns entrevistados migraram para construir uma nova experiência de vida, longe dos padrões de comportamento dominantes na sociedade brasileira.

Estudos sobre emigração brasileira no final da década de 90 e anos 2000 também incorporam uma postura crítica em relação à perspectiva unicamente econômica, como Truzzi (2008) ao demonstrar como a análise das redes sociais auxilia na compreensão, não só dos motivos que levam esses indivíduos a migrarem, mas também das razões da escolha do local; a maneira como se articulam quando chegam ao país receptor; e como os laços sociais proporcionam facilidades e ganhos em um deslocamento. O sucesso daqueles que migraram no período de crise virou motivação para que parentes e amigos seguissem seu exemplo, ou seja, já não era mais a crise em si o motor da decisão de migrar, mas o próprio “migrante pioneiro”, que construiu um elo com os que ficaram (FLEISCHER, 2002).

Massey e Goldring (1992) analisaram o sucesso dos pioneiros mexicanos que migraram para os Estados Unidos da América (EUA) como um estímulo para mais indivíduos migrarem e assim, gradualmente, consolidar redes sociais internacionais que passaram a facilitar o movimento de novos migrantes. A mesma situação tem ocorrido em regiões do Brasil, como os fluxos existentes entre a cidade de Governador Valadares (MG) e algumas regiões dos EUA (FUSCO, 2002; SOARES, 2002); de Criciúma para os EUA (ASSIS, 2003);

e de outros pontos regionais para países específicos no exterior, como para Portugal (MACHADO, 2005), Massachusetts/EUA (MARTES, 1999), Japão (SASAKI, 2000), dentre outros.

As pesquisas sobre redes consideram a existência de uma “rede solidária” que funcionaria entre os brasileiros que tentam se ajudar na sociedade de destino. Contudo, muitas vezes as análises se limitam a traçar e a analisar rotas e tamanhos das redes sociais, e sua importância no processo migratório (ASSIS et al, 2010 ; ASSUNÇÃO, 2010 ; NITAHARA SOUZA, 2010)³, sem levar em consideração as diferentes formas que, esses contatos, podem ser utilizadas por migrantes com características sociais distintas; ou até como esses laços sociais, ao mesmo tempo em que ajudam e incluem alguns, podem funcionar como instrumentos de controle e exclusão. Sem contar que podem incorrer no mesmo “erro” que os chamados teóricos “econômicos” cometeram ao reduzir os motivos para migrar a um único fator, substituindo o “*Homo Economicus*” pelo “Homem Solidário”. Para muitos, o migrante é um ator que se relaciona dentro da sua comunidade a partir de relações pautadas pela reciprocidade e solidariedade, sem levar em conta os conflitos e competições existentes dentro do grupo, o qual também é excludente (MARTES e FAZITO, 2010).

Para além do “Homem Solidário”: conflito, exclusão, e discriminação nas comunidades brasileiras.

A partir do quadro exposto, pesquisas que problematizaram a questão das redes sociais começam a ser realizadas. Analisando a solidariedade brasileira em contexto migratório, Fusco (2007) em sua pesquisa com mineiros de Governador Valadares que moram nos EUA, propõe que quando tratar do caso das “redes de brasileiros” troque-se a ideia de “homem solidário” por “homem cordial” – fazendo referência ao texto de Sérgio Buarque de Holanda (1995) –, uma vez que, para ele, a sociabilidade de nosso povo é eficiente em grupos sociais fechados. Sendo assim, os recursos e informações que circulam nessas redes ficam presos a circuitos fechados e estreitos, de confiança.

³ Esses trabalhos foram apresentados no 34º Encontro Anual da ANPOCS, 2010, em Caxambu-MG. Na ocasião, os comentários da mesa, e de alguns presentes ao Seminário Temático, girou justamente em torno de que os trabalhos de Redes Sociais e Migração brasileiras estão focando muito, apenas na constituição dessas redes, sem criar nenhuma problematização em cima disso.

Seguindo um pouco nessa linha, Margolis (2003) afirma que a solidariedade dentro das comunidades migrantes é assumida como central pela maioria dos pesquisadores, enquanto que o interesse, a competição, e o conflito dentro delas são amplamente ignorados. Essa falta de solidariedade entre os brasileiros começa a aparecer em outros trabalhos sob o discurso de que não existe um “espírito comunitário” entre brasileiros que vivem nos EUA. Margolis (1994; 2003) diz que os brasileiros em Nova York reclamam de que não há um senso de comunidade entre os compatriotas. Martes (1999; 2003) analisa situação semelhante em Massachussetts, quando considera a venda de postos de trabalho no ramo da faxina como uma falta de solidariedade, além de brasileiros não aceitarem cheques de outros brasileiros por falta de confiança. Resende (2003) e Oliveira (2003) também demonstram tal falta de espírito comunitário e uma imagem negativa em relação aos brasileiros que vivem em Boston/EUA. Essa situação se intensifica ainda mais com o discurso de que os brasileiros se transformam, quando estão no exterior. Não se ajudam e só pensam em ganhar dinheiro (MARGOLIS, 2003).

A imagem de falta de solidariedade e depreciação do brasileiro no exterior impacta com a formação de suas identidades no novo contexto social. Existe um discurso de um “nós x eles” entre os brasileiros que vivem em Nova York, Boston e Miami e, no geral, funciona para criar a identidade de um brasileiro superior em contraposição a um outro inferior, “sujo moralmente” – mal educado, ignorante, caipira. Surge, assim, um contexto de preconceito e discriminação entre os conterrâneos em terras estrangeiras.

A diversidade da emigração brasileira não permite reduzir o potencial explicativo da solidariedade e da identidade comunitária baseando a análise na origem cultural comum (falar a mesma língua, ter os mesmos costumes e pertencer ao mesmo país), pois é comum, nas comunidades no exterior, a criação do “outro inferior”, hierarquização e discriminação entre os próprios brasileiros. Em outros termos, as filiações étnicas ou identidades, e a solidariedade que delas resulta, são processos sociais que só podem ser compreendidos se contextualizados, e se a cultura do grupo for considerada como uma relação e não como um inventário de traços e valores que sistematicamente se repetem. Quando se debate sobre identidade étnica, racial, nacional, é necessário que esta seja “historicizada” e contextualizada (MARTES, 2003), até porque raça e etnia são produzidas continuamente em relações concretas com lugares, pessoas, atividades e objetos de cultura material. Raça e etnia são construídas em cenas do dia a dia (KNOWLES e HARPER, 2009).

Weber (1991) ao analisar as relações comunitárias étnicas já dizia que o simples fato de indivíduos pertencerem a um mesmo país de origem não quer dizer que haja uma relação comunitária entre eles. Raça e etnia somente conduzem a uma comunidade quando são sentidas subjetivamente como característica comum a todos, já que o preconceito, ou a tendência ao “isolamento monopolista”, no dizer de Weber, pode se fixar em elementos quaisquer, sejam eles raça, cor, nação, regionalismos etc. Isso vai variar de acordo com o contexto, porém, essa afinidade estreita entre os membros baseia-se somente em um fundamento comum: a crença em uma honra específica – a honra étnica dos membros, da qual pessoas estranhas não participam.

Elias et al (2000) compartilha de uma visão parecida com a de Weber ao dizer que a sua teoria de “estabelecidos e *outsiders*”⁴ pode ser aplicada a uma gama de desigualdades humanas: relações entre classes, grupos étnicos, colonizadores e colonizados, homens e mulheres, pais e filhos, homossexuais e heterossexuais. Pois, na realidade, o que existe é uma relação entre grupos, na qual o grupo estabelecido cerra fileiras contra os *outsiders*, estigmatizando-os como “pessoas de menor valor humano”, pois eles não possuem a virtude humana superior que une o grupo estabelecido, ou seja, o carisma grupal que o dominante atribui a si mesmo.

Para Elias, os membros dos grupos mais poderosos que os outros interdependentes pensam-se a si mesmos como humanamente superiores, possuem a honra étnica à qual Weber faz referência. Sendo assim, mais uma vez o que vai aparecer como unificador do grupo é a figura de um “outro” inferior, e as características que serão utilizadas para identificar quem somos nós e quem são eles (raça, cor, etnia, língua, nacionalidade) vai depender do contexto no qual esses indivíduos se inserem. Não é por menos que quando se analisam os casos dos brasileiros morando nos EUA, esse “outro” é assumido por diferentes indivíduos.

Em vários locais dos EUA o hispânico age como o outro inferior para criar a identidade brasileira a partir do “nós não são como eles”, uma vez que os hispânicos são vistos como mais pobres e menos instruídos que os brasileiros. Essa situação acontece em Nova York (MARGOLIS, 2003), e em Massachussets (MARTES, 2003). Porém, como afirma Martes (idem), por mais que a categoria hispânica seja interpretada na maioria das vezes como exclusiva, isto não significa que os brasileiros não venham a adotá-la em

⁴ Relação de grupos onde um grupo de pessoas (estabelecidas) é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo (*outsiders*) muito semelhante, através de mecanismos que depreciem a imagem do outro, como a fofoca, por exemplo.

circunstâncias específicas, e de maneira instrumental, quando podem se beneficiar do sistema de cotas, como o que acontece em Miami, local onde a comunidade hispânica é bem organizada politicamente e o fato de *alguém* se identificar como hispânico pode ser vantajoso.

A pesquisa de Oliveira (2003) em Miami demonstra justamente isso, entre si os brasileiros refutam a denominação “hispânico”, mas quando interagem com a sociedade abrangente, a vinculação ao hispânico é muito vantajosa, não tendo a mesma conotação negativa que em outras partes dos EUA. Quando os imigrantes buscam proteção contra o preconceito que as classificações étnicas impõem, e essa proteção é institucionalizada em alguns locais, como acontece na Flórida, esses sujeitos se vinculam a determinadas categorias que lhe trarão ganhos, mesmo que internamente digam que não são todos iguais, como é o caso dos brasileiros que se vinculam à comunidade hispânica em Miami. Ou seja, nesses casos, um *chicano*, um dominicano, um porto-riquenho, e um brasileiro podem se reunir sendo apenas “latinos” ou “hispânicos” para poder se confrontar ao racismo institucionalizado, construir alianças eleitorais, adquirir poder local, ou ainda ganhar espaço dentro de uma instituição. Mas quando estão exclusivamente na companhia de outros latino-americanos, descartam os latinos e a vinculação se dá pelo país de origem.

Portanto, há uma situação de instrumentalização dessas categorias étnicas, e a maneira como elas são operacionalizadas está ligada tanto ao contexto institucional local quanto às situações individuais específicas, pois o contexto institucional local é tão importante quanto as características próprias e internas do grupo, já que fatores geracionais, heterogeneidade dos grupos nacionais e classes sociais produzem as clivagens internas (MARTES, 2003).

Dessa forma, tem-se a vinculação identitária desses indivíduos variando tanto de acordo com o contexto institucional ao qual eles se inserem, ou seja, tanto em um nível de identificação mais macro, como em um nível mais micro, de acordo com a situação de interação em que se encontram.

Em Nova York e em Massachussets tem-se a constituição da identidade brasileira em contraposição à figura do hispânico inferior, ao mesmo tempo em que “internamente” esses brasileiros afirmam existir um outro brasileiro que não é como eles; isto é, um brasileiro que vem de um nível social baixo, não tem formação, educação, boas maneiras e cultura, é considerado analfabeto e pobre.

Esse outro brasileiro inferior aparece em vários discursos, nos EUA, materializando-se na figura do “mineiro”, como acontece na Florida, já que, lá, os “estabelecidos” seriam

aqueles que vivem em “Miami-Dade” (paulistas e cariocas) e os *outsiders*, os “mineiros”, os que moram em “Pompano Beach” (OLIVEIRA, 2003). Em seu trabalho, Oliveira demonstra que essa distinção, que aparece centrada no regionalismo trazido do Brasil, é na realidade uma consequência das condições de classe dessa população. Em “Miami-Dade” há uma “elite brasileira” provinda do sul do país, que são comerciantes e estão nos EUA há mais tempo. Essa elite não se mistura com os brasileiros de “Pompano Beach” por não os considerarem de confiança, estarem ilegais, realizarem trabalhos sujos etc. Ou seja, são os “imigrantes econômicos” pobres.

Essa situação também acontece em relação aos brasileiros que moram em “Broward”, outro município próximo a “Miami-Dade”. Resende (2003) diz que os brasileiros em Miami vivem em bairros de classe média alta e em “Broward” estão os mineiros, o estereótipo do imigrante brasileiro que não é digno de confiança, ou seja, que representa a ideia do “verdadeiro imigrante”, aquele que vem de um país pobre e não voltará para o país de origem. (FLEISCHER, 2002).

Em Miami, há uma diferenciação local, a partir do trabalho, que é expressa na questão do regionalismo brasileiro, já que em “Miami-Dade” os brasileiros estão mais estabilizados e muitos são comerciantes e empresários, enquanto em “Pompano Beach” e “Broward”, estão realizando os trabalhos considerados desqualificados no setor de serviço, o chamado “trabalho de imigrante”, e todos são chamados “mineiros”.

Margolis (2003) demonstra que em NY os brasileiros são em grande parte provenientes da classe média; lá também-estão realizando o mesmo tipo de trabalho, e o *outro* inferior é, em um nível mais macro, o hispânico, e internamente tem-se o “outro” brasileiro com um status social mais baixo, e menos escolaridade. Contudo, quando os entrevistados eram questionados sobre quem seria esse outro brasileiro sem escolaridade, não sabiam responder, mas diziam que existia, pois eram ouvidos falando português errado na rua. Margolis acredita que esse discurso de criar um *outro* inferior deve ser confortável para os brasileiros de classe média e média baixa em NY, cujo próprio padrão social torna-se problemático, em função de seu trabalho de baixa qualificação como imigrantes, na medida em que eles parecem dizer que é possível que estejam em bem pior situação atualmente, mas pelo menos vieram de boas famílias e possuem uma boa formação, ao contrário dos outros.

Em Londres a situação se assemelha muito com as encontradas nos EUA, porém, na Inglaterra não há essa relação direta dos brasileiros com hispânicos ou latinos, o que faz com

que em Londres o brasileiro não tenha esse *outro* étnico para se diferenciar em um âmbito maior. Sendo assim, a diferenciação maior acontece entre os próprios brasileiros, e é comum ouvir afirmações de que o brasileiro quando migra para Londres só pensa em dinheiro e faz tudo para tirar proveito de seus conterrâneos; são pobres, sem cultura e nem um pouco solidários. Assim como em Nova York, essa diferenciação surge mesmo em um contexto onde a grande maioria realiza o mesmo tipo de trabalho precário.

As redes sociais permitem explicar várias situações presentes nos recentes processos migratórios. Muitos dos deslocamentos realizados na atualidade têm a sua razão na existência das redes, até porque, como afirma Fusco (2002), os migrantes brasileiros, do mesmo modo que os demais, não se dispersam aleatoriamente pelo mundo, mas seguem os passos de seus precedentes, concentrando-se em destinos específicos, atraídos pelas facilidades que os laços sociais proporcionam. Contudo, deve-se também levar em conta como esses laços são utilizados, e os conflitos existentes dentro das comunidades. Tais conflitos refletem, também, na maneira como a identidade desses migrantes será construída no país receptor.

É nesse sentido que outra perspectiva, ainda não muito utilizada nas pesquisas brasileiras, passa a ganhar força nos estudos migratórios: A idéia de *lifestyle migration* (KNOWLES E HARPER, 2009), que busca compreender não apenas o motivo que levou a emigração, mas também a complexidade de como o migrante elabora suas práticas cotidianas e sua identidade na sociedade receptora. Tal proposta analítica não tem a intenção de reduzir o ato de migrar a apenas um único fator, nem de excluir a questão econômica, mas de trazer outras variantes sociais.

Our usage of lifestyle migration is not intended to flatten migration motives to a single dimension. On the contrary, it acknowledges the shifting multiplicity of motives and adds something we consider more important: the operationalization of motives in concrete settlement practices. We think about lifestyle migration as constituted in its settlement practices. Our use of lifestyle migration also acknowledges the inseparability of economic factors like income, and the quality of life it support (KNOWLES e HARPER, 2009, p.11)⁵.

⁵ Tradução livre do autor: Nosso uso do *lifestyle migrations* não tem a intenção de reduzir a migração a um único motivo. Pelo contrário, essa ideia não só reconhece a multiplicidade de motivos existentes, assim como permite analisar algo que consideramos mais importante: A forma como esses motivos são operacionalizados nas práticas concretas de se fixar. Pensamos sobre *lifestyle migration* como algo constituído no ato de se fixar. Nosso uso do *Lifestyle migration* também reconhece a indissociabilidade dos fatores econômicos, como renda, e a qualidade de vida que isso garante.

Essas duas últimas perspectivas se complementam e serão utilizadas na análise dos imigrantes brasileiros em Londres. Para a maioria dos trabalhadores entrevistados, as redes sociais forneceram informações importantes, como a escolha do local para migrar, indicações de trabalho, moradia etc. Ou seja, as redes funcionaram como intermediário para a mobilidade do migrante. Todavia, quando se realizam análises voltadas ao estudo de trajetórias, é perceptível a diversidade de atores com diferentes interesses presente nesse grupo que realiza o mesmo tipo de trabalho na sociedade receptora, e isso vai influenciar na maneira como vão se relacionar. Existem diferentes *lifestyles* que se cruzam em um mesmo local, e esses estilos de vida estão em constante construção e reconstrução por esses migrantes.

Esta pesquisa busca analisar, num contexto de deslocamentos em rede, as trajetórias de “diferentes migrantes brasileiros” que estão em Londres realizando o mesmo tipo de trabalho desqualificado (faxineiros, lavadores de prato e garçons), focando o processo de deslocamento, chegada, adaptação, primeiros trabalhos, táticas de sobrevivência e permanência utilizadas, utilização dos contatos sociais, e a convivência intracomunitária.

Algumas questões constituíram o ponto de partida da pesquisa: os motivos iniciais que levaram esses brasileiros a saírem do seu país para se sujeitarem a trabalhos desqualificados – e em sua grande maioria precários –, mesmo quando possuíam um relativo elevado grau de escolarização e qualificação; os fatores que ajudam a definir o local de destino; a importância das redes sociais na inserção do mercado de trabalho informal/ilegal; as artimanhas utilizadas para a permanência no país; as perspectivas com relação ao futuro.

A hipótese que orientou a investigação é a de que dentro de um contexto de globalização e mobilidades, as redes sociais funcionam como mediadores que facilitam os deslocamentos, já que os contatos sociais fornecem as informações iniciais para realizar tal processo e muito provavelmente será a partir dessas informações que se obterá acesso à moradia, trabalho e a outros bens materiais, ou não. Contudo, nem sempre esses laços são solidários e proporcionarão ganhos a todos, podendo excluir alguns ao mesmo tempo em que incluem outros, além de ter a possibilidade de servirem como instrumento de controle social.

Uma vez inserido em uma nova sociedade, realizando os mais diversos tipos de trabalho que no Brasil boa parte desses brasileiros jamais fizeram, novos valores passam a ser criados acerca de um trabalho antes considerado desqualificado, e novas formas de diferenciação passam a ser utilizadas como maneira de se distinguir e se justificar socialmente dentro de um novo contexto.

É importante ressaltar que rede social, aqui, não é uma estrutura social estática, que agiria como se fosse um ator, e que o simples fato de alguém “ser parte dela” fizesse com que ela lhe proporcionasse acesso a todos os lugares por ela alcançados. As redes referem-se a sociabilidades heterogêneas, acumuladas ao longo da trajetória de vida dos indivíduos, em constante transformação. Sendo assim, as redes devem ser consideradas relacionais, portanto, intrinsecamente dinâmicas. Variam de indivíduo para indivíduo e podem ser mobilizadas de diversas maneiras, dependendo da situação e dos atributos de cada um (MARQUES, 2010).

A pesquisa e Organização do texto

Esta pesquisa foi realizada a partir de dois momentos distintos na capital inglesa. O primeiro foram nove meses (2008-2009) vivendo na comunidade brasileira em Londres, com o objetivo de estudar Inglês e ter uma experiência como imigrante tendo que “se virar” dentro dos chamados sub-empregos.

Durante essa experiência foram realizadas anotações acerca do trabalho do grupo de imigrantes, suas estratégias e problemas enfrentados. Foi desenvolvida uma etnografia⁶ com “participação observante” (WACQUANT, 2002) em diversos tipos de trabalho, como faxineiro, assistente de cozinha e garçom; convivendo socialmente com trabalhadores brasileiros fora do trabalho e observando as “táticas de sobrevivência e permanência” utilizadas em seu cotidiano.

A descrição densa de várias situações do dia a dia de um imigrante, apresentada ao longo do texto, é fruto desta “etnografia/participação”. Consiste em descrever a vida de um imigrante tendo como referência minha trajetória como imigrante/trabalhador/pesquisador.

Esta vivência/convivência permitiu acesso a informações mais detalhadas, como, por exemplo, observar os problemas e dificuldades de estar ilegal ou presenciar o uso de drogas no trabalho, situações a que dificilmente teria acesso caso me apresentasse apenas como pesquisador. Segundo Whyte, referindo-se ao seu trabalho de campo, “para encontrar as pessoas, passar a conhecê-las, encaixar-me em suas atividades, tinha que gastar tempo com

⁶ Por etnografia utilizo os termos de Wacquant (2002, p. 12) que a descreve como sendo uma metodologia na qual o pesquisador realiza a “imersão iniciática e mesmo a conversão moral e sensual ao cosmo considerado como técnica de observação e de análise que, com a condição expressa de que ela seja teoricamente instrumentada, deve permitir ao sociólogo apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos que põem em operação cotidiana aqueles que o habitam”.

elas” e, apenas “sentando e ouvindo, soube as respostas às perguntas que nem mesmo teria tido idéia de fazer se colhesse apenas por entrevistas” (2005: p. 304).

A pesquisa é fruto das interações no e com o campo de estudo. Assim como Wacquant (2002) fez ao se tornar um boxeador para realizar a sua pesquisa, inseri-me como “objeto” e sujeito da observação. Os relatos são os de um trabalhador imigrante em Londres e de um pesquisador em trabalho de campo.

O segundo momento foram três meses em Londres (2011), quando realizei cerca de trinta entrevistas em profundidade, buscando resgatar a trajetória de vida do grupo de trabalhadores brasileiros contatados na estada anterior: suas vidas antes de sair do Brasil, o processo de deslocamento (chegada e adaptação), a busca por trabalho e convivência com o *outro*, e perspectivas em relação ao futuro.

Os dados obtidos a partir deste segundo momento se cruzam com a experiência em campo no momento de organizar o texto.

Das trinta entrevistas realizadas foram escolhidas seis trajetórias, a meu ver, representativas dos outros casos que conheci. Escolhi três casos que, teoricamente, representariam dois grupos distintos de migrantes. No primeiro são apresentados os casos de três mulheres que afirmaram ter migrado para estudar inglês, mas questões familiares e de gênero também foram importantes na tomada de decisão na hora de migrar. No segundo grupo são apresentadas as trajetórias de três homens que se encaixariam no modelo clássico do migrante econômico: migra com o propósito de trabalhar, acumular e retornar para o país de origem. Contudo, como será demonstrado, essas categorias não se sustentam por muito tempo ao longo de suas vivências em Londres.

O texto foi construído como um passeio por vidas migrantes, no qual utilizo minha trajetória como estruturante dos relatos dos migrantes. Por esse motivo, em alguns momentos o texto apresentará passagens aparentemente repetitivas, pois, dependendo da situação, a história pode se repetir nos estudos de casos. Assim também em outras, pequenos detalhes são diferenciais nas trajetórias apresentadas. Portanto, utilizo das palavras de Lahire (2004) quando este diz, ao apresentar seus “retratos sociológicos”, que a repetição aqui é uma informação importante e não uma falha na escrita, mesmo porque, a intenção é demonstrar justamente quais os fatores que diferem essas experiências migrantes. O texto está dividido em cinco capítulos, acrescidos de um último referente às *considerações finais*.

O primeiro capítulo, “*O desenraizamento: chegando e adaptando*”, apresenta como se deu o deslocamento e a chegada dos seis casos estudados, junto com minha própria experiência. Esta parte foca os motivos que levaram esses migrantes a se deslocarem e os fatores que diferenciaram a chegada ao novo país. Além disso, a importância da casa, tanto para conseguir o primeiro trabalho como para aprender os códigos da sociedade local, aparece como central no processo de adaptação do imigrante. O adaptar-se também se modifica de acordo com as características individuais de cada caso.

O segundo capítulo, “*Redes e trabalho*”, além de caracterizar os trabalhos de *cleaner*, *kitchen porter e waiter*⁷, foca na importância dos laços sociais para se conseguir o primeiro trabalho, assim como para garantir uma mobilidade entre as ocupações. Por outro lado, também demonstra que essa última varia de acordo com os atributos individuais, e como os mesmos contatos sociais que intermediam a mobilidade desses migrantes, em muitos momentos também servem de instrumento de controle e exclusão dentro do ambiente de trabalho.

O terceiro capítulo “*Prolongando a permanência: vivências, consumo, táticas e corpo*”, apresenta como esses migrantes começam a refletir e a resignificar seus objetivos de vida a partir do momento em que passam a ter certa vivência na capital inglesa. Inicialmente há uma ânsia pelo trabalho e muitos começam a realizar longas jornadas, mesmo aqueles que não tinham a ideia inicial de migrar para trabalhar e juntar dinheiro. Nas horas vagas há também um encantamento com o estilo de vida, marcado por festas, consumo e viagens, motivos declarados para permanecer no país por mais tempo que o planejado. Uma vez que a ideia do retorno se modifica, esses migrantes são obrigados a utilizar diferentes táticas de sobrevivência e permanência. Contudo, com o passar do tempo, aquela ânsia por trabalho diminui, até porque seus corpos não aguentam tanto esforço e desgaste, o que faz com que o ritmo de trabalho diminua assim como o estilo de vida se modifique.

O quarto capítulo “*Convívio comunitário: status, distinção e preconceito*”, foca o dia a dia desses migrantes na maneira como se relacionam. A primeira parte relata como a ideia do migrar é fortemente marcada pela cultura do “vencedor”, o indivíduo migra para vencer e, com isso, precisa manter sempre essa imagem, tanto para aqueles com quem convive em Londres, quanto para os que ficaram no Brasil. Já a segunda parte traz os relatos da imagem que os brasileiros têm de seus conterrâneos que moram na capital inglesa.

⁷ Faxineiro, lavador de pratos e garçom, respectivamente.

O quinto capítulo, “*Negociando o retorno: liberdade, solidão e presente permanente*”, retrata o momento em que a ideia do retorno começa a ser negociada, assim como os motivos apresentados para se fixar ou não. Neste contexto, a solidão aparece como um dos piores problemas para muitos dos migrantes, e as igrejas brasileiras surgem como apoio para alguns superarem esse sentimento. Por último, o capítulo “*Considerações finais*” sintetiza alguns achados analíticos da pesquisa; tenta amarrar algumas ideias que foram pulverizadas ao longo do texto com as descrições das trajetórias.

Antes de iniciar o texto de fato, algumas ressalvas se fazem necessárias. O texto contém inúmeras transcrições, com a intenção de valorizar os relatos dos entrevistados. As transcrições estão em espaçamentos reduzidos, destacando-as assim do corpo do texto. Foram mantidas expressões e gírias, retirando apenas os “é”, “né”, “aí”, “tipo”, etc, quando não interferiam no sentido da fala. Há também várias expressões em inglês no meio das falas em português, grafadas em itálico e traduzidas, seja em nota de rodapé, quando exige uma explicação maior, ou entre parênteses, ao lado da palavra original. Além disso, todos os nomes foram substituídos por nomes fictícios para garantir a segurança e privacidade desses migrantes, dos quais muitos se encontram em uma situação de ilegalidade.

Por ter conhecimento de que todo trabalho intelectual é produzido coletivamente, seja pelas discussões com os pares no dia a dia dentro de um grupo de pesquisa, ou mesmo por dialogar com toda uma bibliografia no momento de se construir um objeto de pesquisa, e depois, na hora de analisá-lo, faz-se necessário ressaltar que a utilização do sujeito na primeira pessoa do singular ao longo do texto não quer dizer que este trabalho seja uma obra individual, ao contrário, essa dissertação é fruto de conhecimento produzido de maneira coletiva, e dado o caráter subjetivo de todo texto, admite-se, gramaticalmente, usar a primeira pessoa do plural e a primeira pessoa do singular, mesmo que essa última ocorrência seja menos usual (ALVES, 2007). De acordo com Almeida e Miranda (2009), a utilização da primeira pessoa permite uma maior liberdade quanto à explicitação do autor, demonstrando a relação do sujeito-autor com o seu objeto de estudo, bem como as reflexões e interpretações feitas por este sujeito. Portanto, devido ao caráter “etnográfico” desta pesquisa, a utilização da primeira pessoa do singular facilita no momento em que se explicam as experiências e interações com o campo, de um modo geral.

Caracterizando o Campo: O perfil dos brasileiros em Londres

De acordo com dados do Ministério Brasileiro de Relações Exteriores (MRE), em 2009, o número de brasileiros residindo no Reino Unido já demonstrava indícios de esta ser a maior comunidade de brasileiros na Europa, com 180.000 indivíduos, seguido de Portugal (137.000), Itália (70.000), Espanha (125.000), Suíça (57.500), Alemanha (89.200), França (60.000) e Bélgica (42.000).

Além disso, dados do estudo *Brasileiros em Londres: relatório para a campanha “de Estrangeiros a Cidadãos” (Strangers into Citizens)*, realizada pelo departamento de Geografia da *Queen Mary/ University of London* (EVANS ET AL, 2007), indicam que os brasileiros estariam entre as mais diversas nacionalidades que vêm crescendo atualmente em Londres. O que viria a colocar os brasileiros como um dos grupos que compõem a chamada *nova imigração* que tanto contribuiu para a emergência do fenômeno da *superdiversidade* no Reino Unido (VERTOVEC, 2006). Mesmo com dificuldades para saber com precisão os números reais, uma vez que a pesquisa indica que mais de 50% dos brasileiros em Londres estariam em situação de ilegalidade, analistas e organizações estimam que exista por volta de 200.000 brasileiros em todo o Reino Unido, sendo que apenas na capital inglesa o número varia entre 130.000 e 160.000. Cwerner (2002), por exemplo, chega a afirmar que não seria sem propósito dizer que a maior comunidade brasileira na Europa hoje, encontra-se em Londres.

Na tentativa de traçar um perfil socioeconômico do brasileiro em Londres, o relatório indica que 25% das pessoas entrevistadas foram a Londres para estudar e trabalhar; 24% para trabalhar e poupar; 21% tinham o objetivo de ficar em Londres para sempre; 16% tinham apenas o interesse em estudar a língua inglesa; 8% declararam outros interesses e 6% não responderam. São jovens e bem educados, se compararmos com a situação brasileira, já que 54% possuem segundo grau completo e 36% prosseguiram os estudos, mas nem todos completaram o terceiro grau.

Em relação à ocupação, os dados apontam que 63% dos brasileiros entrevistados (de ambos os sexos) trabalham em período integral (de trinta e cinco a quarenta e oito horas) em trabalhos relacionados ao setor de serviços, como limpeza (conhecidos como *cleaners*), hotéis e restaurantes, *courier*/motorista, construção civil e babá (*baby sitter*). Ou seja, em trabalhos

conhecidos pelo nativo inglês como *unskilled Jobs*⁸: 32% dos brasileiros afirmaram trabalhar no setor de limpeza, 26% em hotéis e restaurantes, 10% como motoristas, 13% em outros serviços, 9% em construção civil, 3% como *baby sitter*, 1% não trabalham, e 6% não responderam.

Em geral estas categorias de trabalho são caracterizadas por atividades em que os trabalhadores são compostos por estudantes de inglês, imigrantes legalizados – principalmente aqueles que não detêm o domínio da língua local –, e indocumentados. Nestas modalidades de ocupação, o trabalhador cumpre geralmente longas jornadas semanais, podendo durar de sete até dezoito horas por dia; e, em muitos casos, fazem um ou mais dias *doubles*⁹ na mesma semana. Além disso, como muitos destes trabalhos são vinculados ao setor de gastronomia e limpeza, os dias mais sobrecarregados correspondem aos finais de semana. O que significa que os dias de folga quase sempre ocorrem durante o meio da semana.

O estudo relatou também que a maioria dos entrevistados chega ao país com o objetivo permanecer temporariamente, até porque só conseguem vistos temporários, mas o que se verificou é que muitos acabam permanecendo mais do que o tempo previsto, sem saber dizer ao certo quando retornarão ao Brasil. Isso seria um indicativo de um constante processo de construção e reconstrução dos objetivos de vida nas trajetórias desses migrantes.

Além disso, quando questionados sobre os motivos de estarem lá, apontam sempre mais de uma razão para a ida a Londres: o consumo, a mobilidade, o acesso a bens e serviços (bens materiais e simbólicos como serviços públicos de boa qualidade, viagens, novas formas de sociabilidade a todo o momento, a chamada “experiência de vida ou vontade de ver o mundo”) e outros aspectos compõem as respostas desse grupo.

Assim, existem diferentes “brasileiros”, com diferentes razões para estarem em Londres, e questões, como classe, gênero, raça e capital social, são diferenciais tanto na entrada quanto na vivência nesse novo local. Porém, há uma intersecção de experiências que perpassa todo imigrante recém-chegado (FRANGELLA, 2010), caracterizando-o por ter uma vida móvel, flexível, imediatista, e muitas vezes voltada para o consumo. Além disso, esses diferentes brasileiros estão se encontrando e interagindo em espaços onde realizam os “trabalhos desqualificados”. É justamente na conexão desses espaços e outros cenários

⁸ Trabalho desqualificado.

⁹ Os *doubles* são dias de trabalho em que o imigrante tem uma jornada dupla num único dia. Assim como ocorre com a palavra *busy*, a palavra *double* também foi apropriado pelo vocabulário do imigrante brasileiro. Frases como “Voce está *double* hoje?” ou “Quantos *doubles* você faz nesta semana?” são usualmente ditas entre os imigrantes.

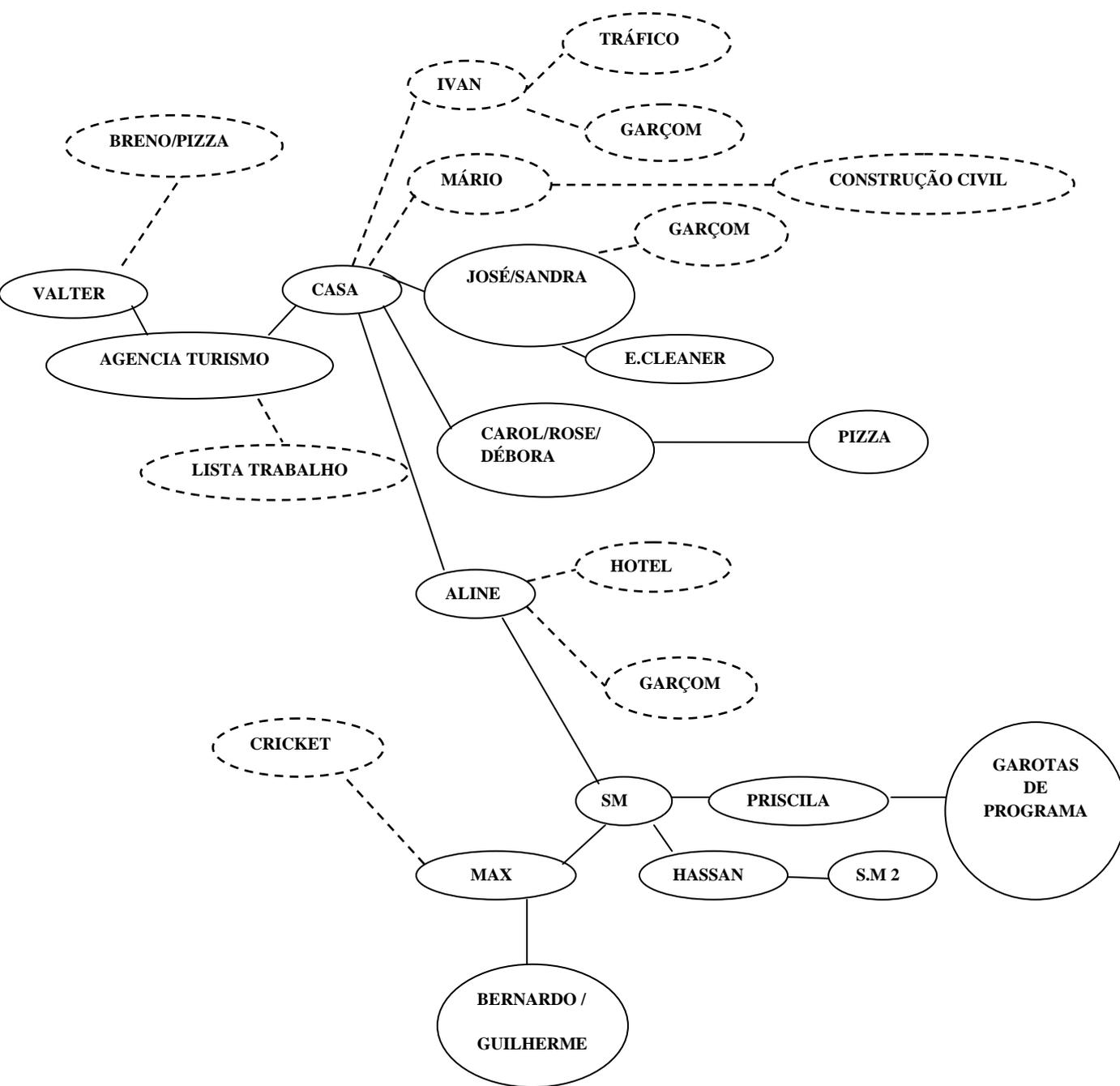
urbanos, com esses corpos migrantes, é que é possível encontrar os pontos de acesso para analisar suas trajetórias e as habilidades necessárias para se ter uma vida flexível em Londres.

No grupo observado nenhum dos deslocamentos foi decorrente de algum tipo de migração forçada. São brasileiros pertencentes a diferentes contextos sociais no Brasil, com diferentes histórias de vida em Londres, e que decidiram ter uma vida melhor em outro país. Todos são de primeira geração, vivendo no país de um a dez anos, com diferentes situações documentais e formas de “contrato” de trabalho. A grande maioria não possui planos para o futuro e buscam focar suas vidas no presente, sem saber ao certo quando retornarão.

Poderiam ser caracterizados como estudantes e trabalhadores, mas essas categorias ficam frouxas quando são verificadas as suas trajetórias. Muitos se dizem estudantes, mas não vão à escola e às vezes trabalham mais do que aqueles que só se definem como trabalhadores. Essa mesma “flexibilidade” se dá na questão da legalidade e ilegalidade, porque mesmo aqueles que possuem documentação muitas vezes estão cruzando a barreira do legal e ilegal através dos poros lá existentes. Pode-se dizer que todos são *Serving-class migrants* (KNOWLES e HARPER, 2009), trabalham no setor de serviços.

Abaixo segue um “sociograma”, uma ilustração dos caminhos percorridos por mim, enquanto trabalhador/pesquisador, que proporcionaram, ao mesmo tempo, acesso a trabalho e moradia e às mais diferentes histórias de vida relatadas aqui. As linhas tracejadas demonstram locais que propiciaram informações e conhecimento sobre a possibilidade de vivenciar “tais caminhos”, embora não tenha passado por eles. As linhas inteiras demonstram os trajetos percorridos enquanto trabalhador. Toda a descrição a seguir baseia-se em tal ilustração.

Figura 1 - Sóciograma



CAPÍTULO 1. O Desenraizamento: chegando e se adaptando

1.1 Deslocamento e chegada

O ato de migrar em si remete diretamente à questão da mobilidade espacial, porém, esse movimento requer do migrante mais do que apenas se deslocar espacialmente, é necessário que ele se desvincule, minimamente, de sua “pessoa” – construída a partir de seu local de origem – para nascer como indivíduo para uma nova sociedade.

Como demonstra SAYAD (1998), a emigração é a fase em que o migrante deixará seu grupo e espaço sociocultural para lançar-se em busca de seus objetivos, e sua chegada é o momento em que este nasce como indivíduo para a sociedade receptora, a qual desconhece tudo o que antecede o momento do nascimento. A chegada é o fim de uma jornada e o começo de uma nova; de uma nova vida em um novo local (KNOWLES e HARPER, 2009). Contudo, a forma como esta se dá, varia de acordo com as características da trajetória de cada um.

Esse nascimento para a sociedade receptora acontece no controle de migração, o que pode ser uma experiência tranqüila e simples para uns e traumática para outros. O “nascimento traumático” acontece para aqueles que não possuem uma documentação européia e se encaixariam em estereótipos de possíveis imigrantes ilegais: jovens, provenientes de países mais pobres, não possuem vínculos no país de origem que comprovem o retorno (trabalho, bens, etc) e não têm muito dinheiro para se manter no país receptor. O meu caso. Filho mais novo de um bombeiro aposentado e de uma manicure, cresci em uma cidade pequena no interior de São Paulo. Apesar de economicamente minha família ser considerada como de “classe baixa”, tive acesso a determinados bens e serviços na cidade, devido aos laços sociais que meus pais possuíam, os quais intermediaram meu convívio com pessoas consideradas pertencentes à “classe média alta”, compartilhando alguns “signos desse grupo”, se é que assim se possa dizer. Através dos contatos sociais que minha mãe estabelecia com as suas clientes, somados ao fato de sempre ter sido considerado um bom aluno, consegui cursar os últimos anos do colégio com bolsas de estudos em escolas particulares – estudei até a sétima série do ensino fundamental em escolas públicas. Foi assim, através da rede de minha mãe que tive acesso ao ensino privado. Contudo, provavelmente isso não se daria se eu também não tivesse os atributos necessários para ser um bolsista; nunca me deixavam

esquecer de que eu tinha que ser o aluno bom para a escola e o “amigo certinho” – o estudioso que não fumava e não bebia – quer fosse para os donos da escola ou para os pais de meus amigos.

Durante o tempo de colégio sempre tive vontade de fazer algum desses intercâmbios para outros países, como fizeram alguns colegas. Porém, minha família não tinha condições de arcar os custos. Dessa forma, quando estava no segundo ano da universidade consegui uma bolsa de iniciação científica, e guardei todo o dinheiro com o fim de viver uma experiência em outro país¹⁰. Essa ideia surgiu quando encontrei um amigo, Valter, que estava indo para Londres passar um tempo por lá com seu irmão Breno, que morava na Inglaterra havia dois anos. Valter me passou todas as informações necessárias para migrar, como a agência que utilizou e um possível contato de trabalho na pizzaria onde seu irmão trabalhava. Assim, em dezembro de 2008, embarquei rumo a Europa, com Diego, um amigo de república que também queria ter uma experiência de vida na Inglaterra e aprender inglês.

Quando cheguei à imigração em Londres existiam duas filas, uma na qual passavam as pessoas ligadas a União Européia e a outra para o Resto do Mundo (*Rest of the World*). Diego não falava nada de inglês. Eu brincava com ele na fila: “Você é branco, com cara de italiano, olha esse nariz!”, provavelmente não teria muito problema. Mera coincidência ou não, foi exatamente o que aconteceu. O agente de imigração perguntou se Diego falava inglês, respondeu que não e deu os papéis e o passaporte para o agente que os analisou por volta de uns cinco minutos e carimbou-o.

Na minha vez fizeram a mesma pergunta a respeito da língua, respondi que falava um pouco. Foi então que começaram a me questionar sobre o que eu fazia lá, por que queria aprender inglês, qual a profissão do meu pai, se era rico, entre outras questões que levaram mais de quarenta minutos. Quando já havia mostrado todos os papéis que a agência de turismo mandara e tinha tentado responder a todas as perguntas, mesmo estando muito nervoso e não conseguindo mais entender nenhuma delas, o agente olhou e disse que me deixaria passar.

Foi um momento tenso, e pela primeira vez na vida tinha sentido o que era estar em uma situação abertamente de discriminação. Toda rede de pessoas, atributos e capitais (sejam

¹⁰ Um pouco antes de entrar para a Universidade meu pai e meus irmãos abriram uma pequena empresa no ramo de transportes. Esse novo empreendimento familiar proporcionou uma situação financeira mais favorável, permitindo que eu vivesse e estudasse em outra cidade.

eles materiais ou simbólicos) que sempre estiveram por trás de mim era como se nada valesse mais: eu era um imigrante mendigando a permissão de entrar em um país.

A experiência no controle de imigração foi um ritual de passagem, um tipo de tortura simbólica que gerou um sentimento de estar sendo controlado a todo o momento. Como afirma Clastres (1990) "um homem iniciado é um homem marcado", sendo o objetivo da iniciação, em seu momento de tortura, a marcação do corpo, uma vez que no ritual iniciatório a sociedade imprime a sua marca no corpo dos jovens. A tortura não constitui apenas uma prova de resistência pessoal, cujo sucesso garante a aprovação social, mas a lesão que dela restou institui um pertencimento social, é uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo. Sendo assim, a experiência deixou em meu corpo, e no de vários outros com os quais eu convivi na Inglaterra, a marca do controle. Todas as vezes que tive que passar pela imigração ficava nervoso, como se estivesse fazendo algo proibido e que seria descoberto a qualquer momento. Até o inglês, que havia melhorado muito, eu esquecia.

Essa passagem frustrante pelo controle de migração aparece em diversas trajetórias, assim como na dos primos Bernardo e Guilherme, os quais precisaram ser um pouco mais "flexíveis" para conseguir entrar no país.

1.1.1 Bernardo e Guilherme

Bernardo e Guilherme cresceram em Araçatuba, uma cidade pequena do interior de São Paulo. Oriundos de famílias de baixa renda, não chegaram a completar o segundo grau; eles se encaixariam no típico modelo de migrante presente em nosso imaginário, o "migrante econômico", aquele que migra de uma região mais pobre em busca de trabalho e melhores condições financeiras em outro local. Na década de 1990 houve uma "febre" de um pessoal de Araçatuba que migrou para fora do país e voltava sempre com dinheiro, fato que fez com que muitos dos jovens dessa cidade tivessem o sonho de sair do Brasil, trabalhar por um tempo nos EUA ou na Europa, acumular todo dinheiro ganho e depois retornar, para abrir um negócio.

Era muito comum você escutar de alguém que foi para Portugal, sempre você ouvia falar do Japão, EUA também, então eu tinha que sair. Eles voltavam, compravam carro, compravam terreno, desfilavam, e eu vim de uma família muito pobre, então eu via como uma oportunidade para mim [Guilherme].

Bernardo, o primo mais velho, foi o primeiro a migrar. Em 2004, com vinte e seis anos de idade, trabalhava em uma fábrica de motor de tanquinhos e armários em sua cidade, ganhava R\$560,00 por mês e dizia que naquela empresa não teria futuro algum. Como tinha um vizinho morando nos EUA, primeiro tentou o visto para aquele país, o qual foi negado. Depois de ter gasto muito dinheiro com isso, Bernardo ficou em casa desempregado por dois meses. Durante esse período, usou um pouco do dinheiro de seu acerto com a firma onde trabalhava e financiou uma moto. Além disso, também comprou um carro, apesar de ter sido “uma loucura consumista” de alguém que estava desempregado, foi justamente por causa do carro que Bernardo foi morar em Londres.

Eram três que moravam aqui (Londres) há treze anos, eram os irmãos Fadiga. Eles iam para o Brasil direto, para a minha cidade, compravam uns carrões para dar *role* (dar voltas). Por fim eles foram e se apertaram lá e eu comprei um carro deles quando estavam voltando para Londres. Só que eu dei metade do dinheiro, que eles precisavam na hora, e falei que pagava o resto aos poucos. Nesse negócio de dever o dinheiro nós ficamos amigos. Mandei um pouco, depois mandei outro pouco e perguntei para ele: “*mano*, e como que é aí?” Ele falou: “Ah, aqui tem emprego para todo mundo”... Eu decidi ir, e eles iam me ajudar, até porque eu devia para eles e se tivesse lá do lado deles *trampando* (trabalhando), eu ia pagar [Bernardo].

Com o contato dos irmãos Fadiga, Bernardo vendeu sua moto e o carro; com o dinheiro comprou uma passagem para Londres. Embarcou como turista e tentaria o visto de estudante quando chegasse ao aeroporto. Como não falava inglês e não tinha nada que comprovasse algum tipo de vínculo que o fizesse retornar ao Brasil foi barrado no controle de imigração e levado a uma sala de interrogatórios.

Chamaram de novo (pela quinta vez). A mulher olhou e perguntou de novo: “O que você veio fazer aqui?”, com tradutor. Falei: “ah, vim estudar”. “Estudar o quê?”. “Estudar inglês”. “Em que escola você veio estudar?”. Falei: “na *Metropolitan College*”. Perguntaram se tudo que eu havia falado era verdade, porque se fosse mentira eu seria julgado na corte daquele país. Depois de um monte de pergunta, falaram se eu tinha alguma coisa a dizer, eu falei: “Ó, na verdade eu tenho sim, eu não sabia que no primeiro mundo eu ia ser tão mal recebido assim”. A mulher pegou e perguntou para ele (tradutor): “o que ele falou?” Ele pegou e traduziu. Ela falou para ele: “fala para ele que ele não é o primeiro e nem o último, para ele calar a boca”. Eu fiquei louco. Levantei e perguntei “onde está minha mala? Cadê meu dinheiro? Eu quero ir embora agora”. “Eu não preciso disso aqui não”. Levantei e falei “prazer em conhecê-lo, prazer em conhecê-la”, em português mesmo, foda-se. Eles ficaram de cara comigo... O cara me mandou de volta para a sala... Depois de dez minutos ele veio e falou: “Olha

foi um prazer em conhecê-lo, como o senhor disse, mas o senhor foi deportado, pegue sua mala ali e me acompanhe”. Eu acompanhei, né, meu?! Só que a gente chegou em uma roleta lá e ele virou para mim e falou: “*Welcome to the United Kingdom!!* O cara estava brincando, eles tinham deixado eu entrar [Bernardo].

Três anos mais tarde, em 2007, seu primo Guilherme, com 25 anos, seguiu os passos de Bernardo e acabou passando por constrangimentos semelhantes. Na época Guilherme estava trabalhando em um posto de gasolina, no Estado do Mato Grosso do Sul, quando decidiu tentar a vida na Espanha, com um amigo de trabalho.

Meu amigo conseguiu falar com o cara lá (da Espanha) e o cara disse para gente ir para Sevilha que ele ajudaria no começo. Eu pedi as contas no posto, fiz o acerto, financeiei a passagem, vendi a moto que eu tinha, e com o dinheiro dava para comprar a passagem e ter uma reserva para o início [Guilherme].

Quando já estava com tudo pronto para embarcar, seu amigo descobriu que seu pai estava com câncer e por isso não iria mais para a Espanha. Guilherme disse que não perderia aquela oportunidade, pois, como ele mesmo diz, era a sua hora. Então, pediu apenas para seu amigo confirmar com o contato na Espanha se estava tudo certo ainda e ele iria.

Fui, só que em Madri o cara não foi me receber, o cara não foi para Madri, acredita? Eu fiquei quatro dias em Madri sem saber nada. Eu tinha uns euros guardados do acerto e fiquei dormindo em *hostel* (albergue). Tinha mais ou menos uns dois mil euros, então não passei fome nem esse tipo de necessidade, mas eu estava sozinho, desesperado, apesar de não saber a língua, o espanhol era fácil de entender e se virar. Aí lembrei do meu primo em Londres, eu tinha pegado o telefone dele com a minha tia. Liguei para ele da Espanha, e ele falou: “Vem para Londres que eu te ajudo, mas entra pela Escócia que é mais tranquilo” [Guilherme].

Foi exatamente o que Guilherme fez, porém, acabou tendo problema na Imigração em Edimburgo.

Achei que seria fácil porque na Espanha o cara me perguntou: “O que você tá fazendo aqui?” Eu disse, eu vim de turismo, a empresa que eu trabalho no Brasil me deu a passagem e dez dias aqui na Europa. Eu aleguei que era vendedor de carros e naquele ano fui o que vendeu mais carros. Essa história eu inventei, eu sabia que tinha que inventar algo bom. O cara perguntou se eu tinha reserva em hotel, eu tinha em dois hotéis. Dei as reservas e entrei sem nenhum problema. Na Escócia não *colou* (funcionou) não [Guilherme].

Na Escócia não acreditaram que as empresas brasileiras estivessem dando esse tipo de prêmio para trabalhadores. Depois de horas de interrogatório, seguraram o passaporte de Guilherme, e boa parte de seu dinheiro; pediram para voltar ao aeroporto no dia seguinte, uma vez que ele teria que voltar para a Espanha e não tinha mais vôo naquele dia. Virando-se com o pouco dinheiro que tinha e um inglês que ouvia na TV, Guilherme conseguiu passar a noite em um hotel e ir para Londres de trem, no outro dia, deixando seu passaporte para trás.

Depois de ouvir toda a história e os problemas que enfrentou para chegar em Londres, muitos diriam que ele foi corajoso, assim como lhe foi dito no dia da entrevista:

Corajoso, não! É desespero mesmo. Eu vim de uma família muito pobre, era a mudança da minha vida, era o que eu tinha para mim. Foi o único tiro que eu tinha. Lembro quando eu cheguei aqui em 2008 e o pessoal ficava falando de crise nos Estados Unidos, crise na Europa. Quando me perguntavam, eu falava: crise?! Crise eu vivi no Brasil por 26 anos, não tem crise aqui não, crise foi a minha vida antes [Guilherme].

Após essa experiência, Guilherme diz que ficou quase um ano saindo de casa só para trabalhar e mais nada, pois a experiência na Imigração fez com que ele se sentisse seguido a todo o momento por algum policial.

Hoje eu perdi esse medo (de sair nas ruas). Eu já não gosto muito de sair, e eu estava morrendo de medo... Qualquer guardinha que eu via na rua achava que era a Imigração indo me buscar [Guilherme].

1.1.2 Rose

Apesar de ter razões diferentes para migrar, e pertencer a um *background* diferente, Rose, que também não falava inglês, teve uma chegada traumática. Nascida na Bolívia e criada na cidade do Rio de Janeiro, seu pai trabalhava na embaixada boliviana no Rio e sua mãe era dona de casa. A quarta dos seis filhos do casal (quatro homens e duas mulheres) sempre foi considerada a “ovelha negra da família”, a que gostava de beber, sair para as festas e não queria muito estudar.

Apesar de ter crescido em uma família com boas condições financeiras, Rose a considera problemática: sempre teve problemas de relacionamento com seus pais, principalmente com a sua mãe, que por ser submissa a uma lógica de família machista, era

quem reproduzia o mesmo tipo de dominação com relação à forma de criar seus filhos, ensinando as mulheres a serem submissas aos homens (FREYRE, 2003).

Minha mãe sempre defendeu demais os homens, e meu pai, lógico, com as meninas, só que nisso a gente sempre perdia, porque eram eles... Para minha mãe, homem pode tudo e mulher não pode nada. Sempre reclamando que eu não sei costurar, que eu não sei cozinhar, que eu não sei lavar um prato, que eu não sei porra nenhuma! [Rosa].

Rose terminou o segundo grau e começou a fazer faculdade de Administração, mas não gostou e acabou largando ainda no primeiro ano. Como não estava cursando faculdade e não aguentava mais o controle exercido pela sua mãe, começou a procurar emprego, pois acreditava que com a independência financeira adquirida poderia fazer o que bem entendesse. Com a indicação de uma de suas cunhadas, foi trabalhar como vendedora, em uma loja de grife, famosa. Por querer muito trabalhar nesse lugar, e haver conseguido o trabalho através da indicação de sua cunhada, trabalhou duro e nunca dizia não para as gerentes, sentia-se na responsabilidade de trabalhar sempre que precisassem. Como resultado passou a ser valorizada pela gerente e logo começou a subir dentro da empresa.

Ai foi quando comecei a bater cotas e mais cotas... Meu nome começou a parecer no top, entre as primeiras de toda a rede... Tava vendendo muito, ganhando bem, e como as gerentes das lojas todas se conhecem, sempre tinha alguém me ligando para ir trabalhar para eles. Então, eu sempre trabalhei em todas as lojas que eu quis, menos na “Osklen” e na “Osklen” eu queria muito trabalhar, mas para trabalhar lá eu precisava falar inglês e não sabia nada de inglês [Rose].

Isso poderia levar a crer que a ida de Rose para a cidade de Londres estaria ligada ao fato de ela querer aprender inglês a fim de conseguir trabalho na loja onde tanto desejava, contudo, a questão familiar foi a que mais pesou na decisão de migrar.

Eu nunca falei que era por causa de inglês e também não é para juntar dinheiro... Vim para Londres por quê? Meu irmão caçula decidiu vir para Londres não sei por que, com a namorada. Depois, puxou meu outro irmão. Eu estava bem lá, eu era subgerente na “Merizaide” quando decidi vir para Londres, mas meus irmãos mais novos foram para Londres, minha irmã fez dezoito e fugiu de casa, falou que não aguentava mais meus pais, fugiu de casa, casou. Foi morar no Uruguai com um uruguaio. Outro irmão mora nos EUA e o outro era casado no Rio. Então eu reparei: “Vou morar com a minha mãe, sozinha!!! Então eu decidi vir para cá quando eu vi que

realmente eu ia ficar com a minha mãe, sozinha. Não porque eu não me dou com a minha mãe. Minha mãe é um amor de pessoa, uma grande mãe, mas como mãe dos homens. Brigo direto com ela, a gente sempre teve altas discussões [Rose].

Na tentativa de sair definitivamente do controle da mãe, ligou para seu irmão mais velho, que é engenheiro no Rio, sob o pretexto de estudar inglês e matar a saudade dos irmãos mais novos pediu-lhe que pagasse suas passagens para Londres e um curso de inglês. Rose largou seu emprego de subgerente e partiu, aos trinta e dois anos, no ano de 2008.

Rose não saiu do Brasil com o visto de estudante e pretendia solicitá-lo quando chegasse ao país. Só que naquele ano as regras de migração tinham sido alteradas, e ela não podia mais solicitar o visto de estudante quando chegasse ao Reino Unido, isso deveria ser feito ainda no Brasil. Como não falava nada de inglês, foi chamada uma tradutora que lhe explicou a situação. Rose ficou chateada com o ocorrido, mas como havia entendido que era apenas um problema de mudança na lei, não se tinha percebido como imigrante ilegal. A situação se modificou um pouco quando foi levada para o local onde as pessoas deportadas aguardam seus voos, foi quando sentiu na pele o que a palavra “imigrante” significava naquele contexto.

Cara eu me senti muito humilhada, fizeram milhares de perguntas, tirei toda a roupa, até do meu clitóris eu fiz a digital, de tanto, tanto que tinha digital. A cela era tipo de filme, cama de cimento, de dois andares, a TV acoplada em cimento, não tinha nada, o banheiro era um buraco, a pia era de botão. A janela tinha alguma coisa que protegia também. A única coisa que tinha era uma cadeira de plástico branca, que eu falava: “Se eu ficar mais um dia aqui, eu quebro essa cadeira e me corto, mas eu não fico mais um dia aqui”. E aquelas portas, que tinham aqueles buraquinhos que eles abriam e passavam a comida por baixo. Cara, nossa, me senti muito mal, muito mal, não conseguia dormir de jeito nenhum. Não tinha aquecedor, porque era um frio do *caralho*, mas tinha uma colcha, eu fiquei com nojo... Eu nunca pisei numa prisão, nunca fiz nada. Em uma prisão?! No outro dia, três horas da tarde já levaram a gente para o aeroporto... quando chegou ao aeroporto as tuas malas ficam com um monte de papel, deportada, deportada, deportada, morria de vergonha, morria. É uma forma de humilhar!! [Rose].

Voltou para o Brasil, escondeu-se dos amigos por causa da vergonha que havia passado e decidiu voltar para Londres. Se as pessoas a vissem no Rio, teria que explicar o que aconteceu e dizer que havia sido presa e deportada, fato que jamais admitiria. Depois de realizar todos os procedimentos necessários para conseguir o visto, retornou a Londres e dessa vez não teve problemas para entrar. Contudo, a marca simbólica desse acontecimento

permaneceu. Ficou com medo de tudo, não falava com ninguém; ficava com medo de andar na rua e no metrô. Tinha sempre aquela sensação de estar sendo vigiada por alguém e que qualquer coisa poderia acontecer a qualquer momento.

Em contrapartida, aqueles que saíram do Brasil com visto de estudante e toda documentação necessária para entrar no país, não passaram pelos mesmos constrangimentos, como no caso de Aline e Priscila que possuíam, além do visto de estudante, dinheiro, comprovante de acomodação e uma carta da escola.

1.1.3 Aline

A história de Aline se assemelha à de Rose no sentido de que migrou para poder “fugir” de algumas questões familiares, e se sentir um indivíduo vivendo sozinho em uma metrópole. Ao contrário de Rose, Aline era considerada a responsável da família, e sempre se sentiu muito pressionada por isso. Nascida e criada no Rio de Janeiro, a filha do meio, entre quatro irmãos (um homem e três mulheres), cresceu em uma família de classe média, religiosa, o que fez com que seu círculo de amizade sempre se restringisse a esse meio. Contudo, na medida em que começou a ficar mais velha e querer novas experiências, passou a entrar em conflito com o que sentia e com o que as pessoas da igreja e seus pais diziam sobre o que é certo e o que é errado.

A gente (ela e os irmãos) teve essa criação, meu pai sempre prendeu muito a gente. Não tinha muito contato com o mundo, na infância, na adolescência... E depois a gente foi para a Igreja Batista, então os nossos amigos era lá o pessoal da igreja. Só aquela galera com quem ia para o shopping, para o cinema, para a praia, para tudo, era só a mesma galera. Então, você cresce num outro ciclo... Só que quando eu tinha dezessete anos eu comecei a namorar. Meu namorado também era da igreja, e você começa a ouvir aquelas coisas, que você tá errado e tal, e você começa e a se sentir mal. Aí eu saí (da igreja). Ele (namorado) saiu primeiro, depois eu saí também. Nunca mais voltei. Porque é a idade que você começa a sair, que você começa a beber... Começa a transar com seu namorado e tal [Aline].

Aline continuou com seu primeiro namorado por cerca de cinco anos. As coisas estavam bem financeiramente, já que era gerente de uma loja famosa de grife feminina em um shopping na Barra da Tijuca e tinha terminado sua faculdade de Turismo. Sempre quis sair do Brasil, mas como pretendia casar logo não pensava na possibilidade. No entanto sua vida mudou com o término de seu relacionamento.

Na realidade Londres é uma consequência de várias coisas complicadas que aconteceram. Meu namorado, que eu namorei uns cinco anos, terminou comigo, e depois foi complicado para eu me recuperar. Fiquei mal, tal. Fiz dois anos de terapia. Eu não conseguia aceitar. Porque para mim ele era o homem perfeito para minha vida... E tinha os problemas na minha casa, o tempo inteiro a maioria dos problemas sobravam para mim. Tudo em cima de mim. E eu lembro que na terapia o meu médico falava que eu não tinha filho, eu não tinha filho grande, eu não podia tentar querer resolver os problemas do meu pai, da minha mãe, dos meus irmãos. Eu tentei começar a assimilar isso. Falei não, realmente não dá [Aline].

Foi quando, com vinte e nove anos, em 2006, decidiu sair e ficar longe de todos esses problemas. Avisou no trabalho que iria sair, cumpriria o aviso prévio e migraria para algum país. Pensou primeiro na Austrália, no entanto, optou por Inglaterra, Londres, devido à facilidade para conhecer outros países europeus. Pesquisou na internet e comprou um curso de inglês, arrumou uma casa para morar e conseguiu um visto de estudante. Com o dinheiro da venda de seu carro, mais alguns que havia guardado, foi para Londres com o intuito de se isolar por um tempo.

Eu tinha essa mentalidade que eu ia viver isolada no meu cantinho... Ia trabalhar com qualquer coisa, mas ia viver minha vida, ia ter minha cabeça em paz. Eu não conhecia ninguém que morasse em Londres nem nada [Aline].

Dessa forma, Aline não migrou seguindo os passos daqueles que já haviam se deslocado, não tinha um suporte estruturado para quando chegasse a Londres. Como no meu caso, ela tinha como certo somente um lugar para ficar por um mês e seu curso de inglês. Como não tinha nenhum trabalho em vista, as informações sobre trabalho e como levar uma vida de imigrante viriam dos laços que ela ainda iria criar na sua chegada.

1.1.4 Priscila

Assim como Rose e Aline, Priscila não teve como fator principal de seu deslocamento a necessidade de trabalho ou porque queria aprender inglês, por mais que seu visto fosse de estudante e ou porque a desculpa dada a todos era sempre a questão do idioma. Na verdade Priscila queria, do mesmo modo que as duas anteriores, “fugir” do controle exercido pela família, mais especificamente, em seu caso, do controle de sua mãe e avó. Buscava viver, pela

primeira vez, longe do modelo de vida que sua avó havia imposto a sua mãe e estava tentando impor a ela. Apesar de sempre sentir essa pressão, assim como aconteceu com Aline, foi o término de um longo namoro que impulsionou essa tentativa de “se tornar livre” em outro país.

Minha avó se casou com meu avô, que era médico, e ela queria ser médica também, só que ela nunca estudou porque o pai dela, que também era médico, tirou ela do colégio quando começou a existir colégio misto, porque uma menina direita não estudava em colégio com homem. Então ela cresceu com essa cabeça pequena, dominando todo mundo, porque a família é grande. Todo mundo tem que ser do jeito dela, ela criou a família inteira dentro daquele mundinho. Então, todo mundo viveu naquilo ali, vive até hoje e eu odeio aquilo. E minha mãe se casou com meu pai, que é completamente diferente dela, porque meu pai não vive naquilo, e foi por isso que o casamento acabou. Eu sou bem parecida com meu pai porque eu não vivo naquilo, eu odeio aquilo até hoje, e eles querem enquadrar você. Você tinha que se moldar ao jeito deles, ter que casar virgem, levar o namorado para almoçar na casa dela de domingo. Eu nunca levei meu namorado lá, nunca. Para você ter noção, a minha tia menstruou e ela não sabia o que era aquilo, sabe?! Minha família é assim, todo mundo se enquadra ao jeito da minha avó. Eu sou a única neta que não se enquadra ao jeito dela. Por isso que eu não me dou bem com a minha mãe, porque a minha mãe no fundo quer fazer o que a minha avó quer, porque todo mundo faz e é a mãe dela [Priscila].

Com vinte e sete anos tinha se formado em Administração e estava trabalhando no departamento financeiro da Coca-Cola, em Recife. Estava bem, economicamente, com um emprego fixo em uma companhia grande, porém já não agüentava mais as discussões com sua mãe, e o término com seu namorado fez com que começasse a procurar alguma forma de ser livre e sair de toda aquela pressão.

Como Priscila tinha algumas conhecidas que moravam em Londres, entrou em contato com elas para saber sobre os procedimentos para viajar, conseguir visto etc. Em setembro de 2006 viajou junto com uma amiga de trabalho, para Londres, com o visto de estudante.

1.1.5 Max

Max foi outro que teve sua chegada sem grandes problemas na imigração. O quarto filho, sendo cinco no total, de uma família de descendentes de portugueses que migraram para São Paulo em meados do século XX, nasceu e cresceu no Capão Redondo, um bairro

periférico da cidade de São Paulo conhecido por ser muito violento. Sua família sempre foi dona de negócios no bairro, possuía um Lava Rápido e Despachante.

Por ser filho de mãe imigrante, dizia que sempre teve vontade de viajar, conhecer os EUA e Portugal, mas nunca havia tido oportunidade até então. Foi quando, em 2002, começou a planejar uma vida fora do Brasil, por um ano, para aprender inglês. Nessa época trabalhava na companhia aérea Varig, no aeroporto de Congonhas. Exercia o cargo de gerente operacional e não ganhava mal. Como a sua namorada também trabalhava na mesma empresa, e ambos almejavam crescer dentro da mesma, decidiram que precisavam morar fora por um tempo para aperfeiçoar o inglês e retornar ao Brasil com uma qualificação melhor, o que ajudaria a subir dentro da companhia.

A gente queria sair do país para poder estudar inglês, queríamos ir para Califórnia, mas teve aquele negócio do atentado nos EUA que ficou mais complicado ainda para conseguir o visto, e, além disso, a gente não conhecia ninguém na Califórnia [Max].

Como os pais de sua namorada eram muito conservadores, Max teve que se casar para poderem viajar juntos. Já casados, decidiram viajar para Londres, porque conheciam um pessoal de seu bairro que vivia por lá. Assim como aconteceu a Bernardo e Guilherme, em sua cidade, a história se repetiu no bairro de Max: na década de 1990, alguém dessa pequena cidade, ou bairro, emigrou para Londres e voltou para o Brasil ostentando dinheiro e uma vida feliz. A partir disso, vários começam a desejar o mesmo estilo de vida. Seguiram os passos dos primeiros que partiram, constituindo um fluxo de pessoas rumo a Londres. Contudo, no caso de Max, ele apenas informou seu amigo que estava indo para Londres, dizendo que, caso precisasse de ajuda, entraria em contato.

Como não queria conviver com o pessoal do Capão Redondo, em Londres, pagou um curso de inglês e uma casa por um mês, através de uma agência, realizando todo o processo sozinho. Ainda não tinha sua documentação portuguesa (que providenciaria um ano depois), assim, partiria para a Inglaterra com o visto de turista. Após pedir as contas no trabalho e ter juntado dinheiro por quase um ano, Max, com vinte e nove anos na época, migrou, pela primeira vez¹¹, com a sua esposa para Londres, em abril de 2003. Sua intenção inicial era aprender inglês e voltar após um ano quando seus vistos estivessem expirados.

¹¹ Depois que voltou ao Brasil após um ano, Max conseguiu sua cidadania portuguesa e retornou a Londres com sua esposa, para trabalhar, juntar dinheiro e construir uma casa no Brasil. Percebendo que lá era fácil conseguir

Como era funcionário da Varig no Brasil, utilizou o crachá da empresa para entrar na Inglaterra, uma vez que seus amigos do trabalho haviam dito para levar o crachá e dizer que estava viajando de férias. Como a Varig era empresa conhecida, não teria problema na Imigração. Para entrar, portanto, foi tranquilo, o problema veio depois com a adaptação.

1.2. A casa e a adaptação

A primeira casa de um migrante é sempre importante para seu processo de ajustamento no novo espaço. Na maioria das vezes os brasileiros em Londres têm como sua primeira casa um lar de brasileiros, uma vez que esta funciona como o local onde as práticas culturais e regras sociais brasileiras prevalecem – como festas natalinas, réveillon, churrascos, aniversários etc¹² – ou seja, é nela onde acontece a tentativa de reproduzir os valores identitários nacionais. Além disso, a casa também é o local onde o imigrante brasileiro encontra os demais moradores brasileiros, depois de um dia de trabalho, para conversar, falar das angústias e dificuldades encontradas no dia a dia (DIAS, 2010).

Outra importância da casa é que, para esses trabalhadores brasileiros, quase sempre o primeiro trabalho vem dos laços que foram criados neste local. A história se repete aqui, assim como quando Durham (1984) analisou os casos de migrações nacionais, onde é sempre através dos grupos de relações primárias que o migrante obtém e ordena informações sobre oportunidades de trabalho. Este grupo de relações primárias funcionaria como mediador entre os indivíduos e a sociedade, sendo o único ponto de apoio com que os migrantes contam para iniciar o processo de ajustamento nessa nova vida. Além disso, em muitos casos, a carreira do migrante fica condicionada pela experiência ocupacional do grupo de relações primárias do qual participa.

dinheiro, e se encantando com a facilidade no consumo, Max não queria mais retornar ao Brasil, nem quando terminou de construir sua casa. Como sua mulher era muito apegada à família, eles acabaram deixando Londres pela segunda vez. Não aguentou, contudo, o controle dos pais da esposa sobre seu relacionamento. Retornou a Londres, após seis meses no Brasil, pela terceira vez, só que agora solteiro e sozinho.

¹² Isso me fez refletir sobre o Natal que passei na casa com esses moradores, já que a comemoração desta data sempre foi algo a que eu nunca dei muita importância no Brasil, mas quando estava em Londres fiz questão de participar do jantar com eles e depois continuar a celebração bebendo e conversando, ao invés de sair para “baladas” como fazia sempre no Brasil. Eu lembro que fiquei chateado porque todos participaram do amigo secreto e eu não pude participar, pois quando cheguei em Londres os amigos já tinham sido “sorteados”. Era como se eu tentasse reproduzir uma “vida brasileira”, fora do Brasil, que de certa forma me dava um sentimento de pertença e me ligava com a minha vida no Brasil, mesmo que eu nunca tenha reproduzido, ou dado muita importância, de fato, a este estilo de vida em meu país.

Em vários casos, a primeira casa é o ponto de partida para se adaptar a uma nova vida em Londres. Adaptar-se tanto aos valores e códigos de conduta locais, quanto à língua, ao clima e ao trabalho.

A primeira casa onde morei pertencia a um casal de brasileiros que morava em Londres há algum tempo. O casal possuía uma “imobiliária” que trabalhava junto com agências de viagem aqui no Brasil. Indicavam moradores para as suas casas, e em troca eles mandavam os papéis necessários para comprovar, na passagem pela imigração, que estes já possuíam uma residência paga. Além das casas, dentro da “imobiliária” também se realizavam “transações financeiras” para o Brasil. Era o lugar por onde os brasileiros de Londres enviavam seu dinheiro para contas de familiares¹³.

O imóvel retrata bem os domicílios onde os trabalhadores imigrantes vivem. Uma casa pequena, onde a cozinha, sala e “lavanderia” – já que a máquina de lavar roupa quase sempre se encontra na cozinha devido à falta de espaço - são separadas por apenas um balcão, com dois quartos na parte de baixo e três no andar de cima. Dois banheiros pequenos onde as pessoas tomam banho em pé, dentro de uma banheira que possui uma ducha de mão, pendurada na parede¹⁴.

As casas, em sua grande maioria, antigas, têm como maiores problemas os ratos que estão em quase todas as habitações e os terríveis “*bed bugs*” (percevejos) que vivem assombrando o sono dos moradores. Em 2008, o aluguel era pago semanalmente, e o preço variava de acordo com a zona¹⁵ na qual a casa se localizava e com quantas pessoas o quarto era dividido. Em uma casa na zona 1 ou 2, dividindo quarto com mais uma ou duas pessoas, os preços variavam entre 65,00 e 85,00 libras por semana, com as taxas inclusas. O preço de uma semana de transporte integrado – ônibus e metrô por sete dias - entre as zonas 1 e 2 era

¹³ O caso deste casal coincide com os casos analisados por Dias (2010), ao demonstrar que em Londres há um grande comércio brasileiro em torno do aluguel de casas, onde muitos locadores são imigrantes estabilizados no país que alugam suas casas para seus compatriotas como forma rentável para viverem.

¹⁴ Por mais que a descrição do banheiro possa ser uma visão etnocêntrica, tendo como modelo o “padrão” brasileiro de banheiro, é importante ressaltar como esse estilo de banheiro “choca” muitos brasileiros recém-chegados que não estão acostumados com a arquitetura local. Em uma conversa sobre as coisas diferentes que marcaram esses migrantes quando chegaram a Londres, o modelo de “chuveiro” dentro da banheira é algo que sempre aparece nas falas. E o mais interessante é que, ao longo do tempo, a pessoa passa a se acostumar com a estética do local, com cheiros e gostos, que antes não faziam parte do seu mundo e que agora marcam o seu início em uma nova sociedade. Aos poucos, isso passa a constituir também o seu mundo, e aquele cheiro, visão, ou gosto tão estranho, característico do local, deixa de ser estranho e até perceptível (KNOWLES, 2003).

¹⁵ A cidade de Londres é dividida em 6 zonas para efeito de cálculo de tarifas no transporte público. Essas zonas são círculos concêntricos sendo que a mais central é a Zona 1 no meio. Ao utilizar o transporte público, quanto mais zonas forem atravessadas, mais cara vai ser a viagem. Isso deve ser levado em conta ao se escolher um bairro para morar. Mas em contrapartida, os bairros mais próximos ao centro são sempre mais caros. Fonte: <<http://www.yeslondres.com/exibirartigo.asp?articleid=1>>.

de 24,20 libras; para a zona 3 esse valor subia para 28,40 libras, mas os trabalhadores que se encontravam por lá recarregavam seus cartões apenas para utilizarem ônibus, já que a tarifa caía para 13,00 libras por semana. Contudo, perdia-se muito tempo. As viagens de ônibus em Londres são bem demoradas.

No meu caso, por exemplo, falando-se de moradores, havia apenas um italiano dividindo quarto comigo, os demais eram brasileiros. Meu companheiro de quarto chamava-se Ivan, tinha vinte e três anos e pertencia a uma família de classe média, na Itália. Foi morar na Inglaterra com o objetivo de aprender inglês e viver novas experiências. No início conseguiu trabalho em uma pizzaria italiana, uma vez que não falava inglês. Seu primeiro trabalho, assim como na maioria dos casos de migração, aconteceu, então, em um lugar onde havia pessoas de sua comunidade (RIBEIRO 1998; GOZA 2003)¹⁶. Isso não só facilita na hora de acesso à informação sobre o trabalho, como também em relação à comunicação.

Com o tempo Ivan percebeu que não estava aprendendo inglês, nem obtendo as novas experiências que desejava inicialmente, já que vivia praticamente em uma “mini Itália” dentro de Londres e além de tudo, os italianos o exploravam. Foi então que se mudou para uma casa com brasileiros e arrumou um trabalho de garçom em uma agência inglesa de eventos. Com seu inglês melhor, e aumentando suas redes de relacionamento social – principalmente com brasileiros – Ivan se cansou de trabalhar como garçom e começou a traficar drogas sintéticas utilizadas pelos jovens nas “baladas”, porque, como ele dizia, “dava muito mais dinheiro e ele passava todos os dias em alguma festa diferente”. Ivan teve a facilidade de entrar nessa nova atividade devido ao contato que passou a ter com um grupo de brasileiros que vendia drogas nas festas.

Falando dos brasileiros que moravam na casa, havia o Mário (trinta e cinco anos). Vivia na Inglaterra já havia sete anos e trabalhava na construção civil, mas ainda não falava inglês. Aline e Carol (ambas com trinta e dois anos), estavam lá fazia mais de dois anos, falavam inglês e possuíam os melhores trabalhos. Aline era garçonete “*team leader*” numa empresa de eventos, enquanto Carol era garçonete em uma rede de pizzarias e estava treinando para tornar-se “*assistant manager*” (sub-gerente). O restante do pessoal trabalhava como *cleaners* (faxineiros), José (dezenove) e Sandra (vinte e sete) limpavam estádios na

¹⁶ Ribeiro (1998) demonstra como os estereótipos nacionais ou étnicos podem potencialmente ser elementos de fricção e conflito ao mesmo tempo em que são marcadores que definem nichos étnicos no mercado de trabalho. Goza (2003) em seus estudos sobre trabalhadores brasileiros no Canadá percebeu que laços culturais e linguísticos foram o que deu trabalho a um número significativo de brasileiros empregados tanto por brasileiros como por portugueses, porém muitos deles se sentiam explorados pelos seus próprios compatriotas.

*E.Cleaner*¹⁷ e às vezes trabalhavam de garçom para uma agência de uma brasileira, enquanto Rose e Débora (ambas com vinte e nove anos) trabalhavam como *cleaners* na mesma pizzaria de Carol. Quase todos ali tinham trabalhado na *E.Cleaner*, e foi sempre alguém da casa que arrumou o trabalho para os demais.

Voltando a meu caso, no primeiro dia já senti o “espírito comunitário” presente na casa, ainda que não compartilhasse dele. À noite pude perceber que, à medida em que as pessoas iam chegando, todos se dirigiam até a sala para conversar sobre como havia sido o dia de cada um. Diziam, por exemplo, como o trabalho estava *busy* (movimentado) ou que o *manager* tinha gritado com alguém, ou, ainda, que haviam trabalhado muitas horas naquele dia e no final da semana teriam “feito” um alto número de horas no trabalho. Neste caso, a casa, como afirma Da Matta (1997), seria uma metáfora da sociedade brasileira, onde não existem indivíduos, todos são pessoas. É uma área especial, em contraste com a rua, que segue uma lógica de impessoalidade. A casa é definida como o espaço de “amor”, “carinho” e calor humano, enquanto a rua seria o inverso, um espaço definido como um local perigoso pertencente ao “governo” ou ao “povo”, lugar onde novos hábitos e códigos de conduta precisam ser assimilados e incorporados o mais rápido possível para que o migrante possa se locomover pela cidade (DIAS, 2010).

O processo de adaptação, assim como o da chegada, varia de acordo com as características de cada trajetória. Quando se analisa a trajetória daqueles que chegaram a Londres sem falar inglês, por exemplo, é notório como a rua ganha esse espaço do desconhecido perigoso, e como a mobilidade desses migrantes fica limitada se comparada à daqueles que já falavam, minimamente, o inglês, quando saíram do Brasil.

Logo no primeiro dia, meu amigo Diego já passou a reconhecer a rua como um espaço perigoso. Antes de chegar a casa passamos por um restaurante de *fast food* para comermos algo. Por meu inglês ser um pouco melhor do que o dele, até então, era sempre eu quem tentava interagir com as pessoas na rua para pedir informações. Pedir a comida seria teoricamente algo fácil, então falei para Diego tentar, e expliquei apenas que ele deveria falar “*Can I have*” e o número do lanche que ele queria. A tentativa de Diego não foi muito bem sucedida, pois, quando a moça perguntou o que ele gostaria de beber (isso estava fora do *script* da interação ensaiada), ele ficou sem reação e teve que me chamar para terminar o

¹⁷ Empresa responsável por limpeza em casas de shows e eventos, além de prédios comerciais.

pedido. Depois disso, Diego evitava ao máximo sair sozinho, passava horas dentro do quarto e dizia que se conseguisse um trabalho com o resto do pessoal da casa – que trabalhava fazendo faxina com um grupo de brasileiros –, já seria suficiente, uma vez que não queria mais ter que ficar se esforçando para entender as pessoas.

Max foi outro que sentiu a questão da língua como um dos piores fatores na adaptação. Como a sua primeira casa não era de brasileiros, a própria casa era vista como um local “perigoso”.

Tinha gente de vários países lá (casa de estudantes), e nós tínhamos só três semanas de casa paga, depois disso tínhamos que nos virar para continuar pagando a casa. Mas no começo foi muito difícil, minha namorada falava inglês, mas eu não, eu não entendia nada, não falava nada. Eu tinha muita vergonha de sair, de falar com as pessoas e tal [Max].

O fato de estar em uma cidade completamente desconhecida, sem saber a língua e não ter ninguém conhecido para ajudar, já que não queria conviver com o pessoal do Capão Redondo, fez com que Max se sentisse muito frustrado no início. Sentia-se mal por não conseguir se comunicar com as pessoas, praticamente não saía de casa para ficar estudando, e não faltava às aulas.

Eu queria aprender o inglês, eu ficava neurótico, ficava preocupado em não falar e não entender o que as pessoas falavam comigo. Eu me sentia muito mal. Eu ficava assistindo *Teletubies* quando eu tava em casa, porque eles ficam repetindo as palavras e eu repetia junto. Eles falavam: “*good morning*”, eu falava: “*good morning*”. “*This is a chair*” e apontavam para a cadeira, e eu ia e falava: “*This is a chair*”. Uma vez eu fui comprar um cartão de telefone, eu falei o nome do cartão errado e o cara me deu o cartão e disse algo que eu não entendi. Eu peguei o cartão e saí falando “*Thank you*” e sorrindo para o cara, e nem sabia o que o cara estava falando! Saímos da loja de conveniência com o cartão e a minha esposa falou: “Você sabe o que ele falou para você?” Eu falei assim: “Ah, sei lá, só sei que eu falei ‘*Thank you*’, ele me deu o cartão e eu fui embora.” “Ele falou para você não enforçar a língua dele que você ta ofendendo ele.” O cara era árabe, tava falando que eu to enforçando a língua dele, o *filho da puta* nem inglês é! Eu queria voltar lá para brigar com o cara, e ela falou: “Que brigar o que, você não sabe nem discutir com ele!”. Eu fiquei mais puto ainda, que não conseguia nem me defender nesse país [Max].

Por consequência de não falar inglês, sua vida em Londres se resumia apenas àquele espaço que tinha como familiar, a rota do ônibus 189 que fazia o percurso de sua casa até a escola.

No nosso segundo dia a mulher da casa só falou para minha esposa “Ó, vai na rua ali, pega o ônibus 189 e desce no final que você vai ver a escola lá”. A gente não tinha noção de onde ir, não tinha noção de qual era o final, qual era nada. Todo lugar que ia eu já pensava “Meu, já não falo inglês, tô longe para *caralho* de casa, se eu me perder eu to *fudido*, não volto para o Capão nunca mais!” [Max].

Por mais que a questão da língua, em meu caso, não fosse tão problemática, já que possuía um conhecimento básico do inglês que dava para “me virar”, também sofri nos primeiros meses com o processo de adaptação ao novo local, tanto para aprender a me locomover na cidade nas primeiras semanas, quanto para conseguir um trabalho. Embora tivesse ido morar em uma casa cheia de brasileiros, primeiro tive que ganhar a confiança deles para receber ajuda.

Quem de fato acabou nos ajudando no processo de adaptação à cidade foi José. Ele nos levou para andar no bairro onde morávamos e mostrou os ônibus e metrô que deveríamos utilizar, além de nos acompanhar até uma loja para comprar o *Skype Phone*.¹⁸

Entre as várias coisas que José nos demonstrou ao longo das primeiras semanas, um ato de grande importância foi ensinar como andar no supermercado e encontrar os produtos baratos. Como ele mesmo dizia: “Vamos lá no supermercado que eu vou ensinar vocês a serem pobres em Londres”. José se referia a “*reduce area*” – parte do supermercado onde ficavam os produtos com descontos por estarem com os prazos de validade para expirar. Principalmente no início, economizar é algo muito importante e a maneira mais prática para isso é comer menos e consumir os produtos mais baratos que houver. José, portanto, foi aquele que inicialmente nos ensinou a ser um imigrante em Londres e foi quem, mais tarde, nos conseguiu um trabalho e nos deu mais confiança para “encarar” a cidade.

Rose, Bernardo, Guilherme e Priscila não tiveram muitos problemas de adaptação, inicialmente, pois, apesar de não falarem inglês, foram morar com conhecidos em suas primeiras casas. O que facilitou tanto para aprender a se locomoverem na cidade, assim como para conseguir o primeiro trabalho.

Em contrapartida, Aline foi morar com desconhecidos, mas como já falava inglês não teve problemas para se adaptar e se mover no novo espaço, nem para conseguir um bom trabalho inicial. Foi morar em uma casa pequena, com onze pessoas, dividindo três quartos.

¹⁸ Celular barato, muito usado pelos brasileiros por ter o programa do *skype* que permite às pessoas o utilizarem para se comunicar, não tendo assim que pagar a ligação.

Havia alguns brasileiros, um japonês, um alemão e um francês. Neste momento percebeu que realmente estava sozinha, só que a sensação de estar sem ninguém ao seu lado não foi tão boa quanto imaginava.

Quando eu entrei no quarto ele (o dono da casa) disse: “Essa aí é sua cama”. Eu sentei e comecei a chorar. Comecei a chorar. Falei: “O que que eu to fazendo aqui!? Que merda que eu resolvi fazer na minha vida?” Aí chorei, chorei, chorei. Só que eu tenho aquela de ser muito forte... A galera da casa no começo é legal, tinham alguns brasileiros que te dão uns toques aqui, outros ali, não me ajudaram muita coisa, falaram: “Olha o mercado é ali”... Deram umas dicas de ônibus, falaram: “Se você quiser economizar não pega metrô, pega ônibus”... Comecei a andar sozinha pela cidade, nos dois primeiros meses só andava sozinha [Aline].

Aline levou uma vida de turista, começou a curtir a noite e a ter alguns “namoradinhos”. Foi quando conheceu um brasileiro, Paulo, que já estava em Londres havia algum tempo e tinha uma vida estabilizada. Começou a frequentar a casa dele e percebeu que estava na hora de ter uma vida “normal”, o que significava arrumar um trabalho, até porque seu dinheiro estava acabando.

Levando-se em conta esses relatos é possível notar que a existência de contatos sociais e alguns atributos individuais foram diferenciais na entrada e adaptação no novo país, em cada trajetória, o mesmo acontecendo no momento de se conseguir um trabalho. O fato de possuir conhecimento da língua local, por exemplo, pode abrir muitas portas no início, o que facilitará tanto na obtenção de melhores trabalhos, quanto na mobilidade dos migrantes pelo novo espaço. É sobre o que será discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2. Redes e trabalho

2.1 Conseguindo o primeiro Trabalho

Iniciando pelo meu caso: fiquei quase um mês sem trabalho, entregando currículos pela cidade toda, num total de mais de sessenta, sem nenhum sucesso. Tentei contato com as empresas da minha lista de possíveis trabalhos fornecida pela agência brasileira. Além disso, procurei pela pizzaria em que um amigo do Brasil havia trabalhado. Também não obtive êxito.

À medida em que o tempo foi passando, fui conhecendo melhor as pessoas com quem morava e ganhando a confiança delas. Começaram aos poucos a se solidarizarem com a minha situação e passaram a me ajudar. O primeiro a me oferecer um trabalho foi Ivan. Tinha tido um problema com a amiga brasileira que o “ajudava” nas festas e estava precisando de alguém para substituí-la. Ivan queria que eu o acompanhasse nas festas e curtisse a balada sem precisar fazer nada, a única coisa que deveria fazer era carregar para casa o dinheiro lucrado com suas vendas. Geralmente na saída havia policiais com cachorros procurando por drogas, e se ele fosse pego apenas com o resto de droga que não tinha conseguido vender, seria considerado apenas um usuário e não teria maiores problemas. Entretanto, se fosse pego com droga e muito dinheiro, ele seria caracterizado como traficante. Ou seja, eu trabalharia como “sua mula”, levando o dinheiro para casa e ele me pagaria por festa. Como ainda acreditava na possibilidade de arrumar um trabalho menos arriscado, não cheguei a aceitar.

Foi então através de José que consegui meu primeiro trabalho. Já sabia sobre a *E.Cleaner*, local onde muitos brasileiros trabalhavam. Junto com outros brasileiros, conhecidos da escola, fui até o escritório da empresa. Conversamos com a pessoa (uma mulher inglesa) responsável, a qual nos informou não estarem contratando mais ninguém. E também não tinham previsão para novos cadastros. Em casa, contando a minha situação a José, este ligou na mesma hora para sua supervisora, também brasileira, dizendo que um amigo brasileiro, chegado há pouco do Brasil, precisava muito trabalhar, porém, não possuía ainda o *Insurance Number*¹⁹, e o pessoal do escritório da empresa dissera que não estavam cadastrando mais ninguém. Kelly, a supervisora, orientou-me para trabalhar no jogo do dia seguinte e, quando chegasse a hora de dizer meu nome na entrada do estádio, eu usasse o nome de Larissa - cunhada de José que já havia voltado para o Brasil, mas ainda possuía o

¹⁹ Cartão de seguridade social do país.

registro na empresa e a conta bancária aberta. Assim que o pagamento das horas de meu trabalho caísse na conta, José o tiraria e me pagaria.

Bernardo, Guilherme, Rose e Priscila, também tiveram como primeiro trabalho o de *cleaner*, contudo não demoraram muito para consegui-lo. Bernardo foi morar na casa com os irmãos Fadiga e outros brasileiros, os quais lhe arrumaram um trabalho de cleaner, durante a madrugada. Foi também através de sua rede inicial, no caso os irmãos Fadiga, que Bernardo conseguiu toda a documentação falsa para poder trabalhar. Comprou um *insurance number* e um passaporte espanhol.

A presença de Bernardo em Londres facilitou na adaptação de Guilherme. Recém chegado a Londres, foi para a casa de seu primo e passaram a dividir o quarto. Já no primeiro dia o primo o apresentou aos demais moradores, dizendo que Guilherme havia acabado de chegar e precisava de trabalho. Como Bernardo havia “colocado seus contatos para funcionar” – conforme ele mesmo dizia – já no segundo dia Guilherme conseguiu seu primeiro trabalho.

Lembro que no dia que eu cheguei meu primo falou: “Amanhã a gente vai comprar um celular para você”. Eu não queria celular não, não posso gastar dinheiro com ligação”. Mas ele me falou: “Véio, sem celular em Londres você não vive”. No outro dia eu entendi o porquê. A gente comprou o celular e cinco minutos depois uma menina que morava com a gente, e sabia que eu estava sem trabalho, ligou para o meu primo para falar que tinha um trabalho de lavador de prato para mim no *Soho*. Ai eu entendi porque era importante um celular aqui, por causa dos contatos [Guilherme].

O caso de Rose foi diferente, por ter ido morar com seus irmãos e a cunhada, já tinha trabalho certo quando chegou à cidade inglesa. Ela iria trabalhar com eles como *cleaner*, em um restaurante e em uma lanchonete que servia hambúrguer. Assim, sua primeira *ocupação* também ficou condicionada ao tipo de trabalho realizado pelo pessoal da sua primeira casa, ou aos seus primeiros contatos na sociedade receptora. Já em seu segundo dia na cidade, teve que levantar cedo e entrar na rotina de imigrante, que não conhecia.

Eu cheguei em Londres à tarde, na mesma noite a gente foi para o centro, fomos para um bar, bebemos e fomos para casa. Fechei os olhos, e meu irmão já abriu a porta: “Ei, ei, vamos trabalhar, vamos trabalhar! Vida boa? Aqui, não. Vamos, vamos”. Ai eu fui trabalhar nesse “*puto*” *cleaner* [Rose].

Rose trabalhava cinco horas no restaurante, das cinco às dez da manhã, e recebia 6,50 libras por hora. Como não frequentava as aulas de inglês, saía desse trabalho e ia para a

lanchonete, com seu irmão, fritar batatas. No começo não foi muito difícil para ela se acostumar com essa vida, porque por mais que ela tivesse que acordar cedo e fazer essas atividades jamais feitas por ela, no Brasil, seu irmão estava sempre ao seu lado ajudando-a e sendo protetor. Ele sempre fazia o serviço pesado para ela. Além disso, como ela dizia, no seu trabalho de *cleaner* não tinha gerente “enchendo seu saco”, trabalhava em um grupo de cinco pessoas, todos brasileiros, com exceção de um colombiano amigo de seu irmão, seu futuro namorado.

Priscila também chegou a Londres com uma rede de apoio já inicialmente estruturada. Morou na casa de um conhecido de sua amiga, sem pagar aluguel, até arrumar trabalho, conseguindo através de uma amiga de Recife, já morando em Londres há mais tempo. O marido de sua amiga era supervisor em um *pub*, e a levou para trabalhar de *runner*²⁰ nesse local, onde havia outras pessoas de Recife que também trabalhavam lá por causa desse supervisor brasileiro. Priscila não falava inglês, mas como no *pub* os clientes faziam seus pedidos no balcão, seu trabalho era apenas levar a comida até a mesa.

A gente chegou na casa e era só brasileiro, era uma casa de três andares. O primeiro andar é um “puterinho”, e em cima é uma casa normal. Enfim, a gente foi morar lá dois meses, e ficou dormindo num quarto com quatro meninos. Depois que a gente arrumou trabalho, depois de duas semanas, a gente começou a pagar [Priscila].

Já a adaptação de Max poderia ter sido diferente se desde o início tivesse utilizado os contatos que possuía para obter ajuda. Pois foi justamente através daqueles com quem não tinha a intenção de manter muito contato, que conseguiu seu primeiro trabalho.

Nunca conseguia trabalho porque os caras falavam que eu não sabia inglês, então não tinha como trabalhar. Era a única coisa que eu entendia, cara, “Se num sabe falar inglês, não pode trabalhar”... Com dois meses e meio que eu tava aqui nós tínhamos 5,00 libras no bolso, eu falei para minha esposa que se a gente não conseguisse trabalho em uma semana a gente ia embora. Eu liguei para o meu amigo do Capão e falamos que a gente tava precisando de trabalho, para ajudar a gente e tal. Um deles trabalhava de *cleaner* e disse que ia conversar lá no trabalho dele. No outro dia, à noite, ele ligou para nós e disse “Ó, eu tenho um emprego para sua esposa, manda ela vir trabalhar em tal lugar no final do 189 (ônibus).” Na hora eu pensei “Graças a Deus é no 189, porque a gente não sabe ir para outro lugar!”. Ela foi, encontrou com ele na Oxford. Na mesma semana a gerente dela, uma portuguesa, falou para ela me levar para trabalhar lá também [Max].

²⁰ Ajudante do garçom que leva os pedidos até a mesa.

Max e sua esposa começaram a trabalhar limpando escritórios durante a madrugada. Geralmente eles trabalhavam duas horas em cada prédio, limpando cerca de quatro prédios por dia, em oito horas de trabalho diário. Max dizia que o trabalho era simples e rápido, apenas precisava tirar todo o lixo das salas, aspirar o chão, limpar as mesas, e depois dar conta dos banheiros e cozinha. Ganhava o mínimo pago no país por hora, o suficiente para pagar suas contas e continuar vivendo.

Aline também foi para Londres sem querer muito contato com brasileiros, no início, apesar de o seu primeiro trabalho também ter vindo através de brasileiros que conheceu na cidade. Um garoto que estudava com ela arrumou-lhe um trabalho em uma agência de garçons. A partir disso, Aline passou a conhecer mais pessoas e a curtir de fato a vida que ela imaginava ter em outro país. É interessante notar que Aline conseguiu ser garçonete não somente por causa do contato de seu amigo, mas também porque falava o inglês necessário para desempenhar tal tarefa, diferente da situação da maioria dos brasileiros que chegam a Londres.

2.2. Caracterizando o trabalho de cleaner: A experiência como faxineiro

Em Londres, o primeiro trabalho da maioria dos brasileiros é o de *cleaner*, e há a possibilidade de que este seja na *E.Cleaner*, uma grande companhia que utiliza muitos trabalhadores, e não exige fluência alguma em inglês, especialmente porque a grande maioria dos trabalhadores e também de supervisores são brasileiros. Daí a existência de uma “rede brasileira”, que possibilita a troca de informação e indicação de trabalho dentro da companhia. Uma vez conseguindo um contato dentro da empresa e feito o cadastro como trabalhador, basta ligar para as pessoas responsáveis em “*bucar*”²¹ os trabalhadores para os dias em que há evento. À medida em que aumenta a rede dentro dos locais onde a empresa atua, o trabalhador começa a ser “*bucado*” automaticamente e o número de turnos que consegue também aumenta, desde que trabalhe duro e tenha a confiança dos supervisores.

A grande maioria dos trabalhos que imigrantes conseguem, na *E.Cleaner*, são casuais, ou seja, trabalha-se quando há algum evento, e recebe-se por hora trabalhada sem qualquer

²¹ Bucar é um abrasileiramento da palavra *book*, que significa registrar-se, agendar-se. Palavras como *shift*, *busy*, *book*, *hoover*, *mop*, são adicionadas ao vocabulário dos brasileiros que vivem em Londres, como se fizessem parte da língua portuguesa.

tipo de contrato ou proteção social. Quanto mais horas trabalhadas, mais o trabalhador receberá. Nesse quadro, os mais estabelecidos na empresa chegam a cumprir três “*shifts*” (turnos de trabalho) seguidos: na manhã antes de começar, durante, e após o evento – no “*night shift*”, doze horas seguidas com uma hora de descanso. Alguns ainda fazem o “*post cleaning*” no outro dia.

Meu trabalho na *E.Cleaner* não durou muito tempo, porém passei a conviver com várias pessoas que trabalhavam na empresa, já que meu amigo Diego trabalhou por lá durante todo o tempo em que ficamos em Londres. Portanto, continuei sabendo de tudo que acontecia na empresa e presenciei várias histórias, como, por exemplo, a de Antônio, o “morto vivo”, como os meninos o descreviam, já que ele trabalhava tanto que praticamente não dormia.

Antônio é um brasileiro de quarenta e poucos anos, que foi com 1.000,00 reais para a Itália com o intuito de passar um ano naquele país a fim de conseguir cidadania. Descendentes não diretos de italianos que moram um ano naquele país conseguem a documentação. Passou dificuldades e, como dizia, só conseguiu sobreviver com a ajuda do consulado brasileiro que arrumou um quartinho para ele dormir e muitas caixas de macarrão durante o ano. Após conseguir a almejada cidadania, foi morar e trabalhar em Londres. Sua intenção era conseguir dinheiro para, após um tempo, levar sua família para o Reino Unido.

Sua esposa e filha também trabalhavam limpando os estádios, mas era Antônio quem trabalhava mais. Ele possuía outro serviço de *cleaner*, que se estendia por toda a madrugada, eram doze horas seguidas (19h – 07h) durante cinco dias da semana. Algumas vezes coincidia de ele ter expediente durante algum jogo – fazia o *shift* que ia do meio dia até as seis – e depois ia para a outra empresa fazer seu *shift* noturno, direto. Como o pessoal relatava, ele dormia durante os dois *breaks* de meia hora, nos estádios, até porque, quando os dias de trabalho nas duas empresas coincidiam, Antônio virava vinte horas seguidas trabalhando. Essa é uma prática muito comum em se tratando de trabalhadores migrantes, principalmente os recém-chegados.

Para suportar tal situação, alguns trabalhadores levam *speed* (anfetamina) para tomar durante o trabalho. Um dia, por exemplo, Diego chegou em casa todo preocupado. Um garoto que trabalhava com ele havia sido pego com drogas, por policiais, em frente ao estádio que eles iriam limpar após um jogo. Caso semelhante também aconteceu com “*chefs*” de cozinha, e alguns garçons, de uma grande companhia de eventos com quem tive contato. Para poder trabalhar dobrado, tais trabalhadores faziam uso de cocaína frequentemente.

O uso de drogas no trabalho tem se tornado uma prática em diversos setores em que se ganha por produtividade e/ou por hora trabalhada, pois assim, o trabalhador consegue suportar o trabalho duro e ganhar mais dinheiro, como verificado no Brasil com trabalhadores rurais que colhem laranja²², cortadores de cana-de-açúcar²³ e motoristas de caminhão (FOCOSI, 2009), dentre os quais o uso do *crack* tem-se tornado algo corriqueiro, para conseguirem suportar as dores e o cansaço de uma jornada dura.

Quanto ao trabalho de limpeza dos estádios, dava-se de maneira simples e organizada. As pessoas chegavam para trabalhar e os supervisores, a grande maioria composta por brasileiros, separavam os trabalhadores em equipes para realizar diferentes tarefas. Havia os responsáveis por retirar o lixo das lanchonetes e levar até a lixeira fora do estádio; o pessoal do “*hoover*” que ficava responsável por aspirar os carpetes do estádio; e o pessoal do banheiro que era responsável por “*mopar*”²⁴ e limpar os detalhes do banheiro, como vidros, secadores de mão, vaso sanitário etc. Além dessa divisão principal entre equipes, a primeira coisa que todos tinham que fazer, assim que começasse a limpar um estádio, era o “*pick up*” nas arquibancadas. O “*pick up*” era o seguinte: andava-se de fileira em fileira, por todos os anéis de arquibancadas do estádio, com um saco de lixo em uma das mãos, para recolher os objetos do chão, como copo plástico, papéis, bandeiras etc. Era um serviço muito cansativo e desgastante, já que andava-se praticamente dois passos e abaixava-se para pegar um objeto, levantava-se, mais dois passos até a outra poltrona e já se abaixava novamente. Apesar de ser muito doloroso, era um trabalho com que as pessoas ainda se empolgavam, pois muitas vezes encontravam dinheiro, objetos de valor e até comida, que os torcedores esqueciam por lá. Era comum o pessoal achar algum suco fechado, ou então potes com bolas de chocolate não inteiramente consumidas que, mais tarde comiam, durante o intervalo.

Após o “*pick up*” cada equipe se reunia e realizava suas funções até dar o horário do primeiro intervalo. Isso geralmente acontecia depois de seis horas de trabalho. No “*break*” tinha-se aproximadamente meia hora de descanso. Os trabalhadores se reuniam na sala da empresa dentro do estádio, para comer o que o pessoal havia recolhido do lixo nas lanchonetes e que seria jogado fora, como cachorro-quente, frango frito, tortas etc.

²² Notícia retirada do site: <<http://oglobo.globo.com/sp/mat/2009/01/26/drogas-urbanas-chegam-ao-campo-viciam-trabalhadores-rurais-754144315.asp>>.

²³ Notícia elaborada a partir de um relatório apresentado pela Pastoral do Migrante na ONU e noticiada no site: <<http://www.diarioweb.com.br/noticias/imp.asp?id=108845>>.

²⁴ Abasileiramento da palavra *mop*, esfregão utilizado para limpar o chão.

Trabalhava-se por mais três horas e tinha-se outro intervalo de trinta minutos quando se utilizava o tempo para descansar o corpo exausto, sem preocupação com comida.

Além de se drogarem, era muito comum as pessoas se embebedarem nos turnos da noite, já que tínhamos acesso às lanchonetes. E, como o estádio era grande, alguns conseguiam sumir por um tempo para beber e comer dentro das lanchonetes, inclusive alguns supervisores, como presenciei. Em uma noite, um supervisor brasileiro bebeu tanto que não aguentou andar. Eu o encontrei jogado em um dos banheiros e ele me pediu para escondê-lo do gerente inglês, pois ele já havia tido outros problemas desse tipo na empresa e não poderia ser pego novamente. Eu o coloquei sentado em um dos assentos do banheiro, fechei a porta e continuei o meu serviço.

Na *E.Cleaner* podia-se trabalhar em qualquer evento por cuja limpeza a empresa era responsável, como, por exemplo, em vários estádios de futebol. Porém, geralmente os supervisores brasileiros eram “brigados” entre eles, e, por isso, tentavam sempre “levar” os escalados para seus respectivos lados. O pessoal com quem eu tinha maior convivência preferia trabalhar no Estádio C, que era comandado pela equipe de Pedro.

Pedro era um brasileiro de quarenta anos, oriundo do ABC paulista, simpático, comunicativo e que faz querer ficar ao seu lado só para escutá-lo contando suas histórias cheias de gírias. Diego sempre falava bem de Pedro. Para ele, era um cara gente boa que estimulava as pessoas a quererem trabalhar com ele, mesmo sendo no Estádio C, onde sempre pagavam com horas a menos do que as efetivamente trabalhadas. Quando eu o conheci, compreendi o porquê de Diego e de outros garotos gostarem tanto de trabalhar com Pedro. Visitando-o na empresa, eu disse que era amigo de Diego e Carlos, outro brasileiro que havia trabalhado com Pedro, ele logo me recebeu e já me fez sentir “em casa”. Em uma de nossas conversas, disse-me que preferia trabalhar com brasileiros porque o resto do pessoal era muito lento e não trabalhava pesado, e por isso sempre que podia ajudava um brasileiro a conseguir trabalho na empresa, mesmo quando este não possuía a documentação necessária. Com esse tipo de ajuda, somada à maneira como mantinha a autoestima de seus trabalhadores, reforçava laços de confiança dentro da empresa. Uma fala de Diego expressa bem algo que costumava ouvir entre os trabalhadores da empresa:

Eu prefiro trabalhar no Estádio “C” do que no “A”, porque lá o Pedro está sempre do seu lado, ele acompanha e valoriza seu trabalho. Apesar de que no “C” você precisa trabalhar mais, já que eles usam menos gente para

trabalhar, e no “A” tem um monte de gente lá, dá para você dar “miguê” e nem trabalhar, os supervisores não estão nem aí, não sabem nem quem você é. No “estádio A”, chegava lá já tinham os cabeças certo e não mudava, não adiantava mostrar serviço que não mudava nada, com o Pedro você trabalhava mais, mas era recompensado porque ele estava vendo que você estava trabalhando. O Pedro já me disse que eu sou da equipe dele, quando eu trabalho muito em um dia ele vem e me agradece pelo trabalho do dia anterior e me dá um trabalho mais leve. Ele fica sempre elogiando, levantando seu ego, sei que é lábia dele também, mas ele fala que se você trabalhar direito sempre vai ter trabalho lá, no meu primeiro dia eu não tinha nem pego no aspirador ainda e ele já falou: “Estou gostando de trabalhar com você, hein!?!” Ele sabia jogar para você não dar mancada com ele. Como a vez que eu queria ir limpar o evento em *Silverstone*, mas a equipe do Pedro ia para *Ascot*, e eu me senti na obrigação de ir com ele porque eu sentia que tinha uma dívida com ele, e eu não queria me queimar com ele [Diego].

É interessante notar que a relação de Pedro com seus trabalhadores remete àquilo que Boltanski e Chiapello (2009) chamam de líderes com visão, aqueles que fazem com que o trabalhador se engaje sem o uso da força, mas dando sentido ao trabalho de cada um. O *manager* é visto como o novo herói da empresa, o qual impõe sua autoridade pelo carisma e não mais por status e poder, sua autoridade se baseia também na confiança, uma vez que esta não passa a expressão de dominação apenas, ela leva as relações para o plano pessoal. Adequando ao caso aqui estudado, o relacionamento de Pedro com seus trabalhadores não só dá certo sentido ao “trabalho desqualificado” desenvolvido por esses indivíduos, como produz um engajamento e um sentimento de pertença a algo como “sou da equipe do Pedro”, algo subjetivamente importante se é considerada a precariedade das relações estabelecidas em um contexto de migração. A situação do imigrante se assemelha, muitas vezes, ao que Costa (2004) relatou como invisibilidade pública, conceito que se trata de uma percepção humana prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, onde se enxerga somente a função e não o sujeito que a exerce. Para Costa, um simples bom dia pode fazer com que o trabalhador desqualificado sinta que ele existe novamente. Percebi isto nos trabalhos que realizei. E mais forte que o bom dia era quando as pessoas se referiam a mim pelo meu nome, que ficava escrito no crachá.

2.3. Inserção nas redes e a busca por novos trabalhos: Mobilidade, confiança e controle

Em quase todas as entrevistas realizadas, o primeiro trabalho surgiu a partir dos contatos feitos na primeira casa. Ele é fator primordial no processo de adaptação e fixação, pois, além de garantir o sustento, muitas vezes é através dele que aumentarão as redes de sociabilidades do imigrante.

Sendo assim, uma vez familiarizados com o novo espaço, e na medida em que os contatos sociais aumentam, uma maior mobilidade entre trabalhos vai surgindo. Contudo, a maneira como esta se dá também vai variar de acordo com os atributos que esses trabalhadores foram adquirindo ao longo de sua trajetória, até porque, o simples fato de conhecer alguém não lhe garante mobilidade. A questão da língua, por exemplo, aparece nas trajetórias como algo fundamental para conseguir melhores. Isso fica evidente em várias trajetórias, principalmente na de Aline, pois o fato de falar inglês fluentemente facilitou seu ingresso no primeiro trabalho e propiciou uma mobilidade entre empregos, sem depender muito diretamente das pessoas conhecidas.

Inicialmente Aline trabalhou como *waitress* em diversos hotéis, até quando, em 2008, em virtude do vencimento de seu visto, precisou retornar ao Brasil. Permaneceu na terra natal por seis meses, e após tentativa frustrada de trabalho em um cruzeiro brasileiro, migrou novamente para Londres, dessa vez com a passagem custeada por Carol, com quem havia iniciado um relacionamento antes de sua partida ao Brasil.

A Carol me emprestou um dinheiro, para pagar o curso (de inglês, para conseguir o visto), 1.500,00 libras. A gente começou um relacionamento, e eu já queria dar uma sossegada, não queria voltar a trabalhar na agência que eu trabalhava antes (Quando estava na agência Aline saía e bebia quase todos os dias com o pessoal do trabalho)²⁵. A Carol me arrumou um trabalho de recepcionista na Pizzaria, e de manhã eu trabalhava em um Café italiano [Aline].

Aline achou que precisava trabalhar mais e passou a procurar trabalho na internet, já que cumpria poucas horas no Café. Viu uma vaga de garçom disponível na *SM*, um estabelecimento que pertencia à sociedade dos médicos²⁶. Mandou o currículo, e sem

²⁵ Assunto que será discutido no próximo capítulo, “Prolongando a permanência vivência, consumo, táticas e corpo.”

²⁶ O prédio possuía quarenta quartos (para receber os membros da sociedade, que viajavam até Londres para participar de congressos); um restaurante que servia café, almoço e jantar para hóspedes e sócios; um bar que

qualquer indicação, passou na entrevista e começou a trabalhar por lá. Com o tempo, e após muito trabalho duro, foi valorizada pelo serviço que fazia: a empresa lhe pagou um treinamento e ela se tornou *Team leader*, o que lhe garantia várias horas de trabalho na semana. Dessa forma, largou os outros trabalhos e ficou apenas na *SM*. Em 2011, tornou-se supervisora do restaurante da *SM*. Aline trabalhava 40 horas semanais, com salário fixo, férias e todos os direitos sociais. Havia conseguido uma mobilidade rápida, que poucos imigrantes conseguem, e o inglês de fato foi um dos diferenciais em sua trajetória no emprego.

A questão da língua também foi importante em minha mobilidade, contudo, como meu inglês não era fluente no início, tive que passar por alguns outros trabalhos até “ganhar” a confiança daqueles com quem me relacionava e ter uma mobilidade maior, como conseguir um trabalho de *waiter*. *Confiança* remete ao fato de que o indicado ao trabalho tenha os atributos necessários que correspondam às necessidades daquela função. Além disso, essa confiança vem também do acesso a informações disponibilizadas por indivíduos que já tiveram uma experiência prévia, de trabalho, nesse caso, com o possível indicado. Essa confiança se dá com base nos conhecimentos acumulados ao longo dos relacionamentos anteriores, e o simples fato de haver as relações sociais não constitui garantia suficiente para nada, até porque, as relações sociais podem também ser recurso para o uso de “má fé” e gerar conflitos (GRANOVETTER, 2007).

A idéia de *confiança* aparece como central na trajetória, de trabalho das várias pessoas dos casos estudados, inclusive na minha. Como não estava estabelecido na *E.Cleaner* e não tinha *shifts* garantidos para todos os eventos, passei a procurar trabalho pela cidade. Entreguei currículos e fiz alguns “*applications*”²⁷ em empresas de *fast food*, como *Mac Donalds* e *Pret A Manger*. É interessante notar que os formulários de trabalho perguntavam, além de alguns dados pessoais e o motivo de querer trabalhar no local, se o candidato havia sido indicado por algum trabalhador que já fazia parte da equipe da empresa, e, no caso afirmativo, colocar o nome e o endereço da loja na qual a pessoa trabalhava. Como não conhecia ninguém, não coloquei nenhum nome, o que pode ter sido uma das causas de a empresa não me ter chamado. Além disso, procurei alguns *serviços*, na internet, cheguei a fazer entrevistas, mas como meu inglês não era bom, também não obtive sucesso. Sendo assim, mais uma vez a conquista do segundo trabalho não veio através de meus currículos distribuídos ou dos

servia sanduiches e bebidas; além da parte de eventos quando eram servidos cafés, drinks, e jantares para os participantes.

²⁷ Preenchia as fichas de oferta de trabalho nas empresas.

cadastros que fiz nas empresas, mas, sim, por mais um contato obtido através da *casa*, dessa vez com o auxílio de Rose e Carol.

Rose havia perdido seu primeiro trabalho de *cleaner* depois que começou a namorar, pois passou a chegar atrasada todos os dias. Marta, uma brasileira que não se dava muito com ela, contou ao gerente, que a demitiu. Nessa situação, sua relação também ficou ruim com seu irmão, uma vez que ele a havia indicado e o gerente foi-lhe cobrar explicações.

Nessa mesma época a situação começou a piorar para Rose quando sua rede de proteção constituída por seus irmãos e seu namorado começou a se desfazer e ela teve que começar a “se virar sozinha”, porque seu irmão e sua cunhada decidiram voltar para o Brasil, e seu namorado, para a Colômbia. O outro irmão que ficara em Londres estava morando em uma casa onde já não tinha mais lugar. Ainda sem falar inglês, e sem conhecer muita gente, Rose foi morar com brasileiros, mudando-se para a casa onde eu viria a conhecê-la um mês depois. No início teve problemas para se adaptar, as pessoas eram mal-educadas e não conversavam muito com ela. Segundo Aline disse mais tarde, as meninas da casa a estavam testando para ver se ela aguentaria ficar lá, ou não. Rose também precisou ser testada e aceita pelos moradores para conseguir a ajuda deles. Com o tempo, não só foi aceita, como Carol lhe arrumou trabalho de *kitchen porter* na pizzaria em que trabalhava.

No entanto, como estava tendo muito atrito com os brasileiros com quem convivia no trabalho, somado a um conflito com o *manager* australiano a respeito de pagamento, Rose decidiu sair da pizzaria e me informou da vaga. Mas, como ela mesma alertou, eu não poderia chegar ao local através de sua indicação. A melhor maneira seria falar diretamente com o *manager*, e, se possível, falar com Carol. Ela não tinha certeza se esta me ajudaria, pois estava muito brava com todas as brigas de Rose. Como precisava muito do trabalho, imediatamente fui até a pizzaria. A primeira pessoa que lá encontrei foi Carol. Conte-i-lhe minha conversa com Rose. Ela me disse, então, que conversaria com seu chefe, mas teria que me empenhar bastante, pois, além de ser um trabalho árduo, Rose tinha causado muita confusão, e ela (Carol) não poderia se prejudicar novamente. Respondi que faria qualquer coisa, pois meu dinheiro estava acabando e teria que pagar o aluguel em duas semanas, e só com alguns *shifts* na *E.Cleaner* não conseguiria me manter. Consegui o trabalho e, como precisavam de alguém urgentemente, começaria a trabalhar no dia seguinte, e fazendo “*double shift*” (turno dobrado).

Foi então, através desses contatos, que consegui o segundo trabalho em Londres, trabalho pesado, especialmente quando se dobravam os “*shifts*”: o turno começava por volta das nove da manhã e terminava mais de meia-noite. Consistia em limpar todo o restaurante²⁸ assim que chegasse pela manhã e depois, toda a cozinha, onde seria o espaço de trabalho na hora do movimento. Geralmente não dava conta de lavar todos os talheres, pratos, copos e panelas do dia anterior, então, antes de começar o expediente o “*kitchen porter*” da manhã, deveria lavar também o que foi deixado para trás.

Ao longo dos dias fui percebendo que havia certa cumplicidade entre os “*kitchen porters*” que se conheciam, no sentido de se esforçarem para não deixar muito trabalho de seu turno para o outro que entraria a seguir, ou no dia seguinte, e que, na mesma lógica, quando eles não gostavam de alguém que começaria no próximo turno, faziam “corpo mole” para deixar bastante trabalho atrasado. Eram dois turnos por dia, o primeiro ia das 09h às 16h e o segundo das 16h30 às 23h, porém o segundo turno sempre acabava se estendendo até mais tarde, por volta de meia-noite ou uma da manhã.

A maioria dos *kitchen porters* eram mulheres, sendo os *chefs*²⁹ homens, e quando havia algum homem trabalhando de *k. porter*, logo este era promovido a ajudante de cozinha, e, se melhorasse o inglês, muito provavelmente se tornaria *chef* e passaria a ganhar mais. Quando entrei a trabalhar na pizzaria, o pessoal da cozinha (*chefs*) estava treinando Rodrigo, um jovem de uma cidade do interior de Minas Gerais, em Londres há menos de um ano, e desde que havia chegado, trabalhava como *kitchen porter* no mesmo local. Rodrigo veio conversar comigo logo na primeira semana, dizendo que o trabalho de *porter* era duro, mas como eu era homem, tinha chance de virar ajudante na cozinha e depois me tornar chefe em pouco tempo.

O ambiente de trabalho na cozinha de um restaurante é bem sexista e machista. As mulheres convivem nesse espaço, na maioria das vezes, realizando apenas trabalhos subordinados, como lavando pratos, ou, no máximo, picando legumes para os chefes prepararem as saladas. É muito difícil encontrar uma mulher que seja chefe de uma cozinha. Nesse caso o gênero opera, também, como uma característica que pode influenciar no aumento ou na diminuição da mobilidade dos indivíduos, dependendo da situação ou do

²⁸ Era um prédio com três andares onde era necessário varrer e “mopar” o chão dos dois primeiros andares, além de aspirar o pó do carpete do terceiro andar. Também limpava os banheiros, passava um pano nas mesas.

²⁹ Chefs são os cozinheiros que estão abaixo do *head chef*, o que gerencia a cozinha e monta o cardápio.

ambiente de trabalho em que esses indivíduos se encontram, modificando também a trajetória dos mesmos.

Assim como na *E.Cleaner*, a pizzaria pagava o mínimo por hora trabalhada, e as condições de trabalho eram precárias³⁰; eram cinco horas de “correria”, sem poder sentar. As louças não paravam de chegar. Os próprios garçons levavam as sujas e pegavam as limpas para utilizar novamente. Como possuíam uma posição privilegiada em relação aos *cleaners*, eles os pressionavam a todo o momento, pedindo pelos “seus talheres” que demoravam muito e seus clientes não podiam esperar, especialmente porque os garçons precisavam atender muito bem para ganhar suas “*tips*” (gorjetas). Na maioria das vezes chegavam a ser *de* mesmo valor, senão maiores, que o dinheiro *recebido* da empresa pelas horas trabalhadas, em um dia. Essa gorjeta nunca *era* dividida com o pessoal da cozinha, o que sempre gerava reclamações, já que todo mundo trabalhava para atender os clientes, e apenas quem servia a mesa recebia a gorjeta.

A criação de uma rede de brasileiros atuando nessas pizzarias era bem notória, especialmente em se tratando dos “*kitchen porters*” e “*chefs*”. Logo no meu primeiro dia de trabalho uma garçonete veio conversar comigo e começou a falar em português. Estranhei e perguntei-lhe como sabia que eu era brasileiro. Ela disse que *kitchen porter* na Pizza são todos brasileiros. Devido a isso, quando um trabalhador novo chega ao local, é como se houvesse a necessidade por parte daqueles que ali já estão, saberem de sua vida no Brasil, para uma primeira classificação.

Quando comecei a trabalhar percebi que o pessoal da cozinha me olhava com certa desconfiança. E não me passavam muita informação sobre o trabalho. Colocaram-me para trabalhar com Rita (vinte e oito anos), brasileira do estado do Paraná, negra, na empresa já há um bom tempo. Era uma das pessoas com as quais Rose criara atrito. Rita tinha que me ensinar o serviço, mas era nítido que não estava muito animada em me mostrar como se fazia o trabalho. Comecei a puxar conversa e aos poucos ela foi se soltando, até notar quando Carol

³⁰ A cozinha ficava em um espaço pequeno no segundo anda. Apenas um biombo separava o forno e o espaço em que os “*chefs*” trabalhavam, da pia de lavar louça e das máquinas de lavar copos, talheres e pratos. Meu espaço de trabalho era apertado e, na hora do funcionamento da pizzaria, a pressão era grande. À medida em que as pessoas iam comendo e sujando as louças, eu tinha que dar conta de lavar, secar e polir, para as mesas serem refeitas para os próximos clientes. Enquanto as máquinas lavavam uma remessa, alguém secava e polia o que tinha acabado de ser lavado, e como tudo isso deveria ser feito rapidamente porque o restaurante vivia “*busy*”, minha mão ficava cheia de vermelhões e algumas bolhas, pois a máquina de lavar usava água em uma temperatura muito elevada, e devido à correria não tínhamos tempo para deixar esfriar.

veio conversar comigo na hora do expediente. Perguntou-me se a Carol havia me colocado na empresa e se eu conhecia Rose. Tive de dizer que ~~eu~~ estava morando com Carol, e que conhecia Rose, sim, mas que não conversava muito com ela, pois sabia que elas haviam tido problemas. E, se dissesse, então, que era amigo de Rose, o trabalho provavelmente tornar-se-ia mais difícil para mim.

Não só Rita, mas também os *chefs* começaram a me fazer perguntas sobre a minha vida no Brasil: o que eu fazia, o que meus pais faziam, qual o carro que meus pais possuíam. Viviam dando indiretas, no começo, dizendo que eu era só mais um *playboy* do Brasil, que estava lá para curtir a vida e não sabia o que era se virar sozinho no mundo. Porém, o fato de me esforçar bastante e começar a contar um pouco do meu passado, aos poucos foi-se modificando o estereótipo inicial.

Nesse momento tinha percebido que a minha identidade de filho de trabalhadores do interior de São Paulo, batalhando em Londres para sobreviver como todos os outros, já havia sido “acionada” como forma de classificação. Foi a partir desse interrogatório – que funcionou mais como um ritual de iniciação do que como um interesse real em saber sobre a minha vida – que os colegas da cozinha passaram a me ajudar, em vários sentidos. Rita começou a me auxiliar e ensinar os “macetes” para tornar o serviço mais rápido, além de não deixar mais louça em excesso quando sabia que eu faria o próximo *shift*. Os *chefs* sabiam que o dia em que ia à escola, na parte da manhã, saía direto para a pizzaria sem comer nada. Devido a isso, eles erravam alguma pizza propositalmente para deixar o “*mistake*”³¹ do lado da pia, assim eu poderia ir comendo algo sem o gerente ver, até dar a hora do meu *brake*.

Com o tempo também ganhei a confiança dos garçons, mas com eles a relação não se deu pelo *self* de filho da classe trabalhadora, mas pelo de estudante. Durante o *brake* todos paravam para almoçar. Era nítida a distinção que se fazia entre o pessoal da cozinha e os garçons, já que cada grupo se sentava em suas respectivas mesas e não havia interação entre eles. Certo dia, como o pessoal da cozinha já havia comido, sentei-me à mesa com os garçons. Para me sentir aceito e buscar alguma identificação com aquele grupo, foi necessário utilizar meu *self* de sociólogo, que estava em Londres para aprender inglês e fazer mestrado. A partir de então, a maneira de os garçons se referirem a mim na hora do trabalho se modificou, era

³¹ Abrasileiramento da palavra *mistake* que significa erro. Os *mistakes* eram os pedidos produzidos errados e que, teoricamente, seriam jogados fora.

como se eu passasse a existir como sujeito, passei a ser o Júnior e não mais apenas o *kitchen porter*.

A pessoa que mais me ajudou foi Louise (vinte e sete anos), uma baiana de classe média que se casou com o namorado com cidadania européia e foi viver em Londres, sem a aprovação dos pais, assim que se formou na universidade. Louise estava aprendendo inglês para deixar a função de kitchen porter. Fazia também alguns *shifts* em outra loja da pizzaria, como garçone. Com Louise, eu podia ativar mais meu *self* de estudante de Ciências Sociais, sem ser recriminado como um *burguesinho*. O seu apoio extrapolava ao trabalho na pizzaria: dava-me conselhos sobre como aperfeiçoar meu conhecimento da língua e conseguir um trabalho melhor. Segundo ela, se não me acomodasse com aquela função eu conseguiria algo melhor, como, por exemplo, um trabalho de garçom. E foi o que aconteceu.

Quando comecei a trabalhar na pizzaria, havia acabado de me mudar com Diego para uma casa com estrangeiros. Como um de meus objetivos era aprender inglês, sabia que se ficasse morando apenas com os brasileiros seria muito mais difícil. Também seria difícil conseguir algum trabalho que não fosse igual ao daqueles que moravam comigo. Porém, havia me tornado muito próximo do pessoal da primeira casa em que morei e ainda mantinha contato com eles. Sabendo que ainda procurava algo melhor e que meu inglês já estava melhorando, Aline entrou em contato e informou que havia uma vaga de garçom na empresa em que trabalhava. Esse contato me surpreendeu, pois todos que moravam na casa sempre almejavam uma vaga nesse local. A *SM* pagava muito bem³² e o trabalho não era tão duro quanto o de *cleaner*, além de ter a fama de ser um local onde não se era tão maltratado - já que em vários locais os supervisores e gerentes tratam os trabalhadores imigrantes com muito desrespeito e humilhação.

Marcamos um encontro em frente a uma estação de metrô, pois tinha conversado com Hassan, seu *manager*, a meu respeito e eu iria ser apresentado a ele. Fomos até ao local onde eu faria a entrevista. Era o prédio pertencente à Sociedade dos Médicos (*SM*) onde Aline trabalhava aos finais de semana, no restaurante, pela manhã. Ela era *team leader* dos garçons na parte de eventos, durante a semana. O trabalho que estava certo para mim seria durante o café da manhã, aos sábados e domingos, das 06:30h às 10:30h.

Após conversar com a *manager* do café da manhã, Aline me levou até a parte de eventos, onde ela também trabalhava, para ver se conseguiria também *algo* para mim, durante

³² Pagava-se 7,50 libras por hora, durante a semana e 10,00 libras por hora, aos finais de semana.

a semana. Porém, não sabia se seria aceito, pois o *manager* daquele departamento contratava somente trabalhadores com experiência.

Norbert era um australiano que gerenciava a parte de eventos. Aline apresentou-me como um amigo que tinha chegado do Brasil havia pouco tempo e estava à procura de trabalho. Conversamos a sós, e ele perguntou sobre meus documentos, se estava ilegal no país, e depois me questionou se eu já havia trabalhado como garçom antes. Falei a verdade, que nunca havia feito aquele tipo de trabalho antes, mas que realmente precisava muito trabalhar e faria de tudo para aprender rápido. Norbert disse que contratava pessoas sem experiência, mas como eu tinha sido sincero, e o mais importante, era amigo de Aline, pessoa de quem eles gostavam muito, ele me contrataria e ela seria responsável por me ensinar tudo. Consegui assim o meu terceiro trabalho, que, com o tempo, passou a ser o único. À medida que o tempo foi passando e os managers começaram a confiar em meu trabalho, passei a receber mais shifts e deixei definitivamente a pizzaria.

Essa confiança resultou da dedicação no trabalho. Sentia uma gratidão muito grande por tê-lo conseguido em um momento difícil. Além disso, tinha uma dívida moral com Aline e Hassan por me terem *contratado para* os finais de semana. Por isso, eu realmente fazia tudo o que pediam, inclusive limpar as geladeiras e o chão do café da manhã aos domingos, o que de fato não era a minha função, mas limpava para ajudar Hassan. Quando me viam limpando o chão ou as geladeiras, os outros trabalhadores diziam que eu não deveria fazer aquilo, que Hassan estava me explorando, pois eu não era o *cleaner*. Porém, mesmo sabendo não ser meu trabalho, não conseguia dizer não a ele ou a Aline. De certa forma, isso também me ajudou a me estabelecer mais na empresa e a conseguir mais trabalhos, até porque eu era um trabalhador docilizado por esse “laço de confiança”.

Para o café da manhã, eu era fixo, aos finais de semana, depois a empresa precisou de alguém para fazer o café durante a semana, aceitei o trabalho. Trabalhava todos os dias, então, das 6:30h às 10:30h, junto com Priscila, sem nenhuma folga na parte da manhã; e pelo menos duas vezes na semana substituía Rosangela ou Carmina, no bar, quando uma delas faltava, pois Hassan havia me ensinado a manusear a máquina de café e a registradora do bar. Além disso, trabalhava na parte de eventos. Os trabalhos aconteciam de acordo com o número de eventos que havia na semana.

Na parte dos eventos, os funcionários deveriam passar aos gerentes, toda quarta-feira, os dias e horários em que estariam disponíveis na semana seguinte, pois na sexta-feira

soltavam a rota da semana, com os nomes e horários de trabalho. Quando a rota saía era uma situação interessante de se observar. Todos esperavam ver seus nomes o máximo de vezes possível naquele papel, já que queriam “fazer” o maior número de horas para ganhar mais. Aqueles que ganhavam mais *shifts* possuíam prestígio aos olhos dos trabalhadores. Era como se o *shift* fosse uma premiação simbólica: os que recebessem mais horas, teoricamente, seriam os que trabalhavam melhor, esforçando-se mais. Oferecer mais trabalho ao garçom era uma maneira de a empresa recompensar o esforço e dedicação.

Os mais velhos na companhia eram os que ganhavam mais *shifts*, mas, à medida em que o trabalhador ia se inserindo na rede e realizando seu trabalho, seus *shifts* começavam a aumentar. Foi exatamente o que aconteceu comigo: ao passo em que eu comecei a conviver mais com os supervisores, principalmente depois do trabalho, e estar sempre disposto a trabalhar sem reclamar, comecei a ter trabalho na parte de eventos, praticamente todo dia.

Os números de *shift* funcionavam então, não somente como premiação, mas também como controle. Se o trabalhador começasse a causar problemas ou fazer “corpo mole”, isso se refletiria na redução de trabalhos que ele conseguiria na próxima semana, mesmo porque, havia uma competição implícita pelos *shifts* e quando os trabalhadores não viam merecimento no número de trabalho dado a alguém, havia certo boicote por parte dos garçons e os comentários de insatisfação nos corredores começavam a aparecer. Essa situação é ilustrada com o caso de Cristina, uma *team leader* da Nova Zelândia e uma das melhores amigas da supervisora que montava a rota semanal.

Cristina começou a sair do trabalho e ir a um *pub* com alguns dos garçons depois do expediente. Era raro o dia em que não se embebedava e ligava doente no outro dia, na parte da manhã para ser dispensada do trabalho naquele dia. Por um tempo, Evelin – a supervisora que montava a rota – continuou a dar vários *shifts* a Cristina, que continuava a faltar pelas manhãs, até que a revolta dos trabalhadores começou a ficar evidente e Cristina não só parou de ter várias horas de trabalho como perdeu sua posição de *team leader*. Ou seja, a competência de Cristina em ter um cargo de gerência foi questionada pelos trabalhadores e pelos *managers*. A confiança em seu trabalho foi perdida.

A confiança de um *manager* no ambiente de trabalho, assim como o domínio da língua inglesa, também foram fundamentais para a ascensão na trajetória de Max. Ao contrário de muitos brasileiros, ele frequentou a escola em seu primeiro ano, e se empenhava em estudar. Queria muito aprender a falar aquela língua para “ser livre”, já que se sentia preso por não

conseguir se comunicar, mesmo porque, ainda continuava evitando se relacionar com brasileiros fora do ambiente de trabalho. Mesmo que sua mobilidade inicial, principalmente quando ainda não falava inglês, se desse por intermédio de brasileiros.

A esposa de Max conseguiu um trabalho de *waitress* em um espaço de eventos, por meio de um conterrâneo que havia conhecido na escola. Depois de um mês trabalhando ela conseguiu uma entrevista para Max que, apesar de estar estudando bastante, seu inglês ainda não era bom. Contudo, como sua esposa estava trabalhando bem, na empresa, eles o contrataram, mesmo sem ter a fluência necessária. Fizeram Max prometer que iria se empenhar mais nos estudos.

Só peguei o trabalho mesmo por causa da minha ex-mulher, porque ela trabalhava bem e todo mundo gostava dela. No dia o gerente falou para mim: “Só vou te dar trabalho se você prometer que vai a escola todo dia.” Falei: “Meu, é tudo o que eu quero. Trabalhar para poder sobreviver aqui, e ir para escola para poder aprender o inglês”[Max].

Para trabalhar mais do que as horas permitidas para estudante, comprou, de um brasileiro, um documento italiano falso e entregou na empresa, assim não teria problemas em trabalhar tanto. Durante esse período, Carlos, um português gerente da empresa, precisava de ajuda para renovar o visto de seu namorado, um brasileiro que estava ilegal no país. Como Max se sentia grato por toda ajuda que Carlos havia lhe dado no início do trabalho, entrou em contato com o rapaz que havia feito sua documentação falsa e arrumou um documento português para o namorado de Carlos. Esse ato criou um laço de confiança entre ele e o *manager*, que passou a ajudá-lo dentro da empresa.

O Carlos pediu para eu fazer para o namorado dele, mas vai um falando para o outro... Comecei a fazer documento de português para todo mundo. O cara que fazia os documentos queria montar uma filial comigo lá no meu bairro, mas eu recusei, não estava aqui para isso não. Mas enfim, isso me deixou mais próximo ainda do Carlos, que eu fiz um favor para ele, que ninguém sabia, só eu e ele. Ele teve muita confiança em mim, criou muita confiança. Meu, ele me ensinou tudo que eu sei sobre eventos hoje. Assim eu fui crescendo dentro da empresa, porque naquele momento eu já não queria mais voltar para o Brasil, eu queria crescer na empresa, porque eu queria continuar em Londres [Max].

Como Max estava se dedicando muito a aprender a língua local, seu inglês melhorou rapidamente. Além disso, sentia gratidão por lhe darem o trabalho mesmo sem falar inglês, o

que fez com que trabalhasse muito duro. Devido a esse empenho no trabalho, e a uma proximidade maior com o gerente de eventos, Max, que havia conseguido a função de *waiter*, em setembro de 2003. Em março de 2004 já era *Team Leader*. Ele diz que o fato de ter-se tornado amigo de Carlos ajudou-o no seu trabalho, mas essa ascensão não se deveu ao simples fato de conhecer o gerente, e sim ao seu trabalho duro e a confiança que Carlos tinha nele.

Eu cresci pelo meu trabalho, não por causa dele. Eu tenho meu trabalho, eu aprendi, eu desempenhei bem o meu trabalho, com a ajuda dele me ensinando. Ele me ensinava, eu fazia meu trabalho e crescia na empresa. Então ele me ajudou. Indiretamente, mas ele me ajudou. Não diretamente, diretamente! Porque se eu não trabalhasse bem eu não conseguiria subir não, além do mais que o pessoal é exigente. Você precisa confiar na pessoa, não adianta apenas conhecê-la, porque ela pode te criar problemas [Max].

Max diz que indicou e ajudou algumas pessoas ao longo de seus anos vividos em Londres, porém, sempre tendo a certeza de que poderia confiar nessa pessoa. Da mesma forma Aline³³, também disse que só havia me indicado ao trabalho na *SM* porque Carol comentou que eu trabalhava bem e ela podia confiar em mim. Para Max essa confiança também vinha a partir de informações de pessoas que já haviam trabalhado com aquele que ele indicaria ao trabalho. Até porque, se a pessoa já tivesse tido problemas em outros locais, ele não ajudaria para não se “queimar”.

Em todos os lugares que eu trabalhei eu só levava gente que eu sabia que podia confiar. Não que eu sabia que podia confiar, mas que o cara já vinha de outro trabalho, já tinham falado bem dele para mim, eu já tinha informação. Tipo: “O cara trabalha bem *pra caralho*”, então eu arrumava. Porque só o fato de ser um conhecido meu e tal eu não levava não. Que nem, a Jéssica (atual namorada) vira e mexe fala para mim: “Meu, tenho amiga lá, da igreja, da casa onde eu morava, está precisando de trabalho, arruma aqui para ela”. Eu sempre falo: “Filha, quem eu não conheço eu não boto aqui”. O Vandão (cunhado que foi morar em Londres com a irmã de Max em 2009) mesmo, eu não vou colocar o Vandão para trabalhar comigo lá na *SM*, por quê!? Ele não fala inglês, e eu sei que ele vai dar trabalho. O Bernardo (brasileiro que divide casa com Max) vive me pedindo para colocar ele, mas eu não coloco, porque o cara é esquentadinho, é um troglodita, vai *arrumar treta* (briga) e vai me queimar. Então não ponho. A Cíntia que é uma menina que morava lá em casa, menina legal, menina direita, menina de boa, trabalha bem, pediu, eu falei: “Demorou, lá no *trampo* tá precisando de gente”. Levei na hora, falou com o diretor lá e pegou na hora [Max].

³³ “Porque você falava inglês, e eu não queria queimar meu filme. Eu não queria colocar uma pessoa que não falava inglês, ou uma pessoa que arrumasse confusão, e a Carol tinha me falado que você estava trabalhando bem na pizzeria, que todos gostavam de você, que se relacionava bem com todo mundo... Ah, eu não queria misturar as coisas”[Aline dizendo porque me indicou ao trabalho e não os demais da casa].

No ano de 2004 seu visto estava vencendo e sua esposa queria voltar. Então Max voltou para o Brasil e tirou sua cidadania portuguesa para voltar a morar em Londres. Como sua esposa não queria passar o resto de sua vida *lá*, Max disse a ela que voltariam para a Inglaterra, trabalhariam e comprariam uma casa no Brasil. Quando a casa estivesse construída, retornariam à terra natal.

Como já havia morado um ano em Londres, em seu retorno em 2005, as coisas foram mais fáceis. Ele e a esposa voltaram a trabalhar na mesma empresa de eventos, e estavam morando em uma casa com brasileiros conseguida através de contatos de amigos.

Eu queria voltar para cá para viver aqui, mas minha mulher queria juntar dinheiro para construir a nossa casa lá no Brasil. A gente queria voltar, porque aqui era muito mais fácil juntar dinheiro. Então aquele meu amigo do Capão morava lá no prédio que eu moro, e ele me arrumou uma vaga lá no apartamento do Bernardo. Então a gente já chegou com lugar para ficar, e trabalho foi fácil também, eu liguei para o pessoal onde trabalhava e falei: “Voltei do Brasil agora, cheguei aqui e quero trabalhar”. Cheguei aqui no sábado, na segunda eu voltei a trabalhar [Max].

Max e sua esposa voltaram a trabalhar na empresa e logo ele já havia se tornado *manager*. Porém, como o valor da libra estava alto, em comparação ao real, em pouco tempo construíram a casa e sua mulher começou a pressionar para retornar novamente. Mais uma vez retornou sem sua vontade. E a situação piorou quando começou a sentir a pressão dos pais de sua esposa, querendo controlar a vida do casal. Max viveu no Brasil de outubro de 2006 a abril de 2007, quando retornou mais uma vez para Londres, mas desta vez solteiro. Foi morar no apartamento de Bernardo. Nessa época não quis seu antigo trabalho de *manager* na empresa de eventos, queria crescer em Londres e começou um negócio no ramo de construções com um amigo grego que havia conhecido na época em que trabalhava na empresa de eventos. Como Max dizia, ele sempre tentou não ter muitas relações com brasileiros - apesar de sempre ter recebido ajuda de algum brasileiro quando necessitava. E isso se devia ao fato de achar que os brasileiros em Londres passavam a perna em todo mundo - assim como Rose, Priscila, Aline, e muitos outros que entrevistei, diziam. Além disso, Max sempre quis crescer no trabalho, e se ficasse convivendo apenas com brasileiros teria a mesma vida que eles, sendo *cleaner*, *kitchen Porter*, ou no máximo *waiter*. Para ele, os brasileiros viviam todos juntos realizando os mesmos tipos de trabalho desqualificado.

Dessa forma, Max buscou constituir laços fora das “redes brasileiras”, que serviriam de ajuda para conseguir certa mobilidade profissional em Londres, mas, como sempre dizia, se o contato era importante, mais ainda o trabalho duro. Sem este não conseguiria nada. Foi então, por sua vontade de “subir na vida”, somada ao acesso a informações, obtidas por meio de conhecidos não brasileiros, companheiros de empresa, que conseguiu boas ocupações em Londres.

Foi trabalhar com seu conhecido grego em uma empresa de construção que haviam aberto. Trabalharam juntos durante todo o ano de 2008, e ganharam bastante dinheiro. Porém, no final do ano ele veio de férias para o Brasil e ficou de dezembro a março fora da empresa. Segundo ele, seu amigo não deu conta do encargo durante esses três meses e acabou quebrando a firma, já que gastava muito dinheiro e administrava mal o negócio.

Quando voltou de férias, Max não ficou muito tempo sem trabalho, pois mais uma vez conseguiu informações através dos contatos que havia constituído com a alta gerência na empresa de eventos em que havia trabalhado anteriormente. Cartman, um canadense que era diretor da parte de marketing da empresa, tinha ido desempenhar a mesma função em outra, a *SM*, e quando ficou sabendo que Max procurava emprego, convidou-o para trabalhar na *SM*. Porém, ele não atuaria já na função de *manager*. No momento, a posição estava ocupada, mas Cartman afirmou-lhe que com seu currículo, cresceria rapidamente.

Max trabalhou duro e conseguiu um alto cargo na *SM*. Sendo assim, procurava corresponder aos anseios daqueles que haviam confiado nele, e finalmente atingiu uma posição de destaque. Obteve, em 2010, um contrato fixo com a empresa, cumprindo uma jornada de 40 horas semanais, como *manager*.

No caso de Rose, as brigas que arrumava, somadas ao fato de não falar inglês, faziam com que as pessoas que se relacionavam com ela não sentissem confiança para indicá-la a algum trabalho, o que muitas vezes limitou uma maior mobilidade em sua trajetória. Depois das brigas, passou por momentos difíceis quando ficou sem trabalho. Não tinha mais o namorado para sustentá-la e os irmãos para lhe dar apoio. Além disso, ninguém mais, da casa onde morávamos, queria ajudá-la, pois Carol havia dito que Rose não era de confiança e que havia brigado com todos na pizzeria, causando a ela problemas por tê-la indicado. Assim, de certa forma, Rose estava “morta socialmente” nos círculos de sociabilidade que havia construído até então, e teria que começar do zero, mais uma vez.

Para piorar ainda mais esta situação, já difícil, ficou sem trabalho exatamente no início de dezembro, de 2008, quando o mercado, no setor de serviços “desqualificados”, ou seja, o mercado do trabalhador imigrante, está parado, devido ao fato de as contratações para o período de festas já terem sido feitas, e o inverno estar bem rigoroso, o que diminui o número de eventos e festivais. Procurou trabalho por um mês, em toda a cidade, e nada encontrou, até que decidiu tentar novamente reestabelecer os laços perdidos com aqueles que a ajudaram no início.

Decidi tentar o *cleaner* que fiz quando cheguei em Londres. Liguei para a gerente, falei: “Barbara, tudo bom? É a Rose, olha estou te ligando para pedir emprego, para voltar para o *cleaner*. Agora já estou educada à vida de Londres, estou mais responsável, já me acostumei a essa vida de Londres. Estou sem emprego, gostaria muito de trabalhar, estou precisando mesmo”. E ela falou: “Tá bom, volta em fevereiro”. Voltei dia cinco de fevereiro. Quando voltei, eu me prometi, me dei três meses no máximo para eu ir a aula, aprender o básico do inglês e procurar outro emprego [Rose].

Rose voltou a trabalhar em janeiro de 2009 limpando um restaurante de madrugada. Começou a frequentar as aulas de inglês, e a procurar uma casa para morar com estrangeiros, porque assim tinha que falar inglês. Nesse período arrumou um namorado australiano por um tempo, o que também ajudou a melhorar sua fluência no idioma local.

Durante esses três meses, prazo que Rose tinha dado a si mesma para aprender inglês e conseguir um trabalho melhor, seu irmão começou a trabalhar no restaurante, exercendo, de madrugada, a função de *runner*. A partir da entrada de seu irmão, Rose conseguiu trabalhar de *runner* no restaurante durante os horários que serviam refeições, e mais tarde ela ficava cuidando e limpando os banheiros desse mesmo restaurante, que virava uma espécie de boate durante a madrugada.

Como precisava juntar dinheiro para renovar seu visto a vencer no final de 2009, as trinta horas de trabalho que realizava não eram suficientes para se sustentar e ainda pagar o visto. Por isso, procurou algumas outras ocupações e, com o inglês um pouco melhor, conseguiu alguns *shifts* por uma agência de garçons. Um desses trabalhos foi na SM, por alguns dias, e como Aline trabalhava lá, ela ligou para a Aline perguntando se havia alguma vaga para ela também.

Eu sempre pedia para ela (Aline) e ela sempre falava que não tinha. Ela não me colocou porque ela não tinha confiança em mim. É porque a Carol falava que eu sou muito barraqueira, que eu arrumo confusão com todo mundo.

Mas realmente cara, porque quando eu estou certa eu falo mesmo, mas eu sou humilde para pedir desculpas, para vir falar: “Porra, foi mal”. E depois isso é coisa normal de trabalho [Aline].

De fato Rose estava certa, Aline contou-me, em um dia em que a entrevistei, que não confiava em Rose por ter causado problemas a Carol na pizzaria.

Eu não queria trazer a Rose para trabalhar aqui. Mistura as coisas. E a Rose, a Carol me avisou: “Oh, cuidado, pensa duas vezes, você realmente vai colocar a Rose?” Ela causou problema para a Carol lá na pizzaria, e acabou que ela veio por conta própria. Eu queria na verdade evitar problema para o meu lado, só isso. E no trabalho eu sou muito assim, sou muito profissional mesmo. Não gosto de misturar as coisas, porque se não, realmente você tende a proteger aquela pessoa que é sua amiga, e eu não quero saber disso. Eu só trouxe você porque você falava inglês, e eu não queria queimar meu filme. Eu não queria colocar uma pessoa que não falava inglês, ou uma pessoa que arrumasse confusão, e a Carol tinha me falado que você estava trabalhando bem na pizzaria, que todos gostavam de você, que se relacionava bem com todo mundo [Aline].

Como Rose percebeu que Aline não estava segura em relação a possíveis problemas em indicá-la para o trabalho, esperou Aline sair de férias e foi pessoalmente entregar seu currículo na *SM*.

Fui lá, procurei o Norbert (australiano gerente da parte de eventos) e ele estava de férias. Fui lá na frente no restaurante falar com a Núria (espanhola gerente do restaurante). Cheguei falando inglês, mas eu senti que ela falava espanhol, então eu comecei a falar espanhol, só que ela continuou no inglês. Falei: “Ai *caralho*, o que que eu falo, inglês ou espanhol? Ah, vou continuar no espanhol” E no final, finalizei com inglês, tudo misturado. Falei: “Não, porque eu vim trazer meu currículo. Já trabalhei aqui, através de agência. E eu tô procurando emprego, gostaria muito de voltar, poxa”. Não falei que era amiga da Aline, não falei nada [Rose].

Deixou seu currículo e depois de um tempo, para sua surpresa, recebeu uma ligação do gerente da parte de eventos para fazer uma entrevista. Foi nessa ocasião que utilizou seu capital social e disse a Norbert que era amiga de Aline. Apenas quando Aline voltou de férias descobriu que Rose tinha ido fazer a entrevista e foi falar com o gerente dizendo que ela era sua amiga. Rose foi contratada e passou a trabalhar durante o café da manhã sob a supervisão de Aline. À medida em que precisavam de alguém para fazer o horário de outro que estava faltando, os gerentes a chamavam, ela não recusava, porque necessitava de dinheiro para renovação do visto.

Cerca de um ano após, com um inglês melhor e estabilizada na empresa, Aline havia cansado de trabalhar em restaurante, sua vontade mesmo era trabalhar em lojas de roupas. Como não conhecia ninguém que trabalhasse na área, achava muito difícil conseguir.

O que que eu queria fazer aqui, eu queria trabalhar em uma loja chamada *All Saints*. Adoro aquela loja, já mandei meu currículo duas vezes e não me chamaram, e tentei entrar em outras também e não me chamaram. Aquilo me deixou tão decepcionada, tão dolorida, tão doída de não ter conseguido. Como que aqui eu não consigo trabalhar em loja e no Brasil eu não preciso mandar currículo. Ah, lógico, tudo é contato, meu amor, tudo aqui é “quem te indique” (QI). Até para ser faxineira você tem que ter QI, pode ser aqui ou em qualquer lugar do mundo, qualquer lugar do mundo. Como que eu entrei no Pizza? A Carol que colocou. Como que eu fiz *cleaner*? Meu irmão. Como que eu fui para o Hambúrguer? Meu irmão que colocou. Eu fico puta, fico assim: “Que merda, tenho que continuar nessa merda polindo prato” [Aline].

Como Rose disse, e as próprias trajetórias demonstram, os contatos sociais são importantes para intermediar uma mobilidade entre os trabalhos, contudo, os atributos de cada um vai variar de acordo com a forma como esses contatos são ou não utilizados, incluindo alguns e excluindo outros. Além da importância da língua, como já foi dito, há também a questão documental, pois, aqueles que não possuem documentos legais no país, terão uma “dependência” maior das redes sociais que constituem, tanto para conseguir trabalho, quanto para arrumar documentação falsa. Essa dependência, muitas vezes, pode não apenas limitar a mobilidade de um imigrante, como também ser utilizada como forma de exploração. Assim aconteceu com Bernardo.

Por estar trabalhando poucas horas, limpando escritórios durante a madrugada, um dos irmãos Fadiga, gerente de eventos em um campo de *cricket*, levou Bernardo até o seu trabalho para ver se conseguia algo para ele. Como não falava inglês e não tinha documentação, aceitaram que Bernardo trabalhasse no estádio desde que fosse de graça, por um tempo, como um teste. Colocaram-no para organizar as bebidas e encher as geladeiras, de cerveja. Por precisar urgentemente falar a língua, os brasileiros que trabalhavam lá – muitos por sinal – fizeram uma lista das coisas básicas em inglês, necessárias para não perceberem que não dominava o idioma.

Falaram: “Oh Bernardo, você tem que fazer isso”. É *backhouse*, chama o *trampo* lá. E me deixaram estudando uma folha lá, para quando pedirem as coisas para mim, eu saber. Ele mostrou lá na folha: “Oh quando o cara perguntar ‘de onde você é, você responde ‘sou do Brasil’, ou como que é o

seu nome... Decora, “how are you and what’s your name”, porque eles vão perguntar, é a primeira coisa que eles perguntam”. Cheguei lá, meio dia, o gerente chegou em mim e falou: “*How are you?*”, eu já falei todo empolgado “*I’m from Brasil*”. O cara saiu puto falando: “*Fuck, fuck off*”. Depois o cara viu que eu estava trabalhando duro lá. Mas eu não sabia nada de inglês e nem do serviço. Ele chamou um brasileiro e falou: “Pergunta para ele o que mais ele sabe fazer?” Eu falei: “eu faço qualquer coisa, eu estou aqui para trabalhar” [Bernardo].

Como trabalhava duro tentaram colocá-lo em outro setor, mas também estava perdido, já que não entendia nada do que falavam com ele. O gerente estava observando tudo, e havia tentado ajudá-lo mais uma vez, levando-o para trabalhar em outro setor, que também não deu certo.

Ele (*manager*) falou: “Ah, você não tem condições de trabalhar aqui”. Aí ele falou para o brasileiro lá: “Fala para ele que ele também não vai ficar aqui não”. Já me expulsou do *trampo*. Ele falou: “Só que eu tenho uma oportunidade para ele, fala que eu comprei uma casa nova, se ele quiser morar comigo, ele vai aprender inglês. Mas ele vai construir algumas coisas na casa para mim... Ele sabe construir?”, eu falei: “Ah, até sei”. Fui morar com esse cara quase um ano, na casa dele, foi onde eu aprendi um pouco de inglês [Bernardo].

Bernardo foi morar com o gerente do campo de críquete e sua família. O gerente era inglês, casado com uma polonesa e tinha um casal de filhos pequenos. Bernardo morava no sótão da casa, tinha comida e casa, mas não recebia nenhum dinheiro da família, o pouco que ganhava era pago pelo estádio de críquete, já que continuou com o registro na empresa e o gerente batia seu cartão alguns dias para ele receber um pouco de dinheiro.

No começo era *foda*, eu odiava... Quando chegava de manhã, sete horas da manhã, eu acordava na casa do cara, tinha que acordar, e o cara tava lá. Ele chegava em mim assim, de manhãzinha, e falava: “Bom dia”, em inglês. Eu tinha que falar do mesmo jeito que ele, mas eu não conseguia. E na hora que ia dar a noite :“Boa noite”, como você está?”. Tentando me ensinar, e eu bravo porque o cara vinha conversar comigo. Eu queria ficar sozinho, eu não entendia nada. Ele chegava, abria um vinho,e falava: “Vem cá tomar um vinho”, eu falava: “Não, não tomo”, só para não ficar com o cara, mas eu estava louco para tomar o vinho [Bernardo].

Com o tempo Bernardo foi se soltando mais na casa, e aprendendo inglês, principalmente porque o filho do casal passava o dia inteiro na casa olhando Bernardo trabalhar, e lhe ensinando inglês.

Eu morava no último andar da casa, e eles tinham um filhinho que gostou de mim *pra caramba*, e quando eu trabalhava o molequinho ia lá e ficava falando os nomes das coisas. Ele apontava e falava: “*Pigeon, pigeon, airplane*”. Foi onde meu inglês melhorou, aprendi muito com o molequinho. Eu fui tendo eles como minha família. E eles também gostavam de mim. Teve uma vez que eles tinham uma babá da República Checa, e eu tava dando uns pegadas nela, eles descobriram, mandaram a mulher embora e me seguraram lá. Eles viviam me dando conselhos. Sempre falavam: “Faz isso...não tenta se misturar com esse povo, faz isso...”, sempre dando conselho e eu sempre para o lado errado. Uma coisa eu aprendi com a minha mãe, não levar desaforo para casa, então, meu irmão, eu vou para cima mesmo. No estádio mesmo eu já briguei três vezes, porque os brasileiros lá têm inveja de mim, ciúmes e tal... ficavam falando merda, eu não deixo quieto não. A família me chama de *badboy*, mas eles gostam muito de mim [Bernardo].

Seguiu morando por um ano com essa família, e com mais um polaco que também trabalhava com ele na construção da casa. Levantava às sete horas da manhã e trabalhava o dia todo, todos os dias da semana, inclusive aos domingos. Tinha apenas sábado a noite de folga, era quando ia para a casa dos irmãos Fadiga e passava a noite bebendo com os brasileiros.

Quando terminou a casa, sabendo que Bernardo era ilegal, o gerente o levou novamente para trabalhar no campo de críquete, mas agora com um inglês bem melhor do que ele tinha quando chegou ao estádio pela primeira vez. Por mais que Bernardo tivesse sido “explorado” pelo gerente (como são os típicos casos que temos no Brasil das famílias tradicionais que levam crianças para morar com a família e ser a doméstica da casa sob o pretexto de proporcionarem casa e comida à garota), Bernardo também não se sentia explorado, e via essa situação como uma troca simbólica: trabalhar duro era o que podia fazer como gratidão ao trabalho e pela casa que lhe haviam dado em um momento em que não tinha nada nem ninguém.

O sentimento de gratidão ao gerente inglês era tão grande que Bernardo dizia que ninguém o ajudou mais do que o inglês, nem mesmo os brasileiros. Isso refletiu em seu trabalho no estádio, Max dizia que o pessoal no estádio explorava Bernardo, que ele trabalhava muito, fazia de tudo para todo mundo e ainda lhe pagavam menos do que o de direito pelo fato de ser ilegal. Max sabia disso porque, quando ainda não era *manager* na *SM*, trabalhou em alguns jogos como garçom, no estádio de críquete.

Como o trabalho no estádio não durava o ano todo, somente quando tinha a temporada de jogos, Bernardo começou a procurar um segundo emprego para quando o estádio parasse. Nessa época, ele queria juntar dinheiro para levar sua namorada que havia deixado no Brasil. Perguntou ao dono do apartamento em que atualmente morava, se estava precisando de alguém para algum trabalho. O dono do apartamento o “contratou” para organizar o escritório de sua imobiliária, e depois para pintar alguns apartamentos que havia comprado. Como não tinha experiência, e dependia daquele trabalho, mais uma vez aceitou ser “explorado” para obter ganhos a partir dos contatos que construía; trabalhou de graça por três meses, como um teste, e quando passou a receber não ganhava o mesmo que os demais pintores.

O cara falou: “O que você sabe fazer? Pintar?” Eu disse: “Até sei”. Fui pintar uma casa, os caras olharam. Gostaram, mas não falaram nada, porque ele me usou três meses. Fiz tudo perfeito. Só que os caras me exploravam... Porque uma casa para pintar, hoje em dia você ganha mais de 1.000,00 libras... E os caras me pagavam 300,00 libras. E o trabalho é muito duro. Só que eu precisava! Porque estava com poucas horas no estádio e eu estava querendo trazer minha namorada que eu tinha deixado lá no Brasil. Além disso, o cara da imobiliária me apadrinhou também, arrumou trabalho para minha namorada quando chegou, então eu continuei ainda pintando a casa para ele, mesmo sendo explorado [Bernardo].

O apadrinhamento do dono da imobiliária “funcionava”, além do trabalho para a namorada, ele também conseguiu para Bernardo um terceiro trabalho a fim de mantê-los em Londres. Assim, passou a trabalhar também de madrugada no bar de um hotel. No início ele não entendia o pedido dos clientes, mas como sempre lhes servia doses generosas, todos gostavam dele e o ajudavam. Não havendo nenhum brasileiro trabalhando nesse hotel, Bernardo conseguiu melhorar ainda mais seu inglês.

Fui trabalhar nesse hotel em *Nothing Hill*, no bar. Com o inglês que eu tinha era comédia, mano! Eu não entendia nada... os caras chegavam “me dá isso”, eu olhava e sorria para o cara, o cara “aquele lá”, “esse?”, “não”, eu pegava e falava: “Esse, não, esse aqui? Tá bom”, “que tanto?” O cara até sorria para mim, e eu enchia. Quando eu colocava menos os caras reclamavam, eu colocava mais os caras deixavam até caixinha, devo ter dado um prejuízo para o bar. Mas eu fui aprendendo e tinha um pessoal que gostava de mim e me ajudava com o inglês. Tinha um casalzinho de velhos, que morava em *Nothing Hill*, eles não tinham filho nem nada, e eles iam lá só para beber e me ver. Eles me faziam ler o jornal todo dia, cada dia eu lia uma parte do jornal. Eles davam risada, a velhinha falava “você vai aprender inglês assim.” [Bernardo].

Como passava o dia todo trabalhando, sua namorada começou a reclamar da vida que levava em Londres, não gostava de trabalhar como faxineira e reclamava o dia todo que não o via.

Eu tive que sair de lá do campo, e para ajudar a minha namorada ficava enchendo o saco. Na realidade ela era uma *playbozinha* que ficou pobre do nada, porque o pai dela tinha grana, mas se separou da mãe que era uma louca e deixou as duas sem grana. Acabei trazendo ela para cá, mas ela não queria *trampar* limpando as coisas. E ela cabreira, eu cabreiro com ela já também, porque ela não queria estudar, não queria fazer nada, ficava em casa o dia todo. Eu chegava em casa *quebrado*, ela triste, perguntava para ela o que foi e ela falava que as contas da mãe tava vencendo e tal; eu ia e pagava a conta da mãe dela, ela ficava feliz dois dias depois já emburrava de novo [Bernardo].

Como estavam brigando muito, Bernardo saiu de seu quarto, o qual tinha computador, TV, geladeira e uma cama de casal; e foi dividir quarto com outro brasileiro que morava lá. Nesse ínterim ela se envolveu com um pessoal de uma igreja árabe. Então um dia disse que iria embora e levaria tudo, até a geladeira.

Um dia ela falou assim: “Tô mudando hoje”, eu falei “Tá bom”. Eu tava no meu quarto, fui lá no quarto dela, bati no quarto dela, e falei “Ah, você tá mudando hoje? Tá bom. Então eu quero falar um *bagulho* para você, O que eu fiz para você até hoje você vai esquecer, *tá ligada?*”. Eu peguei e dei um *tapão* bem no meio da boca dela, ela caiu no chão, e eu falei: “Mas disso aqui você não vai esquecer não, mano”. Ela caiu no chão, ficou roxa, veio para cima de mim, me unhou no rosto, eu dei um soco bem dado nela. Veio todo mundo da casa me segurar, e eu falando: “Não me segura não, só isso que eu quero”. Ela conversando de novo e eu dei mais outro *tapão* na cara dela. Todo mundo com medo. Alguém do prédio chamou a polícia [Bernardo].

Bernardo fugiu e ficou um tempo sem aparecer na casa, e sua namorada não fez nenhuma denúncia porque também era ilegal. Segundo Bernardo, ela deu o golpe do passaporte já no mês seguinte ao ocorrido e se casou com um árabe que tinha cidadania européia.

Depois desse episódio, Bernardo retornou ao seu quarto e teve que comprar todas as suas coisas novamente, já que ela havia levado tudo embora. Com o tempo, voltou a trabalhar no campo de críquete. O gerente havia conseguido uma maneira de recolocá-lo na empresa, mesmo tendo passaporte falso. Porém, depois disso ele trabalhou no campo até o fim de 2010,

quando brigou novamente no trabalho. Contudo, em fevereiro de 2011, ele disse que já havia conversado com o gerente e trabalharia em outro setor.

Bernardo passou, então, boa parte de seu tempo em Londres, circulando pelos serviços que conseguiu com seus contatos iniciais, mais precisamente limitando-se ao trabalho no estádio e muitas vezes sendo explorado por aqueles que lhe conseguiam o serviço. O fato de aprender o inglês não lhe deu uma mobilidade muito alta, já que a questão do documento muitas vezes limitava um salto maior.

A trajetória de Guilherme repetiu a de Bernardo, em vários aspectos. Ambos tiveram inícios parecidos em Londres e vieram de uma origem semelhante. Contudo, ao longo dos anos, Guilherme foi articulando formas para escapar dessa dependência e exploração devido à falta de documentação e do conhecimento da língua local.

Em seu primeiro trabalho Guilherme percebeu que era explorado por seu patrão. Esse contratava somente imigrantes ilegais justamente para não ter que pagar o mínimo exigido no país legalmente.

Era um ambiente legal, pessoal tudo latino, boliviano, colombiano. O dono era um espanhol explorador. Um velho explorador, que já contrata ilegal para pagar metade. Exatamente a metade. Trabalhava oito horas, ganhava na época 150,00 *pounds* (libras) por semana quando eu teria que ganhar 290, 300. Mas, para quem tava até uma semana em um posto de gasolina no Brasil, e passar tudo que eu passei para entrar, tava bom ! E outra, a gente comia lá, e a comida era boa. Eu entrava às quatro da tarde e saía à meia-noite. Tinha um dia de folga na semana... Meu primo me levou para o cara lá, um brasileiro, para tirar os documentos falsos, pegar o que precisa para trabalhar e tal, porque eu queria arrumar outro trabalho [Guilherme].

Quando Bernardo foi com seu primo fazer sua documentação, ficou sabendo que o brasileiro que comercializava os documentos era casado com uma brasileira, gerente de uma empresa de *cleaning* que limpava escritórios e teatros. Esse brasileiro lhe ofereceu trabalho na empresa onde a esposa era gerente, porém, Guilherme teria que fazer além do passaporte, um *insurance number* e uma identidade portuguesa.

Guilherme fez os documentos e passou a trabalhar de madrugada, limpando prédios. Com o tempo descobriu que o casal também só contratava ilegais para explorá-los, pois o marido ganhava dinheiro fazendo os documentos falsos e a mulher pagava para os cleaners somente uma parte do que a empresa lhe repassava. Como ainda se sentia grato por terem-lhe dado trabalho, aceitou mais uma vez as condições e começou a ter uma jornada dupla.

Cara, fiquei uns três meses nesse *cleaning* da madrugada. Foi foda, porque eu saía de lá do restaurante à meia-noite, chegava em casa, coisa de uma hora da manhã, tomava um banho, e sempre meu primo tava em casa, sempre a gente conversava. Eu ia dormir por volta de três da manhã. E lá no *cleaning* eu entrava às seis da manhã. Tinha que sair às cinco horas de casa [Guilherme].

Cansado do trabalho maçante e abusivo, no restaurante do espanhol, foi trabalhar em outro restaurante, de um italiano, colocação conseguida através de informações que obteve de outros trabalhadores do *cleaning*. Apesar de também ser explorado, principalmente quanto ao valor das horas pagas³⁴, ele permaneceu lá porque o trabalho era mais fácil. Mais tarde trabalhou em outros quatro restaurantes italianos, e pelo fato de conviver dois anos diariamente com italianos, acabou aprendendo a língua de seus colegas de trabalho.

Por não possuir documentação legal, Guilherme teve que se sujeitar a vários outros trabalhos nos quais recebia a metade do mínimo pago no país, caso de um restaurante, fora de Londres, onde trabalhou, em 2009, quando eu o conheci. Levantava cedo, passava mais de uma hora viajando, trabalhava o dia inteiro com apenas trinta minutos de *brake* por dia, sem receber comida, e com um dia de folga na semana. Muitos dias ele tinha que dormir no restaurante por terminar o trabalho tarde (mais de meia-noite) e não ter mais transporte funcionando.

Após dois anos sendo explorado lavando pratos, por meio de um amigo que dividia casa com ele, Guilherme conseguiu um trabalho como ajudante de cozinha em um restaurante onde se pagava melhor. Contudo, não era algo fixo.

Assim como Max, Guilherme sabia que se ficasse se relacionando apenas com brasileiros teria sua mobilidade limitada ao estilo de vida que a maioria dos seus conterrâneos levava. Quando comentou isso comigo, pedi para explicar melhor, já que ele também havia dito que não tinha como viver em Londres sem ter contato com brasileiros. Foi quando explicou, praticamente dando uma aula, a partir de sua experiência, sobre a ideia de homofilia e suas conseqüências na vida prática dos indivíduos³⁵.

³⁴ Lá não se pagava por hora, *mas* por *shift*. Então eu era explorado lá também, porque eu fazia dois shifts que era tipo das 9:00 às 15:00h, só que nunca ia até as 15:00h, sempre passava bem mais, e o outro era das 17:00 às 23:00h, que também sempre ia até à uma da manhã, e o cara não pagava a mais. (Guilherme)

³⁵ Homofilia seria a tendência que os indivíduos possuem em construir e manter contatos mais frequentes com indivíduos de características sociais similares (McPherson et al., 2001 apud MARQUES, 2010), ou seja, ela é produzida por dimensões intrínsecas da sociabilidade como práticas, gosto, língua, etc. No caso das migrações internacionais, o que pode unir esses indivíduos inicialmente é a origem migratória, e apesar de essa

Se você quiser crescer aqui você precisa aprender inglês. Mas, você lembra que eu te disse que não dava para ficar aqui sem celular ?! Por causa dos contatos com os brasileiros. Tem uma coisa que tem muito assim, se você ficar muito no meio dos brasileiros, você não vai aprender a falar inglês aqui. O que é verdade. Só que se você não se envolver com brasileiros no início, você não arruma emprego. Porque, quem vai te arrumar trabalho é brasileiro, não é japonês, não é inglês, não é dinamarquês... E se você está, que nem é o meu caso, ilegal, quem vai te arrumar os documentos para trabalhar é brasileiro, documento falso é brasileiro. Tudo o que você for precisar. Se for dirigir moto, carro e van, quem vai tirar essa habilitação para você é brasileiro. Quem vai colocar você no mercado de trabalho das vans, dos motoboys, é brasileiro. Quem vai colocar você num restaurante para lavar prato é brasileiro. Quem vai colocar você no *cleaning*, para limpar chão, é brasileiro. Você aprende onde são os lugares mais baratos para se morar, onde compensa mais morar. “Ah, tal loja tá em promoção!”, “Troca seu celular, porque mais gente usa essa marca, essa operadora”. É tudo brasileiro. Daí você vai conhecendo gente e vai seguindo seu caminho cara. Se você depois vai estudar, você decide. Então depois, quando você já vê que se vira sozinho e quer dar um salto mais alto, você tem que ir por você. Eu tenho essa visão. Acho que os brasileiros vivem muito em gueto... Vive muito em gueto e não sai daquilo ali. Se você quiser sair daquilo ali você tem que sair dos brasileiros. E foi quando eu mudei minha vida aqui cara, porque eu já tinha dois anos em Londres e estava levando essa vidinha, e eu via muita gente, trabalhando de chefe de cozinha, em construção, e ganhando muito mais do que eu. Pensei: “Eu não posso ficar aqui do jeito que eu tô”[Guilherme].

A partir dessa mudança de pensamento, Guilherme começou a procurar trabalhos onde teria que falar inglês. Um trabalho que gostaria de fazer era de chefe de cozinha, porém não sabia cozinhar nem um ovo. Guilherme vivia pedindo para seu primo lhe arrumar um trabalho no estádio de críquete, pois sabia que lá tinha cozinha e poderia começar a trabalhar ajudando os chefes. Porém, achava que seu primo não confiava muito nele e sempre inventava histórias de que a Imigração aparecia por lá e que ele não era pego porque o pessoal o avisava e ele corria pelos fundos.

Como continuava sem um trabalho fixo, Guilherme começou a ficar sem dinheiro. Teve como uma das soluções o mercado de compra e venda de documentos falsos:

sociabilidade “entre iguais” ajudar na busca de empregos e ocupações, e no acesso a cuidados e companheirismo (apoio social), ela também acaba servindo como controle social para alguns; além de poder dificultar uma possível mobilidade social para esses indivíduos, uma vez que não se relacionam com aqueles que possuem atributos diferentes que funcionariam como pontes para mediar um acesso a novos bens e serviços (BRIGGS, 2003; 2005 apud MARQUES, 2010). É importante ressaltar que o simples contato com indivíduos diferentes não gera necessariamente um capital social ativo, ou seja, não necessariamente produz sentimento de comunidade ou padrões de conexão entre grupos que trarão ganhos aos indivíduos (MARQUES, idem), Contudo, não tem como negar que o fato de permanecer se relacionando somente com seu grupo “primário” diminui a possibilidade de se ter uma maior mobilidade.

Uns conhecidos queriam fazer documento, e eu comecei a indicar para o cara que fazia. Só que muita gente começou a pedir aí eu comecei a colocar o meu em cima para ganhar também. Só que um cara que fazia negócio comigo foi preso e saiu no jornal. O cara (o garoto preso) veio para Londres e entrou nesse esquema de fazer documento falso, clonar cartão e tal. E você sabe como é. Começa a ganhar dinheiro fácil, e balada, mulheres... O cara tava pegando dinamarquesa, norueguesa. Subiu para a cabeça... Drogas, bebida, balada, limusine. Subiu para a cabeça, e esse tá preso. Dava festa na casa dele, tirava foto na casa com dinheiro no peito, e põe foto no *Orkut* com as norueguesas e o dinheiro. Tem um amigo desse que não rodou, e agora o pessoal diz que eles estão com uma máquina de falsificação de dinheiro aqui. Outro cara que faz documento disse que ele nem mexe mais com a documentação, não, porque a irmã dele é da polícia federal e deu um jeito de entrar uma máquina de falsificar dinheiro aqui para ele...Então foi ficando perigoso e eu saí fora, estava entrando em um novo estilo de vida [Guilherme] .

O novo estilo de vida fazia referência ao trabalho que Guilherme conseguiu. Seu primo dizia que não tinha como trabalhar no estádio porque sempre aparecia a Imigração por lá. Porém, como havia muita gente de sua cidade, em Londres, um dia, por coincidência, encontrou um antigo vizinho andando no centro da cidade. Este amigo disse que já estava na capital inglesa havia um tempo e trabalhava no mesmo estádio que seu primo Bernardo. Guilherme perguntou se era verdade que a imigração aparecia por lá, seu amigo disse que já estava trabalhando no estádio fazia dois anos e nunca tinha ouvido falar a respeito, até porque, ele também estava ilegal. Após essa informação, Guilherme contou a história a Bernardo e disse que queria muito trabalhar na cozinha do estádio e que poderia começar de *kitchen porter* mesmo, que não tinha problema.

No dia seguinte Bernardo conversou com o chefe da cozinha e comentou a respeito do primo que já estava em Londres havia dois anos e, apesar de não falar inglês, era trabalhador e gostaria muito de trabalhar lá na cozinha como *kitchen porter*. O chefe pediu para Bernardo levar o primo no dia seguinte, para começar a trabalhar. Todavia, quando lá chegaram, Guilherme teve uma surpresa.

Cheguei lá, o cara (chefe) olhou para mim e deu risada. Eu tava com uma camisa do Santos, então ele perguntou: “Ah, que time é esse?” Eu entendi e respondi: “É um time do Brasil”. O cara era inglês e torcia para o Chelsea, e ele começou a falar “Santos é uma merda, o Chelsea é bem melhor.” O cara do nada virou e falou assim: “Você não vai mais trabalhar lavando prato não, você vai vir me ajudar na cozinha.” Bateu o desespero... Pensei: “Tô fudido, agora o cara acabou comigo, eu não sei inglês e também não sei cozinhar

direito”. Eu já virei para ele e tentei falar “Não, eu não vou, não, eu quero lavar prato mesmo, não falo inglês.” Ele disse que não, que ele tinha gostado de mim e que eu conseguia entender ele, eu ia aprendendo aos poucos... fui! [Guilherme].

Para Guilherme, esse momento foi o passo a mais que tanto almejava. Isso aconteceu em 2010, e foi a primeira vez que conseguiu um trabalho em que recebia o mínimo pago no país e que pagassem de fato todas as horas trabalhadas. Além disso, não ficaria falando português, já que era obrigado a falar inglês na cozinha.

Ali foi o meu momento de sair do gueto para crescer, porque eu tenho mais perspectivas para crescer. Eu entrei lá como *sub-chef*, que é uma categoria abaixo de *chef*. Eu fico ali ajudando o *chef*, só que eu já não tava mais lavando prato. Além disso, eu ganho o mínimo agora! E lá eu passo cartão a hora que entra e a hora que saí, então o tanto que eu trabalho, eu recebo. Sem contar que eu tô aprendendo a falar inglês! No começo tinha um australiano que era filho de italiano, aí conversava com ele em italiano, isso me ajudava porque quando eu não entendia alguma coisa, ele ia lá e traduzia para mim em italiano. Só que depois de quatro meses ele foi embora, então agora é só inglês mesmo [Guilherme].

Guilherme via nesse trabalho a sua oportunidade de melhorar sua vida em Londres, portanto, ele passou a trabalhar duro, sem nunca reclamar de nada e fazer tudo o que lhe pediam. Conta que isso fez com que todos passassem a gostar dele já na primeira semana, porque geralmente na cozinha o trabalho de ajudante de chefe é pesado, e o pessoal sempre reclama.

Cara, era a minha oportunidade... Eu falei: “Vou trabalhar duro!” Já no primeiro dia me deram trezentos quilos de batata para “*pilar*.”³⁶ Eu nunca tinha feito, achava que não ia dar conta. Eu fiz esse trabalho, trezentos quilos de batata no “*pilo*”³⁷. Nunca tinha pego um *pilo* na mão. Eu sei que comecei de manhã, às sete horas da manhã, fui até oito da noite e acabei no outro dia meio dia. Pensei: “*Véio*, tô muito mal, um dia e meio para fazer um trabalho! E o lugar onde eu trabalho é um lugar conceituado, é o maracanã do críquete”. E os caras me olhando. Deu dois dias depois, me deram mais isso para *pilar*, mais num sei o que, e começou a vir comentário “Pô, esse cara tá gostando disso aí”. Pensei “Eu não acredito!” [Guilherme].

Como trabalhava duro, Guilherme começou a ouvir comentários positivos a seu respeito, o que o deixava orgulhoso e dava mais força ainda para continuar trabalhando.

³⁶ Abasileiramento da palavra “peel”, que em português significa descascar.

³⁷ Abasileiramento da palavra “peeler”, descascador.

Mesmo Bernardo, que antes relutava em levá-lo para trabalhar no estádio, disse que o chefe o agradeceu por ter levado seu primo, e que estava com “moral” na empresa, pois o chefe perguntou se não tinha mais ninguém de *confiança* para indicar.

Priscila também foi outra que se sentiu explorada por aqueles que lhe arrumaram trabalho no início e só conseguiu uma mobilidade maior quando aprendeu inglês e passou a circular e a conviver em outros circuitos.

Depois de algumas semanas que conseguiu seu primeiro trabalho em um *pub*, Priscila teve que sair da casa onde morava, pois estava lá só até arrumar um trabalho. Como já estava trabalhando, e conhecia mais pessoas, logo conseguiu um local para morar, com seus colegas de serviço, contudo, ela se mudou mais duas vezes ainda, pois descobriu que pagava aluguel a mais do que os outros moradores, em ambas as casas. Depois desses fatos, não conseguia mais confiar em brasileiro nenhum, pois, para ela, a grande maioria só pensava em dinheiro e queria passar a perna em todo mundo. Esse foi também um dos motivos que a levaram a sair do *pub*.

Estava trabalhando várias horas na semana, mais do que o permitido para estudantes, contudo, nunca haviam lhe pedido documentação, até porque quem controlava isso era o marido de sua amiga. Porém, essa “facilidade” proporcionada via contato social, ou rede, tinha um preço a ser pago.

Eu saí do *pub* porque estava cansada de lá, que você trabalha e nego nunca te pagava. Você tirava férias e o seu dinheiro nunca estava lá, sabe? Tipo assim, suas horas estavam sempre erradas, e você falava, mas ele não consertava, eu estava cansada de trabalhar de graça. Trabalhar de graça, não, toda semana e uma ou duas horas a menos. Depois de um mês, você já tem milhões de horas a menos, daqui a dois meses você já tem um bilhão de horas a menos, daqui a três meses você vai trabalhar mais de graça do que recebendo [Priscila].

Priscila sempre soube que lhe pagavam menos do que o de direito, contudo, como no *pub* podia trabalhar mais do que as vinte horas permitidas legalmente, e ela ainda não falava inglês para conseguir algo melhor, continuou sendo explorada no *pub*, como dizia, por mais dois anos. Como sempre soube que o inglês era um diferencial na hora de conseguir um trabalho melhor, procurou ir às aulas ao longo dos dois primeiros anos. E, quando percebeu que já conhecia muita gente na cidade e se sentia mais segura com relação à língua, decidiu procurar um novo trabalho

Através do contato de alguns amigos com os quais estudava, foi trabalhar de *waitress* dentro da *Selfridge*, uma das lojas de luxo mais famosas de Londres. Lá, apesar de só ter visto de estudante, Priscila também trabalhou mais de vinte horas semanais, mas também não recebia direito.

Depois, por meio da indicação de um colega da *Selfridge*, Priscila foi trabalhar em uma agência de garçons de uma brasileira, a mesma agência em que Rose trabalhava ocasionalmente. Foi trabalhando nessa agência que conheceu a *SM*, pois, quando tinha algum evento grande na *SM* e o número de seus *staffs* não era suficiente para a ocasião, eles utilizavam trabalhadores das agências. Priscila gostou da *SM*, que pagava contratados diretos por ela, 7,50 libras por hora. O pessoal da agência recebia 5,50 por hora, uma vez que a agência ficava com 2,00 libras por hora de cada garçom. Sabendo disso, saiu de lá e foi pedir trabalho no restaurante da *SM*, quando foi aceita no início de 2009. Pela primeira vez em Londres, Priscila encontrou um trabalho sem o intermédio de ninguém, e que lhe pagava corretamente.

A quantidade de informações apresentadas neste capítulo faz com que algumas considerações relevantes já sejam antecipadas aqui. A maneira como se desenvolve a mobilidade no trabalho de cada trajetória apresentada, explicita que os contatos de fato possibilitam o acesso a informações privilegiadas e a alguns ganhos. Porém, a rede funciona como um mediador e não como um ator. Tanto as relações sociais quanto os atributos são fundamentais nesse processo (MARQUES, 2010), pois o simples fato de conhecer e se relacionar com alguém não lhe garantirá o acesso às oportunidades, a menos que também se possua as características sociais necessárias para se ter o acesso; e nos casos apresentados aqui, uma característica importante é o domínio ou não da língua inglesa.

O conhecimento da língua local abre muitas portas e proporciona uma mobilidade maior. Ela é, para um imigrante, um diferencial não só para a ascensão no trabalho, como também na maneira de viver. A língua é um fator chave para se circular no local e compreender-lhe a cultura. Aqueles que não têm o acesso a isso ficam fora de alguns circuitos, como redes para trabalho, cultura local, novidades da mídia etc (Knowles e Harper, 2009). Dessa forma, não conseguem acesso a informações fora do grupo primário. Os que não falam a língua local vão buscar sempre morar e trabalhar com brasileiros. Suas redes sociais serão compostas por brasileiros, ou seja, muito provavelmente terão acesso apenas àquelas informações e tipos de trabalho que outros brasileiros conseguem. Com isso, suas

experiências são vividas em português e perdidas em traduções; fecham-se e resumem-se a poucas pessoas.

Outro ponto importante remete à ideia de confiança, já que para se ter acesso a determinados bens e serviços intermediados pelas redes, o indivíduo precisa ser digno de confiança, deve merecer aquilo.

Neste sentido, a ideia de merecimento está constantemente presente, e a todo o momento cada trabalhador está sendo avaliados por aqueles que fazem os *links*. Um indivíduo só insere o outro em um local, na medida em que há a **confiança**, por parte do primeiro, de que o segundo corresponderá aos requisitos necessários para realizar aquele trabalho, ou seja, que ele possua os atributos indispensáveis para a prática daquela função, e é claro, realizá-la sem arrumar confusão. Quando acontece de as expectativas serem quebradas, não só o indivíduo que não correspondeu passa a ser desacreditado pelos demais, mas também a credibilidade daquele que o indicou pode passar a ser questionada, e os laços de “conexão da rede”, que são baseados na confiança, podem se afrouxar. Foi o que, várias vezes, aconteceu com Rose.

Quando acontece o oposto, no caso em que as expectativas sobre o indicado acabam se realizando, aquele que indicou o trabalhador que “deu certo”, também obtém ganhos simbólicos, uma vez que este ganha a confiança da hierarquia da empresa e passa a ser bem visto. Isto significa que o comportamento daquele que indica alguém ao trabalho também não é algo completamente altruísta, e pode estar revestido de interesses (Mattedi, 2005), na medida em que este ganhará prestígio e confiança dentro da empresa, quando uma indicação funcionar. Essa situação aconteceu com Aline na *SM* quando me indicou, e com Bernardo quando indicou Guilherme.

Uma fala de Guilherme demonstra como a ideia de “povo altruísta” não está muito presente entre os *brazucas* que moram na “terra da rainha”, e que o interesse também está presente em ações consideradas altruístas.

Então, isso daí que o brasileiro se ajuda aqui é meio lenda, cara, meio lenda. Você ajuda porque você precisa ser ajudado, não é porque é bonzinho, não. Igual, o cara foi me receber na Espanha? *Porra* nenhuma. Quando viu que eu não tinha nada para dar em troca, não foi. No começo o pessoal te ajuda? Ajuda, arruma documento e tal, mas é porque também vão ganhar em cima de você, às vezes, até te exploram [Guilherme].

Essa fala, assim como várias outras ouvidas em campo, faz com que em Londres a ideia de solidariedade étnica (LIGHT, 2000) também seja relativizada, como aconteceu nos trabalhos com brasileiros nos EUA e Canadá (MARTES, 2003; GOZA, 2003). Até porque, lá também se verificam casos de exploração de brasileiros feita pelos seus compatriotas, dentro das chamadas redes solidárias, vendas de postos de trabalho etc. Isso acontece principalmente quando o outro não tem documentação e fica mais dependente ainda dessa “rede solidária”.

Além disso, como demonstra Lima e Conserva (2006), ao mesmo tempo em que as redes possibilitam o acesso a informações privilegiadas, estas podem, também, dependendo da sua intensidade, funcionar como elemento de disciplinarização dos trabalhadores no espaço de trabalho, a partir dos determinantes de confiança que as compõem, tornando-se funcionais no mercado de trabalho. Ou seja, ao mesmo tempo em que esses contatos sociais podem funcionar como capitais que permitem aos indivíduos usufruírem de vantagens propiciadas por essa relação, podem significar também controle social por meio de normas e sanções pelas quais o grupo, ou comunidade, pode ser beneficiado, como inibição ao crime ou a comportamentos considerados nocivos à comunidade, ou à empresa (LIMA e MOURA, 2005).

Levando essa discussão especificamente para o mercado de trabalho, Boltanski e Chiapello (2009) afirmam que a reciprocidade não está mais na troca de objetos, mas, sim, em estabelecer elos, sendo estes um capital que não pertence àquele que deles usufrui, ele pode sempre ser substituído unilateralmente, a título de punição, por aquele com quem foi criado.

Dessa forma, a maneira como se estabelecem as redes de relações no mercado de trabalho seria, para esses autores, o novo executivo controlador na empresa, e este controle viria através da confiança que garante o elo entre os atores; é a confiança nas relações sociais quem une todos os membros da empresa. A confiança não pode ser quebrada, ela joga a responsabilidade para todos os atores, trabalhadores e *managers*, eles são responsáveis pelas suas condutas, que vão manter, ou não, a confiança (e o trabalho) que lhe foi dada. Isso ficou evidente em todos os casos apresentados, especialmente na situação em que Cristina perdeu seu cargo de *team leader* na SM.

CAPÍTULO 3. Prolongando a permanência: vivências, consumo, táticas e corpo.

3.1 A ânsia por trabalho e o estilo de vida.

Como foi possível perceber nos retratos acima, quando estabelecido em um trabalho, o migrante recém-chegado passa a ter uma devoção inicial àquele emprego; passa a trabalhar o maior número de horas possível e sempre pegando pesado para não desapontar aqueles que o empregaram. Isso não acontece somente com aqueles que vão para Londres com o intuito inicial de trabalhar-acumular-retornar, mas também com aqueles que, teoricamente, seriam estudantes, como nos casos de Rose, Priscila e eu.

Quando me estabeleci na *SM* cheguei a trabalhar dezessete horas no dia. Isso se intensificou ainda mais quando Hassan me indicou para um pessoal pertencente à mesma empresa e que realizava casamentos em outro prédio (*SM 2*) aos finais de semana. Assim comecei a trabalhar sábado o dia todo também. Nesse período cheguei a trabalhar oitenta horas semanais, e sempre ao lado de Max, pois passaram a nos colocar para trabalhar em equipe, porque, para os supervisores, não fazíamos “corpo mole”.

Dessa forma, passamos a trabalhar muito e a sair muito também. Quando trabalhávamos nos casamentos na *SM2*, entrávamos na parte da manhã, por volta das 9:00h, e íamos até à 1:00h da manhã. Assim que terminávamos o trabalho, sempre nos reuníamos com alguns amigos e íamos para alguma boate ou *pub*. Havia dias em que nós saíamos à noite e tínhamos que trabalhar no dia seguinte, no café da manhã. Nessas ocasiões trabalhávamos “virados”; íamos para casa apenas para tomar banho e nos trocar para começar outro dia de trabalho. Sendo assim, acabei entrando em um ritmo de vida marcado por muito trabalho, consumo e viagens. Comprei vários produtos eletrônicos e viajei para onze países diferentes. Da mesma forma que aconteceu comigo, Aline e Rose também se encantaram com o estilo de vida que levavam em Londres, e em meio a muito trabalho e “vida social”, frequentar a escola de inglês já havia ficado para segundo plano.

Comecei a trabalhar, me mandavam no começo para trabalhar em vários hotéis. Nisso tudo eu estudava, tal. Eu fazia sempre os meus horários de acordo com a escola. Mas eu comecei a trabalhar e a conhecer a galera de agência! Muita gente brasileira, principalmente. E no *Carlton* (hotel) eu conheci umas meninas, sabe? Muito legais. Assim, uma delas foi a Luciana, que virou uma grande amiga. E a Luciana sempre foi muito louca, tipo, conhece todo mundo, e fala com todo mundo, e queria me carregar para tudo

quanto é lugar. Eu ia! Mudei de casa, fui morar em cima de um *Pub*. Então iam todos lá para minha casa, bebia, bebia, bebia. A gente fazia aquela farra. Eu curti bastante. Fiz muita farra. E então as redes aumentam... E as pessoas vão se encontrando dessa forma [Aline].

Foi quando Aline percebeu que sua vida se resumia a festas e trabalho, nem a escola de inglês frequentava mais. Depois de um tempo mudou-se para a casa de sua amiga Luciana, onde conheceria Carol, sua namorada.

Até então, Aline ainda estava vivenciando um período de festas e descobertas. Nunca havia beijado nenhuma mulher, mas dizia que já sentia vontade. Com o passar do tempo, estava dormindo com Pedro, saindo com Luciana e já rolando algo com Carol. Levando em consideração o estilo de vida que tinha no Rio de Janeiro, Aline estava mesmo em uma fase de novas experiências, e tais experiências eram fáceis de serem realizadas em Londres. Porém, seu visto de estudante logo venceria e ela deveria voltar para o Brasil para o casamento de sua irmã. Nunca havia pensando em ficar mais de um ano fora do Brasil, mas o encantamento com o estilo de vida livre que levava, acabou se tornando um dos motivos de voltar para Londres, principalmente pela liberdade sexual, longe da família

Nunca tinha ficado com uma mulher. Mas eu saí do Brasil com essa idéia...eu falei assim: “É agora que eu vou ficar com uma mulher”. Eu tinha vontade, eu achava que isso era normal. Que era um comportamento normal, que na realidade todo mundo, no fundo, tinha uma atração pelo mesmo sexo, e eu falava: “Isso não vai me classificar como homossexual”, acho que isso é normal. E isso era impossível de acontecer no Brasil porque eu não frequentava lugares gays. Meus amigos não conheciam ninguém gay, tal. E se eu falasse isso para um amigo meu eu não sei como é que seria a reação. Então eu ficava mais com esse preconceito. Mas quando eu vim para cá, tava sozinha, é diferente. Eu fui atrás de alguém [Aline].

Aline havia sentido, em Londres, o gosto da liberdade que tanto procurava. Quando voltou para a casa de seus pais considerou-se um peixe fora da água e sentiu-se diferente demais para voltar a viver como antes. A situação piorou quando sua irmã disse a seus pais que Aline era lésbica.

A questão sexual foi uma coisa muito forte. Ficou na minha cabeça. Eu falei, eu tenho que resolver isso de novo. Então eu falei: “Ah, quer saber? Eu preciso sumir de novo. Vou pegar esses seis meses, ficar trabalhando em um navio até minha cabeça, de novo, voltar para o lugar”. Ou seja, na realidade a minha busca era sempre por uma liberdade. Ficar bem comigo mesma, resolver minha cabeça, ficar em paz. Eu decidi sair de vez mesmo quando

minha irmã viu uma conversa minha com a Carol no MSN (programa de relacionamento social) e falou para os meus pais que eu sou lésbica. Meu pai e minha mãe fingiram que não ouviram. Eu saí de casa, voltei dois dias depois, minha mãe não falava comigo direito, até passar. Nunca me perguntaram nada, então eu também deixei para lá. Mas ficou aquele clima chato [Aline].

Na tentativa de mais uma vez fugir das pressões familiares, chegou a se inscrever para trabalhar em um Cruzeiro, mas, quando já estava tudo certo para partir, foi “pega” no exame médico, pois tinha ido viajar com alguns amigos uma semana antes e havia fumado maconha. Foi quando começou a correr atrás das coisas para voltar para Londres. Após seis meses de estada no Brasil, voltou para Londres, em fevereiro de 2008, agora para ficar por um período maior. Como Carol havia-lhe emprestado o dinheiro necessário para voltar, Aline foi morar com ela, já como um casal.

Rose também vivenciou situação semelhante (assim como aconteceu comigo quando trabalhei na SM). Na medida em que precisavam de alguém para fazer o horário de outro, os gerentes chamavam Rose, que não se recusava. Chegou a trabalhar noventa horas na semana, quando estava gastando muito com viagens e bebedeiras. Apesar de ter planejado ficar apenas um ano na cidade inglesa, Rose também queria juntar dinheiro para renovar seu visto de estudante, pois não desejava mais retornar tão cedo.

Cara, eu trabalhei tanto e saí tanto, fiz tantas coisas... Usei e experimentei muita droga, experimentei cocaína, tomei bala (êxtase) tomei ácido (LSD), tomei MDMA, quetamina. Nossa, eu experimentei todo o tipo de droga, tomava bala e chupava um aqui, tomava bala e era chupada ali, no banheiro. Muito doida, foi o ano mais louco da minha vida. Nossa, transava *pra caralho*, bebia *pra caralho*... Até mulher eu peguei... Mas eu odiei [Rose].

Priscila, apesar de não sair tanto como Aline e Rose, também havia se encantado com o estilo de vida livre, longe da família, que podia levar em Londres; e também decidiu renovar seu visto e prolongar seu retorno. Passou a ganhar várias horas de trabalho, e como acontece com muitos, deixou a escola de lado e trabalhou cada vez mais, mesmo não tendo a intenção de juntar dinheiro, ou mandar dinheiro para familiares que estavam no Brasil. O dinheiro juntado serviria para renovar seu visto, o que a manteria por mais um tempo, tendo uma vida livre das pressões familiares, além de conseguir consumir uma vida cultural que não tinha no Brasil.

Eu estava frequentando a escola por causa do visto, mas depois, com o passar do tempo, eu peguei mais umas horas no pub, e comecei a fazer quarenta, cinquenta horas, e foi aumentando. Saí do *cleaning*, fiquei só na escola e no pub. Mas eu também faltava muito à escola, que eu não tinha saco, eu ia mesmo só por causa do visto [Priscila].

Muitos dos que vão com a idéia e o discurso inicial de aprender inglês por um período curto, acabam tendo determinadas vivências e experiências que os fazem decidir ficar por lá por um período maior. A escola deixa de ser prioridade, como no caso de Rose, Aline e Priscila. Contudo, isso não aconteceu somente entre aqueles que migraram como estudantes, a maioria dos entrevistados que migraram com o intuito de trabalhar e juntar dinheiro, também relataram que chegaram à capital inglesa com o objetivo de ser algo temporário, mas, o que se verificou é que boa parte destes imigrantes temporários ficaram mais do que o tempo previsto, sem saber dizer ao certo quando retornariam ao Brasil.

Se o trabalho duro foi a chave para garantir uma vida livre longe da família para as três mulheres, no caso de Guilherme, Bernardo e Max a idéia inicial de trabalhar duro para garantir um “futuro” no Brasil foi substituída por uma estada maior no Reino Unido, dada a facilidade do consumo local.

Como visto anteriormente, Max migrou com o objetivo inicial de aprender inglês. Após um ano em Londres, percebeu a “facilidade” para se ganhar dinheiro por lá, retornou ao Brasil, tirou sua documentação portuguesa e voltou a Londres com a sua esposa para juntar dinheiro e comprar uma casa no Brasil. Trabalharam juntos por dois anos, compraram a casa e retornaram. Mas Max não conseguiu se readaptar ao estilo de vida do Brasil, e sentia falta da vida que havia adquirido em Londres, fortemente marcada por uma segurança e facilidade para o consumo que ele não tinha na terra natal.

O pai dela (esposa) ligava e ficavam os dois chorando igual duas crianças. Eu já queria ficar aqui para morar de vez, eu já não queria mais ir embora. Até porque, meu, além da questão do poder de compra que eu te falei, tem a questão da violência que pesa também. Porque aqui, você anda na rua e não está esperando tomar um tiro a qualquer momento, você não está esperando dois caras brigando na rua e trocar tiro e uma bala pegar em você. Eu já te contei a história... Meu irmão faleceu baleado no Capão. Meu outro irmão foi baleado no Capão também, mas graças a Deus não faleceu. Então tem tudo isso. Tudo isso conta, cara, que nem minha mãe fala: “Meu, eu choro de saudade todo dia de vocês (dele e da irmã que foi morar em Londres com o marido e duas crianças, em 2009), mas eu quero que vocês fiquem onde estão porque a violência aqui é muito grande” [Max].

Como não podia ter no Brasil o estilo de vida que havia tido em Londres, Max voltou para a Inglaterra após um ano. Nessa época, quando nos conhecemos, chegou a trabalhar 90 horas na semana para comprar seus produtos eletrônicos de que tanto gosta, e que não poderia consumir no Brasil.

Eu gosto daqui pelo poder de compra que o dinheiro tem. A gente trabalha e se desgasta mais, mas você adquire mais coisas. Você tem uma facilidade de obtenção de coisas materiais rápidas. Por exemplo, a câmera que eu comprei eu paguei 850,00 *pounds* (libras). Em um mês você compra essa câmera. No Brasil só o corpo da câmera, sem a lente, tá 6.000,00 reais. É muito mais fácil você tirar 800,00 *pounds* (libras) do seu orçamento aqui do que 6.000,00 reais no Brasil. No Brasil, trabalhando de garçom você não compra uma câmera dessas nunca. Eu ficava puto de limpar merda dos outros, mas tinha uma recompensa com esse poder de compra que o dinheiro tem. Em um mês você paga uma passagem para o Brasil, 800,00 *pounds*, e todo ano eu vou para o Brasil e pago 800,00 *pounds* na passagem. Só que, trabalhando um mês você paga uma passagem para o exterior, no Brasil você não trabalha um mês e paga uma passagem para passar um mês de férias em Londres. Então, meu, aqui eu consigo viver o hoje, o agora, no Brasil já é mais difícil, você precisa ficar planejando as coisas e parcelando tudo [Max].

Já Bernardo e Guilherme desde o início foram para Londres com a concepção daquele migrante econômico, que só trabalha, não come, não dorme e não gasta dinheiro algum, mas com o passar do tempo, também foram modificando seus objetivos de vida e tempo de estada na cidade.

Guilherme afirma que a sua ideia inicial era de trabalhar muito, não gastar com nada, juntar dinheiro e voltar para o Brasil em até quatro anos. Foi o que tentou fazer principalmente no primeiro e começo do segundo ano. Mas com o passar do tempo sua ideia inicial, e seu estilo de vida, começaram a se modificar.

Quando eu vim para Londres, eu não sabia ligar um computador. Celular eu tive só um no Brasil, porque o trabalho exigia, para marcar hora extra, se não, nunca teria tido um celular. A imagem que se tem é que quando você vem para cá, você vai ficar quatro ou cinco anos, e não dá para tomar uma coca cola porque é caro, tem que economizar, sem sair, sem gastar nada. A ideia inicial era essa, ficar quatro, cinco anos, juntar o máximo de dinheiro que der, ir mandando para o Brasil e depois voltar. Tinha aquela ideia dos caras que vão para o Japão, não come, não dorme. Eu achava que funcionava assim aqui... Até então eu não sabia mexer em nada (eletrônicos) e agora tenho um monte de coisa aqui, computador, celular, TV, roupas... É! Eu não tinha essa idéia de ter essas coisas, nunca. Vivendo aqui as coisas vão mudando, sua cabeça muda muito [Guilherme].

O alto poder aquisitivo e a facilidade para o consumo que proporcionam a Bernardo um estilo de vida que não teria no Brasil, também fizeram com que ele mudasse seus objetivos iniciais, e o trabalhar duro não tinha mais como fim o retorno ao Brasil.

A vida que eu tenho aqui eu jamais terei lá, com um salário e meio eu comprei uma Kawasaki Ninja (moto) que custa 35.000,00 reais no Brasil, tipo, uma casa lá custa setenta, oitenta mil, e você constrói aquilo para ficar lá a vida toda pagando a casa parcelada. Aqui, com um mês, você compra muita coisa, todo mundo sabe disso, isso é a realidade, por isso que todo mundo vem e para de pensar em voltar. Hoje mesmo eu estava conversando com a Marta na igreja, é uma mulher, já com mais de quarenta anos, ela me disse que vive em um quarto com as duas filhas, vive mal, todo mundo apertado, mas elas têm tudo, ela disse que nunca mais vai voltar para o Brasil, tá ilegal aqui, só que o pessoal da igreja já disse que vai ajudá-la. Aqui elas têm tudo, as filhas dela estão encantadas com a vida aqui. Aqui, se você quiser você faz uma picanha na chapa todo dia, toma uma cervejinha. Lá você tem que comprar salsicha. Mesmo trabalhando de *cleaner* você faz isso aqui. [Bernardo]

Como os objetivos iniciais são repensados, esses imigrantes precisam encontrar maneiras de ficar um tempo mais longo no país, sem correr muito risco. É dentro deste contexto que surgem algumas táticas de sobrevivência e permanência.

3.2 Táticas de sobrevivência e permanência: nas dobras do legal, ilegal e ilícito³⁸.

Este encantamento inicial com o estilo de vida que se pode ter em Londres é comum. Vários dos que chegaram à cidade com o discurso inicial de estudar inglês, acabam deixando de ir à escola para “fazer mais *shifts*” em seus trabalhos e ganhar mais dinheiro rápido, o que dará a eles o passaporte de entrada nesse estilo de vida que passam a valorizar. Assim, muitos desses “estudantes” com que convivi por lá, encontravam-se em Londres já por alguns meses, ou anos, e não falavam nada da língua local, mesmo quando afirmavam que o objetivo era aprender inglês, e possuíam o visto de estudante para entrar no país.

Esse visto de estudante é um comércio muito lucrativo para as escolas. Muitos indivíduos que queriam passar um tempo em Londres tinham que pagar uma escola para

³⁸ Utilizo o termo *tática* seguindo a ideia de De Certeau (1994), para o qual *tática* seria a arte do fraco, uma ação calculada, um movimento dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado. Ele opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas dependem suas bases para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. Ou seja, são gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, é a arte de dar golpes no campo do outro, uma astúcia de caçadores.

facilitar a entrada com um visto de turista. Contudo, existe um controle do *Home Office*³⁹ para o qual as escolas são obrigadas a passar a presença dos alunos, semanalmente, e caso este não esteja atendendo as aulas, ele perde o visto de estudante, o que é um problema para aqueles que, mesmo “fazendo algo ilegal”, que é trabalhar mais que as vinte horas semanais permitidas, não querem ser rotulados como ilegais.

Como consequência, muitas escolas naquele período, além de já ganharem vendendo o curso aos alunos, também vendiam as frequências de aula, pois quando percebiam que alguém estava faltando muito, uma carta era enviada ao aluno dizendo para comparecer a escola para regularizar sua situação, ou então ficariam ilegais no país. Porém, quando os alunos iam até lá, muitos diretores ofereciam um acordo: o estudante pagava para retirar suas faltas.

Algo parecido aconteceu comigo quando comecei a trabalhar muitas horas na semana. Mesmo sem precisar de tanto dinheiro para a “sobrevivência”, mas, sim, para manter um estilo de vida de festas, vida cultural e viagens, para o qual havia entrado, acabei me envolvendo com a lógica de trabalhar cada vez mais. Como acontece com muitos, comecei a trabalhar demais e não tinha mais tempo para assistir às aulas. Além disso, como no meu trabalho só falava inglês e na casa em que morava naquele momento, também, minha pronúncia já havia melhorado bastante e eu não sentia tanta necessidade de ir à escola, até porque, as dúvidas que tinha, tirava no dia a dia com uma australiana que morava comigo (mais tarde tornou-se minha namorada). Como resultado, deixei de ir às aulas e recebi uma carta da escola me convocando a comparecer, ou então ficaria ilegal no país.

Antes de ir até lá liguei para David, um inglês, professor da escola que havia se tornado um grande amigo. David foi o meu primeiro professor em Londres, e quando eu precisava faltar para trabalhar ele sempre me dava presença. Porém, acabei subindo de nível rapidamente no início e os outros professores que tive não faziam o mesmo que David. Por consequência, “estourei” em faltas e recebi a carta. David me tranquilizou ao telefone dizendo para eu ficar calmo, pois, muito provavelmente, o diretor iria propor um acordo e eu teria que pagar algumas libras para a escola me livrar das faltas. Como ele mesmo dizia quando estava bravo com o paquistanês dono da escola, eles só queriam ganhar muito dinheiro dos imigrantes e pagar mal os professores, não ligavam se alguém estava aprendendo ou não. Disse a ele que não tinha muito dinheiro guardado naquele momento, pois tinha acabado de pagar as contas do mês e só receberia do trabalho na semana seguinte. Foi quando David

³⁹ Departamento de imigração britânico.

lembrou que eu não tinha ainda tirado os trinta dias de férias a que tinha direito, e que poderia negociar isso com o diretor.

Quando cheguei à escola aconteceu exatamente o que David havia dito. O diretor pressionou, dizendo que eu já estava ilegal no país e poderia ser deportado a qualquer momento, e outras coisas que deixariam qualquer imigrante apavorado e entregue a qualquer tipo de proposta que ele fizesse para pôr um fim a essa situação. Quando acabou de falar, perguntei, seguindo as instruções de David, se havia alguma coisa que poderia ser feita para eu não ser deportado. O diretor abertamente pediu 300,00 libras para livrar as vinte sete faltas que eu tinha. Foi quando disse a ele que se eram somente vinte sete faltas, eu gostaria que ele trocasse essas faltas pelas férias a que eu tinha direito. Mesmo não gostando do meu pedido, o diretor aceitou a proposta, mas me cobrou 20,00 libras, de “gastos administrativos”.

Ao sair do escritório do diretor fui direto à secretaria da escola para me colocarem na turma para a qual David lecionava no período da noite. A partir desse dia, meu laço de amizade com David facilitou minha vida: quando eu não pudesse assistir às aulas, não teria mais a falta computada.

Situação semelhante aconteceu com Rose, por duas vezes. Da mesma forma que eu, Rose deixou de assistir às aulas de inglês para trabalhar, mas, em seu caso, estava juntando dinheiro justamente para pagar outro curso de inglês e renovar seu visto para ficar mais um tempo em Londres.

Rose vivia reclamando de sua escola, dizia que era muito ruim e que os professores de lá não eram nem ingleses, eram brasileiros. Isso seria mais um motivo para ela não frequentar as aulas e trabalhar mais a fim de conseguir mais dinheiro e renovar seu visto. Porém, quando tentou fazer isso, descobriu que precisaria de uma carta de presença e outra demonstrando que havia progredido seu nível de inglês ao longo do curso. Como não havia ido às aulas, e por consequência não trocara de nível nenhuma vez, o dono da escola ofereceu as cartas necessárias para essa renovação, caso ela continuasse estudando naquela escola.

Por conveniência e necessidade, Rose pagou outro curso na mesma escola e renovou seu visto por mais um ano. Contudo, a escola servia mais como comércio de visto do que como um centro educacional de fato. Por essa razão, o *Home Office* mandou uma carta aos alunos dizendo que a escola seria fechada e que eles deveriam regularizar suas situações. Nessa ocasião Rose deveria renovar mais uma vez seu visto. Foi até a escola e descobriu que ela seria fechada e que ele precisaria pagar um curso em outra escola para obter seu visto

novamente. Ficou sabendo que precisaria das mesmas duas cartas, a de frequência e a de progressão, que usara da outra vez. Para consegui-las, pagou 600,00 libras.

Esses casos se repetiam muito no ano de 2009. Vários conhecidos meus pagaram as escolas para conseguir as frequências necessárias. Porém, quando ainda me encontrava por lá, o *Home Office* começou a investigar e pressionar todas as escolas irregulares. Muitas destas fecharam, e hoje se o estudante faltar às aulas cinco dias seguidos já será notificado ao órgão fiscalizador. Além disso, em 2009 o estudante de língua podia trabalhar vinte horas semanais, em 2010 essas horas foram reduzidas para dez, e em 2011 foi estabelecido que o estudante não pode mais trabalhar. São medidas tomadas para diminuir o número de imigrantes ilegais no país, principalmente dentro de um contexto de crise econômica. Nos países centrais, a culpa sempre recai sobre os imigrantes.

Contudo, ao mesmo tempo em que barreiras foram criadas para “dificultar” a permanência de imigrantes em Londres, eles estão a todo o momento desenvolvendo táticas de “sobrevivência” e permanência, ao longo das porosidades existentes entre a tênue barreira do legal e do ilegal, às vezes até utilizando meios “ilegais” para manter uma situação de “legalidade”.

Priscila, por exemplo, utilizou de práticas ilegais: pagou cartas da escola, para permanecer no país “legalmente”. Quando fui entrevistá-la em 2011, fez questão de levar seu passaporte regularizado, pois havia rumores na *SM* de que ela estava ilegal⁴⁰. Priscila mostrou todo o dinheiro gasto com renovações de vistos, cursos que pagava e não precisava frequentar, cartas de frequência em aula etc. Além disso, contou algo que nunca havia dito a ninguém, pois isso a envergonhava: para conseguir dinheiro, no final de 2009, quando o restaurante da *SM* fora fechado para reforma e ela ficou sem trabalho por três meses, mais uma vez cruzou as dobras existentes entre o legal, ilegal e ilícito. Precisava encontrar um novo trabalho, o mais rápido possível, já que não tinha mais nenhum dinheiro guardado. Não tinha trabalho e precisava renovar seu visto. Dessa vez sua rede de conhecidos brasileiros intermediou o acesso a um trabalho que, ela diz, jamais faria no Brasil; foi trabalhar de recepcionista em uma casa de prostituição, e mesmo que não estivesse fazendo programa de fato, sentia sobre ela todo o peso moral que recai sobre essa indústria do sexo, que, queira ou não, é uma indústria como muitas outras; emprega milhares de trabalhadores, gerando

⁴⁰ O imigrante brasileiro ilegal em Londres é visto como o pobre, que só trabalha e “passa a perna” em todo mundo para conseguir dinheiro.

trabalho e renda em diversos segmentos, só diferenciando pela questão moral (AUGUSTÍN, 2005).

Eu estava precisando de trabalho. Na casa onde eu morava tinha uma menina chamada Rafaela. Eu achava que ela fazia uns trabalhos esquisitos, não o que ela dizia que fazia. Ela dizia que fazia *cleaning*, mas ela saía arrumadinha e chegava arrumadinha. A roupa dela nunca estava suja, ela tinha horário fixo, nunca tinha patroa, nunca comentava nada de *cleaning*, não traduzia a palavra limpeza⁴¹... Porra, ela não fazia *cleaning*. Nunca tem nada manchado na roupa dela, nunca tinha nada de errado com uma pessoa que faz *cleaning*. Eu tava nessa época sem o trabalho da SM, e um dia ela entrou no meu quarto e disse a mim que queria me contar o quê que ela fazia, mas que não queria que eu contasse para ninguém da casa [Priscila].

Priscila estava desempregada. Rafaela foi dizer e ela qual era sua ocupação, oferecendo-lhe um trabalho por algum tempo, pois precisava achar uma substituta por alguns dias.

Ela chegou e falou: “Eu vim perguntar se você vai querer fazer tipo, querer trabalhar onde eu trabalho, que num sei o quê...” Eu virei pensando: “Agora ela vai me dizer o que ela faz.” Eu falei: “Não, que eu sei que teu trabalho é de cleaner!”, e ela falou: “Não, eu trabalho em uma casa de massagem”. Até então eu pensei que era uma casa de massagem mesmo. Ela falou que trabalhava na recepção atendendo telefone, e que eu poderia trabalhar lá também e que eu só tinha que saber o preço das coisas. E eu falei: “Mas e o linguajar? Como eu falo em inglês ‘esfoliação de não sei o que do rosto’?” E ela falou: “Não, a pessoa liga, você diz quanto é, e vai ter uma lista lá com o valor de tudo, e com o tempo você sabe o nome das coisas, você lê. É fácil, depois eles chegam lá, eles pagam antes e entram no quarto.” Eu olhei para ela e falei: “Eles entram no quarto? Como assim, Rafaela?”. Ela falou assim: “Não, eles entram no quarto e ficam lá com a menina”. Eu olhei para ela assim: “Rafaela, calma. É um puteiro então.” Ela falou: “É”. E eu falei: “Então não fala que é uma casa de massagem, porra! Então você trabalha num puteiro?” Ela falou: “É”. “Ah, tá, então não tem que saber de esfoliação nem de nada não, né?” Ela: “Não, não...”. “Ah, tá, então agora a gente tá falando a mesma língua”. Ela me contou tudo como funcionava. Perguntei: “E polícia? Bate lá?” Ela falou: “Pode bater, mas a partir do momento que ela chega lá, você tira o teu sapato... vai com uma roupinha assim bem tranquila e leva uma sandália havaiana. Se a polícia aparecer você é uma garota (de programa) também”. Eu disse: “Mas eu não quero ser garota”. “Priscila, se você for garota é melhor do que ser *maid* (cafetina), porque se você for *maid*, você tá vendendo as garotas e você vai presa. Não interessa se o dinheiro não fica para você, é você quem está atendendo os clientes e recebendo o dinheiro, para a polícia você é a dona. Então a partir desse

⁴¹ Geralmente quando o pessoal começa a trabalhar no ramo da limpeza, não utiliza os termos em português, como *faxina* e *faxineiro*, mas, sim, os termos em inglês, como *cleaning* e *cleaner*.

momento você coloca a sua sandália havaiana e se passa de garota.”
[Priscila].

Como precisava muito do trabalho, Priscila aceitou. A dona da casa onde ela foi trabalhar era uma brasileira que fez programa em Londres por muito tempo e depois acabou abrindo, com seu marido, a sua própria casa. Na casa todas as garotas são brasileiras, mas elas não diziam que eram brasileiras para os clientes, porque brasileira é muito visada e, se a notícia se espalha, a casa ficaria com muita clientela e daria mais visibilidade à polícia. Era uma casa normal, mobiliada com sala de televisão, computador e sofá. Priscila ficava em uma espécie de portaria dentro da sala, junto com um segurança, que também era brasileiro. Ela apenas atendia ao telefone e falava com o cliente. Recebia dele o dinheiro, quando chegasse, e depois já fazia o pagamento às meninas, no final do expediente.

O cara ligava, e eu dizia “Ah, tem duas meninas”. Você nunca dizia que era brasileira. “É uma espanhola e num sei o quê. Elas têm tanto de centímetro de busto, bunda, é loira, morena”. Eu vendia elas, como se fosse uma mercadoria. Então toca a campainha lá fora, você olha na câmera, pela televisão, vai lá, abre a porta, ele entra. Eu subia com ele lá no corredor dos quartos, as meninas ficavam na porta de calcinha, sutiã e roupão. O cliente vê as meninas, escolhe qual ele quer e me diz o que ele vai fazer, o que ele quer, porque ele me paga antes. Quando fechava a casa a noite, eu dividia o dinheiro das meninas e pegava o meu [Priscila].

No geral, o cliente tinha que pagar o tempo mínimo de 40,00 libras por vinte minutos, só que ele tinha direito a apenas uma ejaculação. Esses valor não davam direito a sexo anal ou oral. Caso o cliente quisesse esse tipo de serviço, ele pagaria um extra que era acordado direto com a menina. O ganho das garotas era bem flexível, dependia muito de a semana ter sido movimentada ou não. Priscila diz que em média elas ganhavam 800,00 libras na semana, isso já descontados os 50% que davam para a dona da casa. Ou seja, se uma garota ganhasse 500,00 libras em um dia, ela levava para casa 250,00 libras, e a outra metade ia para a dona da casa. Priscila recebia pelo seu serviço 70,00 libras para trabalhar doze horas por dia, e o segurança da casa recebia 50,00 para trabalhar das nove horas da noite às duas da manhã. As meninas geralmente trabalhavam doze horas, das duas da tarde às duas da manhã. Com o passar do tempo, Priscila acabou entrando para a rede dessas casas e passou a trabalhar em mais de uma casa na semana, assim como acontecia com as meninas. Os clientes não gostavam de ficar sempre com as mesmas garotas. Como era uma rede onde todos se conheciam, as donas das casas passavam seu telefone para outras donas, também brasileiras,

que sempre ligavam para Priscila oferecendo trabalho. Ela chegou a trabalhar em quatro casas ao mesmo tempo. Além disso, havia todo um mercado informal que circulava em torno desta “indústria”, mercado este também constituído por brasileiros.

Era todo mundo brasileiro, mas eram meninas daqui que ligavam para saber de trabalho ou abriam a porta da gente querendo saber se estavam precisando de garotas, e tal. Mas a maioria mesmo era alguém que já trabalhava lá que levava uma amiga nova. E tinha um monte de brasileiros que iam lá vender coisas para a gente. Era sempre um pessoal que vai vender comida, docinho, bijuterias, calcinha e sutiã. Eles chegavam lá no meio da tarde e vendia coisas para a gente, eu mesmo já comprei bijuteria lá desses sacoleiros brasileiros [Priscila].

Priscila disse que teve sorte, pois a polícia nunca apareceu enquanto trabalhou por lá. Se isso acontecesse, ela acha que não colocaria a sandália para passar por garota de programa. Por mais que fosse uma besteira, não queria que o policial a olhasse e achasse que ela era “aquilo”, não queria ser vista igual a “elas”, porque iria se sentir um lixo igual. Preferia ser presa a ser rotulada de prostituta. Ela me relatava as histórias que vivenciou nesse trabalho, com nojo de ter sido parte daquilo, e quando eu perguntei se ela achava esse tipo de trabalho como outro qualquer, ela se revoltou.

Não!! É um trabalho pior, porque o que eu conheci delas ali, não é simplesmente chegar ali e abrir as pernas. Não é. Primeiro, não é fácil chegar e abrir as pernas para pessoa que eu não gosto. É qualquer tipo de gente, é um *preto* que você tem que atender, é um burro que você tem que atender, é um chorão que você tem que atender, é um fedorento que você tem que atender, e outra coisa, o cara faz do jeito que quer e você tem que aceitar, você tem que aceitar tudo, tipo assim, praticamente tudo, e eu via que elas não gostavam. Mesmo o tipo de trabalho que eu fiz, eu me sentia mal. Se fosse no Brasil, eu não faria jamais. É porque, às vezes, é como se aqui não fosse minha realidade. Mas, apesar de eu não estar fazendo nada de mais, porque eu só to atendendo telefone e abrindo/fechando a porta, eu tô em um ambiente sujo. Uma vez o Júnior (segurança de uma das casas) comentou comigo isso, porque como ele morava perto da minha casa ele me levava até em casa todo dia, a gente chegava umas duas e meia da manhã. Eu nunca tinha comentado nada desse negócio de ser algo sujo. Mas ele comentou, falou assim: “Priscila, quando tu chega em casa, tu tem que tomar um banho de esponja?”. E eu disse: “Eu tenho que tomar um banho antes de dormir”. Ele me perguntou por quê. “Porque se não, eu não tiro aquela “inhaca” nojenta daquele ambiente nojento de mim”. Ele falou: “Eu sinto a mesma coisa”, eu falei: “Mentira, você sente a mesma coisa? Porque tu é um homem!”. Ele virou e fez “É, mas eu tento tomar banho porque se não eu num durmo”. Eu falei “É, mas eu sou mulher. Tu sente a mesma coisa?” “Sinto, se eu não tomar banho eu não durmo. Porque todo aquele ambiente, tudo

aquilo, tá tudo em mim. Tá na minha roupa, tá em mim.”. Só que eu era mulher, eu achava que só eu sentia aquilo, só que ele comentou comigo que ele também sentia o mesmo [Priscila].

Priscila diz também que este é um ambiente muito inseguro e pode ser violento. O Júnior, o segurança sobre o qual ela comentou, havia levado três facadas de clientes que arrumaram confusão com as meninas. Apesar disso, Priscila diz que muitas garotas brasileiras, de um *background* melhor, ou pior - sejam magras, gordas, brancas, ou negras – continuam realizando esse tipo de trabalho em Londres, e todas que conheceu nas diversas casas onde trabalhou não estavam sendo forçadas, nem foram para Londres justamente para realizar esse trabalho. As circunstâncias de suas vidas, levaram-nas para esse tipo de serviço, que muitas vezes é muito mais rentável que lavar privadas e servir pessoas em restaurantes. Priscila também contou a história de uma garota que acabou se tornando sua amiga e que, como a grande maioria das que lá estão, começou a se prostituir porque é um modo de ganhar dinheiro fácil e rápido.

A Camila é mais nova que eu, ela é de São Paulo, mas a mãe dela mora em Recife. Ela tem uns vinte anos, tem um corpão muito bonito. Ela veio para cá porque ela se sentia mal lá no Brasil porque ela sempre foi muito bonita e o tio dela abusava dela e tal. Ela veio para Londres e trabalhava na *Starbucks* fazendo café. Ela disse que tava cansada da *Starbucks* na época, que ela trabalhava muito, ficava em pé o dia inteiro, cansava a perna, essas coisas. Então ela conheceu umas meninas que faziam programa e ganhavam muito bem, e ela viu que trabalhava muito e ganhava muito pouco, e ela começou a fazer programa nas casas. Hoje em dia ela trabalha só três dias da semana nas casas, porque ela voltou para o *Starbucks*. Ela tá bem, tem um namorado inglês, que não sabe o que ela faz, lógico. Ela disse que tá tentando largar, já diminuiu os dias da semana, mas continua ainda fazendo uma grana extra três dias na semana. Mas ela vivia chorando para mim sabe, ela dizia: “Minha vida é uma merda, e um dia a gente vai morrer, vai para de baixo da terra, e eu preciso de dinheiro, minha mãe não me ajuda em nada, e só sabe dizer para o povo quando eu chego lá no Brasil que eu sou linda, que eu sou não sei o que lá, e me mostrar para todo mundo achando o máximo, que eu sou assim gostosona, e ajeita meu cabelo”. Tipo assim, que ela é toda *boazuda*? E a mãe dela nem sabe que ela foi abusada pelo tio dos sete aos quinze anos de idade. Então a vida delas não é mil maravilhas também não [Priscila].

Priscila parou de trabalhar nessas casas quando a polícia apareceu à procura de mulheres compradas, ou seja, garotas que estavam sendo prostituídas de maneira forçada. Ninguém foi preso porque o que eles queriam mesmo era achar essas garotas vivendo em situação de escravidão. Priscila não estava lá no momento em que a polícia chegou, entraria

para trabalhar meia hora depois. Sentindo o perigo mais de perto, percebeu que não precisava daquilo e largou aquele trabalho, até porque já haviam passado os três meses de reforma da SM e o restaurante reabriria.

O trabalho nessas casas fez com que Priscila ficasse sabendo de outra tática para mantê-la por um bom tempo em Londres sem precisar renovar visto e pagar cursos. Uma garota lhe disse que alguns advogados brasileiros, em Londres, conseguiam um visto sem necessidade de pagamento. Ela foi verificar se era mesmo possível.

Eu fui atrás desse advogado brasileiro, que foi uma amiga minha que me indicou. Eu disse que queria ficar até o final do ano ou até o ano que vem e o que é que eu poderia fazer, mas que eu não queria ter que ficar indo para aula. Ele disse assim para mim: “Priscila, eu posso pedir para você estender o seu visto, o visto que você já tem. E você não vai comprar outro curso, não vai precisar ir para outra escola, e nem precisa ter dinheiro na conta para provar que você consegue se sustentar aqui”. Ele entrou com esse pedido para estender, eu paguei 2.000 libras para ele, mas ele disse que se eu quiser ele consegue que eu fique por uns cinco anos, só enrolando a justiça. Ele disse que funciona assim: “É pouco provável que eles lhe deem o visto. É mais provável que eles neguem. Mas eu vou recorrer com outra justificativa que eles vão provavelmente negar. Mas eu vou colocar uma justificativa que vai demorar a ser solucionada, isso para a gente ganhar tempo. Então eles vão negar de novo e eu vou recorrer de novo, assim eu garanto a você cinco anos aqui no país”. Logo eu recebi essa carta (Mostra a carta.) aqui que eu estou aguardando meu visto, então eu continuo legal aqui [Priscila].

O fato de não possuir o visto pode dificultar no momento de conseguir um trabalho, ou como foi verificado anteriormente, facilita a sujeição e exploração, já que não possuindo tais documentações, os trabalhadores ficam expostos a altos níveis de abusos e humilhação, realizando altas jornadas de trabalho e recebendo abaixo do mínimo pago no país. Para fugir dessa situação, várias táticas são utilizadas, como a compra de passaportes falsos, *insurance number*, carteira de motorista, entre outras. Em vários momentos conheci pessoas que possuíam tais documentações, como Guilherme e Bernardo. Mesmo Max antes de ter sua documentação portuguesa utilizava um documento italiano falso para poder trabalhar mais do que as vinte horas permitidas.

A prática de comprar passaporte é algo corriqueiro entre os brasileiros ilegais, e os preços variam de acordo com a similaridade com o original e de como a pessoa que o conseguiu está inserida na rede desse negócio, pois quanto maior o número de intermediadores, maior é o preço a ser pago, como Guilherme explica:

Os preços variam de acordo com a qualidade do papel e o número de gente que tem envolvido. Porque todo mundo vai querer ganhar o seu. O meu é português, você paga 300,00 *pounds* (libras). Em uma carteira de habilitação você paga 70,00 *pounds*. Um *Insurance Number*, que é como se fosse o CPF, você paga barato, 20,00 ou 30,00 *pounds*. Agora se você quiser um quente, que é difícil de arrumar aqui na Inglaterra, você vai pagar uns 3.000,00 euros, se não tiver muita gente envolvida. Porque é assim, tem um contato brasileiro aqui que tem um contato lá na Itália. Ele pega esse cara italiano e tira um passaporte e te vende esse passaporte. Só que ele vende para o cara lá na Itália por 1.000,00 euros. Esse contato vende para um brasileiro por 2.000,00 euros e esse brasileiro te vende por 3.000,00 euros. Se tiver mais gente no meio o passaporte fica mais caro. Nesse passaporte você tem que ter o nome do cara, agora no falso, igual ao meu, você pode colocar o nome que quiser. Eu coloquei meu nome, mas a data de nascimento é alterada, nome de país alterado, lugar que eu nasci alterado. Você faz o que você quiser, coloca os dados que quiser. Eu coloco meu nome para não me confundir. Porque o cara vira e fala: “O Zé”, falando comigo, e eu vou ficar lá *marcando* sem saber que é para mim [Guilherme].

Em 2010, Guilherme ficou sabendo de outra artimanha que poderia lhe garantir a permanência legal na cidade inglesa de uma vez por todas. Como já havia repensado sobre ficar por mais tempo no país, passou a buscar maneiras de se legalizar de fato. Disseram-lhe que poderia encontrar algum estrangeiro que fosse mais velho para registrá-lo como filho, já que não foi registrado pelo pai no Brasil. Assim, conseguiria a nacionalidade europeia e tudo facilitaria, pois poderia visitar sua família no Brasil quando quisesse.

Guilherme não precisou procurar muito por um “pai” europeu, pois havia sido colocado nos classificados de um jornal brasileiro em Londres, que um italiano aceitava reconhecer filhos brasileiros sem pai. Pagou as 5.000,00 libras pedidas pelo italiano e o registro foi feito no Brasil. Assim, gastou todas as suas economias. Entretanto, precisava de mais dinheiro para ir à Itália, ficar por lá durante um período e obter a documentação necessária. Estava juntando o dinheiro para ir à Itália, mas acabou descobrindo que, na lei italiana, atualmente, a pessoa reconhecida pelo pai teria um ano para entrar com o pedido de cidadania, e esse tempo já havia passado. Com isso, Guilherme entrou em contato, no Brasil, com uma pessoa que conseguiu alterar alguns meses na data de registro. Mais dinheiro foi gasto, o que não seria problema, pois, como ele mesmo disse, seu objetivo agora era a cidadania, porque desejava ficar por um período maior em Londres.

Outra prática muito comum para se conseguir a permanência são os casamentos arranjados ou comprados. Uma vez fui a uma festa de brasileiros com Max, onde conheci alguns rapazes que estavam em Londres havia mais de um ano. Seus vistos logo venceriam e

eles não queriam mais gastar dinheiro com renovação. Disseram-me que durante algumas semanas, frequentaram bares um pouco afastados do centro e, às vezes, até cidades no interior da Inglaterra, para conhecer inglesas de fato, uma vez que nos bares e casas noturnas do centro de Londres há muito estrangeiro. O objetivo era conhecer alguma inglesa que se apaixonasse por eles. Então, diriam-lhe da necessidade de deixar o país por falta de visto. Para não “perder o amado”, elas se casariam com eles. Assim, permaneceriam no país legalmente. Caso o casamento não desse certo, poderiam divorciar-se depois de cinco anos, período necessário para obtenção de residência permanente. Segundo um deles me informou, alguns amigos já tinham conseguido tal façanha, e ele mesmo já estava saindo regularmente com uma inglesa.

Além desse caso, há as situações nas quais os imigrantes compram um casamento de alguém que possua cidadania europeia, fora casos quando a negociação é feita entre amigos. Neste caso, na maioria das vezes, a pessoa que tem o interesse pela cidadania paga pelo casamento, mas funciona mais como um pagamento simbólico, e o dinheiro a ser desembolsado não chega a ser tão alto. Tática esta utilizada por Aline. Casou-se com Mário que possuía documentação portuguesa. Como eram amigos, ela pagou uma quantia não muito alta a ele. Foi feito mais pela amizade.

Caso parecido aconteceu com um conhecido da *E.Cleaner*: para obter a documentação, “casou-se” com um italiano, seu colega de quarto. Segundo ele, não seria problema simular um casal de homossexuais, uma vez que dividiam quarto há muito tempo e tinham muitas fotos dos dois juntos.

Nos casos em que se compra propriamente um casamento, os preços variam entre 2.000,00 e 5.000,00 libras. O problema principal é que a o “comprador” fica vinculado e dependente de um desconhecido, durante cinco anos – como já foi dito – tempo estipulado pela lei para alguém se tornar cidadão inglês, de fato. Era comum ouvir histórias de pessoas que “compravam casamento” e depois de um tempo precisavam, continuar a dar dinheiro para quem o vendeu. Caso contrário, era só a outra pessoa pedir o divórcio antes dos três anos, que a cidadania não saía. Apesar do risco de ter que ficar dependente de um desconhecido por alguns anos, os imigrantes sem documentação, e que não queriam deixar o país, quando podiam, recorriam a essas artimanhas de permanência, mesmo porque o medo de ser denunciado ou descoberto é algo que assombra a todo momento aqueles que não possuem situação regularizada.

Em Londres circulavam histórias contadas por brasileiros sobre alguém que foi deportado por denúncia de falta de documentação ou então, por trabalharem mais do que as vinte horas semanais permitidas a estudantes. São poucos os que não trabalham mais que as vinte horas.

Quando você convive muito com brasileiro você ouve muita historia, de casa que a policia invadiu e levou dez, trabalho que polícia foi e levou vinte. Você escuta muito isso no meio de brasileiro. Até gente que você chegou a conviver, conheceu, foi deportado, aí dá medo [Guilherme].

O ódio, a inveja e a cobiça eram sempre as causas de tais denúncias, o que criava certo medo de “ficar muito em cena”. Ou seja, os imigrantes se sentem obrigados a sempre manter sigilo sobre a sua situação, mesmo os que possuem visto, já que o estar ilegal não é algo que marca o sujeito a todo o momento, e só o fato de trabalhar mais do que vinte horas pode tornar um imigrante legal em “ilegal”. Esta última situação ocorreu dentro da segunda casa onde morei. Éramos nove moradores. Três, brasileiros, sendo um deles, Júlia, uma amiga que tinha ido para Londres por meu intermédio.

Júlia chegou a Londres um pouco antes de eu retornar ao Brasil. Ela possuía o visto de estudante e estava trabalhando em um *pub*. Como todos por lá, trabalhava mais do que as vinte horas permitidas, e isso era algo que todos da casa sempre tiveram conhecimento. Um dia Júlia começou a discutir com uma moradora, australiana. Ela havia ficado com a cama de casal do quarto das meninas, e, naquela ocasião a australiana tinha arrumado um namorado. Disse que queria a cama de casal para ela. Júlia declarou estar na casa há mais tempo que a australiana e que não daria a cama. A australiana, sabendo que Júlia possuía o visto de estudante e trabalhava mais do que o permitido, pegou o telefone e ameaçou ligar para a imigração e denunciá-la. Com medo de ser descoberta, Júlia fez suas malas no mesmo dia e foi obrigada a procurar outra casa para morar.

Todos gostavam muito de Júlia, mas a denúncia era algo que impossibilitava qualquer ação dos demais contra a australiana. Um dia, dois dos moradores descobriram que o namorado brasileiro da australiana estava no país, ilegalmente. Utilizaram, então, da mesma arma ameaça para expulsar o casal, assim Júlia poderia voltar.

Essas situações de denúncia correspondem àquilo que Ribeiro (1998) chamou de a “cultura do ilegal”, um fenômeno que permeia capilarmente a vida dos imigrantes. Como não conhecem direito as leis do país receptor, são explorados por causa de seu medo. Como se

sabe, essa “cultura” repousa sempre no mecanismo da denúncia que funcionaria como um panóptico, pois qualquer um pode anonimamente denunciar outra pessoa a qualquer momento. Já Torresan (1994) compara o medo da denúncia entre brasileiros em Londres, ao tipo de controle social exercido pela feitiçaria, a crença em uma maldade invisível, que não pode ser verificada. Sendo assim, a denúncia é também um instrumento de controle que regula acúmulo de bens e prestígio. A ascensão social e financeira de alguém, que até então era “um igual”, passa a não ser bem vista e acaba por gerar ódio, inveja e cobiça. Torresan (idem) também afirma que essa cultura do ilegal seria responsável por criar o trabalhador “disciplinado”, que aceita qualquer tarefa, dada a sua posição estruturalmente subordinada e dependente.

De fato o medo da denúncia dociliza o trabalhador ilegal, contudo, o que parece é que, mais que funcionar como um panóptico, a denúncia, baseada na cultura do ilegal, enquadra-se mais na forma da sociedade de controle desenvolvida por Deleuze (1992) do que na idéia de vigilância da sociedade disciplinar de Foucault – como acredita Ribeiro (1998). Para Deleuze, as antigas disciplinas que operam na duração de um sistema fechado dão lugar àquelas dos espaços abertos e sem duração diretamente assinalável, mediante formas de controle flexíveis, e não apenas em determinados espaços específicos. No caso dos trabalhadores migrantes, este controle já se inicia na passagem deste pelo controle de imigração no aeroporto, e o medo da denúncia faz com que se sinta controlado em todas as esferas de sua vida e não apenas em espaços específicos. Mesmo dentro de suas casas, eles sentem o peso do controle. Diversas vezes Max dizia que Guilherme e seu primo não atendiam a porta com medo de ser a polícia.

Além disso, há também a funcionalidade destes ilegalismos, neste caso específico, os imigrantes “indocumentados”. Ribeiro (1998), em San Francisco (EUA) notou uma diversidade de interesses em torno do *ilegal*, que vai desde advogados e associações de defesas e apoio a este grupo, até a formação de um mercado ilegal e criminoso de falsários, na venda de documentos. Ao mesmo tempo, este imigrante é funcional à economia norte-americana pela grande fonte de trabalho barato que ele representa, assim como acontece no caso de Londres. Com isso, a possibilidade de um imigrante indocumentado viver em Londres é grande. Isso se daria devido à existência de uma gestão desses ilegais, o que proporciona ganhos a indivíduos que lidam com esse mercado, e até mesmo à economia britânica que abastece muitos de seus estabelecimentos com mão de obra barata, reduzindo os custos das empresas.

Telles (2009; 2010), ao estudar as relações entre o informal, o ilegal e o ilícito, expressos na noção hoje revisitada de "economia de bazar", no Brasil, vê estes mercados informais sob o ângulo de um deslocamento das formas de "gestão dos ilegalismos" – utilizando a idéia de Foucault (1996) quando este sai da discussão binária legal-ilegal para analisar como as leis operam, não para coibir ou suprimir os ilegalismos, mas para diferenciá-los internamente. Para Foucault (idem) a lei é uma gestão dos ilegalismos, permitidos a uns – tornando-os possíveis ou inventando-os como privilégio da classe dominante – e tolerando outros como compensação às classes dominadas, ou fazendo-os servir à classe dominante. A lei proíbe, isola e toma outros ilegalismos não só como objeto, mas também como meio de dominação. Portanto, assim como os mercados informais, no caso de Telles, são funcionais à economia brasileira e por isso eles são “gerenciados” ao invés de se pôr um fim a eles, o mesmo acontece com os trabalhadores imigrantes nos países desenvolvidos, sem contar que a situação do imigrante, assim como a do mercado de bazar, está muitas vezes em trânsito entre o informal, o ilegal e o ilícito.

3.3 Corpo e trabalho: sentindo o peso do encantamento

Com o passar do tempo, a vida intensa que os imigrantes levam inicialmente, realizando extensas jornadas de trabalho, saindo para festas e depois trabalhando novamente mesmo sem descansar, começa a diminuir. Os corpos já não aguentam mais tanto esforço, o imigrante recém-chegado perde, então, aquela devoção inicial que geralmente demonstra pelo trabalho. Percebe também que dá para manter o estilo de vida que quer, sem precisar trabalhar muito. Fui perceber isso quando eu já havia emagrecido cinco quilos e ficado muito doente.

Esse tipo de vida intensa também deixou marcas no corpo de Rose, o que fez com que diminuísse seu ritmo de trabalho e de festas. Passou a sair menos, gastando seu dinheiro mais com viagens e ingressos de teatro, sem ter aquela ânsia para trabalhar mais de quarenta horas semanais.

Eu fiquei muito doente. Fiquei muito mal. Meu corpo aqui em Londres mudou muito! Não fala do meu corpo que eu vou ficar em depressão, vou pegar a faca e me cortar inteira. Gorda, cheia de celulite, as varizes estouraram tudo, eu tenho roxos nas pernas. Porra, eu sinto cãibra nas costas... A mão fica toda ressecada, descasca inteira por causa dos produtos que a gente usa para polir os talheres. É... isso é muito louco, quando eu cheguei era toda bonitinha, sempre passando rímel. Nunca fui de me

maquiar, mas um rímel, um lápis, um gloss... sempre passei um brilho. Mas com o tempo, cara, aqui você não tem vontade, é impressionante, você não tem vontade de se cuidar tanto. Eu acho que é o tipo de trabalho que você faz, com o clima também, tipo: “Ah, vou trabalhar e pronto”. E você vai trabalhando *pra caralho* e *saindo pra caralho* e vai se acabando, seu corpo vai se acabando [Rose].

Aline também diminuiu seu ritmo intenso de trabalho e festas, passou a ter uma vida de casal com Carol, um emprego estável na *SM* com horário fixo, e o salário que recebia era gasto em jantares, peças de teatro, cinema e algumas viagens. Para ela, o encantamento de Londres durou apenas no primeiro ano, quando recém-chegada.

Quando eu fui morar com a Carol, eu já tava com a minha vida mais assentada, então eu sabia que eu precisava de um emprego fixo. Eu queria um emprego fixo porque você já tá num relacionamento. Você quer viajar, quer fazer suas coisas, já tinha passado a minha fase inicial de farra. No início aqui você tem um encantamento muito forte, acho que com a liberdade. Liberdade sexual, musical... É aquilo também, as pessoas te aceitam mais do jeito que você é. Não é igual no Brasil, que você tem que se arrumar da cabeça aos pés para sair, como eu fazia. Aqui às vezes eu saía de tênis, ia para uma balada e acabou, e curtia. É uma liberdade muito grande no sentido de drogas também. Aqui eu experimentei todas as drogas que eu nunca tinha experimentado no Brasil, só maconha que eu tinha experimentado no Brasil. Então a coisa se torna mais experiência de vida. Aquela coisa que é proibida. Tem aquele sabor mais gostoso quando você tá fazendo uma coisa que você nunca fez e é proibida. O desejo, sabe? Mas com o tempo passa, eu acho que um ano é o tempo para você ter essa ilusão de que, “pô aqui é o máximo! Quero trabalhar, quero fazer de tudo” [Aline].

Assim como Rose, Aline também sentiu as consequências da vida que levava em seu corpo; além das dores, sentia falta de ser desejada, de ter vontade de se arrumar para sair, de ser mais cuidadosa, coisa que Londres “tomou” dela.

Eu sinto falta de me cuidar, eu me sinto mal. E falo para a Carol: “Pô, é foda meu, minha unha, meu cabelo, sabe?” Você não tem tanto cuidado com seu corpo porque seu corpo não está mais à mostra o tempo inteiro. Meu corpo mudou muito aqui, tenho várias dores que eu não tinha. Minhas pernas doem aqui, minhas costas doem, meu pé dói, imagina! Coisas que eu nunca tive. No Rio eu trabalhava de salto alto todos os dias, não ficava o tempo inteiro em pé, mas ficava duas horas em pé. Às vezes eu trabalhava sábado dobrado, das nove e meia da manhã até dez e meia da noite, de salto, e não ficava morta como eu fico aqui com um *shift* de oito horas. Era diferente, aqui é pesado. Eu não sei se isso também é tipo, por minha idade, eu era mais jovem agora estou mais velha também [Aline].

Max, Priscila e Bernardo também diminuíram muito as horas de trabalho. Priscila passou a trabalhar somente quarenta horas na semana na *SM*, e como nunca foi muito de sair, continuou gastando seu dinheiro com os processos de renovação do visto e com alguns produtos de beleza. Max também diminuiu quando se tornou supervisor na *SM*, trabalhando quarenta horas semanais, com um contrato de trabalho. E, assim também Bernardo, que ficou somente com o estádio durante alguns dias da semana, gastando o salário com eletrônicos. Todos diziam que seus corpos não aguentavam mais levar o tipo de vida que levaram no início.

Guilherme também tem consciência de que o tipo de trabalho que realizava inicialmente para manter seu estilo de vida tinha um preço a ser pago, e já vem sentindo o preço no desgaste de seu corpo. Ele acredita que as pessoas em Londres se encantam com o estilo de vida que podem levar e começam a trabalhar muito, mas chega um momento em que isso passa, e todos começam a diminuir o ritmo, até porque o desgaste corporal é muito forte.

Porque tem uma questão aqui que é a seguinte: Londres te dá uma coisa mas te tira outra. Londres te dá o direito de você levar a vida que quiser, mesmo limpando bosta dos outros, mas ela te tira a saúde, cara. Eu sei que em dez anos eu não vou ter a mesma saúde que eu tenho hoje, eu já não tenho a mesma de quando eu cheguei. E se você não tiver saúde aqui, não tiver seu corpo bom, você não tem nada, porque você não vai conseguir acordar cedo e voltar à noite. Ninguém é de ferro. E quem vem para juntar dinheiro tem que se sacrificar... Aliás, todo mundo se sacrifica, principalmente no início, mas depois você não aguenta, principalmente se você não tem família. Agora quem tem família, se sacrifica por um tempo e já vai embora, porque não dá para ficar para sempre. Eu conheci um pessoal que fazia isso, mas eram aqueles que tinham família, sabe? Então, é nessa correria que os caras trabalham tomando uns “*Red Bull*” (cocaína), porque no começo você tá naquela fissura de trabalhar e trabalhar... Esses dias eu tava em um restaurante brasileiro e ouvi os caras conversando, reclamando que trabalham só oito horas por dia e que queriam muito mais horas, queriam fazer vinte horas no dia. Você percebe que é um cara que tá aqui há pouco tempo, porque quem acaba de chegar sempre é nessa correria, principalmente os pobres que vieram para cá devendo dinheiro no Brasil e precisam pagar a galera lá, e ainda tem o medo de que a polícia pode te pegar a qualquer momento e você tem que voltar para o Brasil devendo para todo mundo. Hoje, tem que me pagar muito dinheiro mesmo para trabalhar dobrado, porque não vale a pena, não, no começo eu iria de olhos fechados, hoje não, você consegue ter uma vida muito boa aqui sem trabalhar muito [Guilherme].

Os retratos expostos neste capítulo trazem alguns pontos interessantes que merecem ser retomados a título de reflexão. Em nenhum momento, por exemplo, eu havia parado para

pensar o porquê de eu estar trabalhando tantas horas. Só consegui parar para refletir quando eu já não estava mais em Londres. Um trabalho que é denominado temporário, e que faz com que tenha a sensação de que ele realmente é temporário, pois pode perdê-lo a qualquer momento, mas que, na maioria das vezes, torna-se mais do que permanente, não no sentido de se possuir um contrato que proporcione algumas seguridades sociais e planejamento a longo prazo, mas, sim, na questão do tempo trabalhado: Trabalha-se muito mais horas que um trabalhador “regularizado” – na maioria das vezes sem dia de folga ou feriado e sem um seguro saúde. Caso fique doente, o trabalhador não receberá nenhum tipo de auxílio, como também não receberá o dinheiro do dia de trabalho perdido, já que ganha pelas horas efetivamente trabalhadas.

Portanto, o trabalhador recebe pela utilização de seu corpo em um determinado período e se o corpo não está mais apto a funcionar, não tem como ganhar dinheiro. O indivíduo aqui não passa de puro objeto, uma mercadoria, que vende seu corpo por um determinado período de tempo. E não só o vende enquanto uma força física, mas também vende sua aparência e emoções, principalmente no setor de serviços onde as pessoas gastam energia, e até mesmo dinheiro, para manter a empregabilidade de seus corpos, seja para manter uma boa aparência, seja para mantê-lo saudável.

Um exemplo extremo do uso do corpo como mercadoria é o dos jovens trabalhadores da *E.Cleaner* que serviam como cobaias de indústrias farmacêuticas.

Companhias farmacêuticas testavam frequentemente novos medicamentos, e estavam sempre à procura de pessoas para serem cobaias, entretanto o risco de tal experimento deveria ser assumido pelo indivíduo que se candidatasse. Mesmo porque, o serviço é pago, e muito bem afinal. O preço varia de acordo com o tipo de medicamento a ser utilizado e o tempo que a pessoa deve ficar em observação. Em geral, se fosse um remédio que, aos olhos da empresa, não traria muitos riscos, e a cobaia teria que ficar cerca de uma semana no hotel tomando injeções e remédios, pagava-se por volta de 1.500,00 libras. Quando a empresa avaliava ser o risco maior, pagavam mais, por exemplo, ganhava-se cerca de 10.000,00 libras para tirar uma parte do dedo e colocá-la novamente, a fim de avaliar o prognóstico positivo dos medicamentos utilizados no processo de cicatrização e “aceitação” do corpo ao pedaço enxertado.

Muitos trabalhadores da *E.Cleaner* do “Estádio C” já haviam ganhado dinheiro pelo menos uma vez com os laboratórios farmacêuticos. O pessoal passava as informações no

“boca a boca”, quem fazia os testes frequentemente avisava os demais sobre os próximos. Segundo eles, era um trabalho simples e uma vida boa: a cobaia fica em um hotel, jogando *videogame*, comendo comida saudável e ainda ganhando uma quantia altíssima. Seria o tipo de vida que alguns deles já tiveram no Brasil, porém em Londres era coisa rara. Ficar uma semana descansando e comendo bem não era para qualquer imigrante. Contudo, como foi notado em alguns casos, algumas vezes não se pagava o suficiente para o risco corrido.

Um desses casos remete-se a um garoto brasileiro, cujo apelido na empresa era “Cobaia”, justamente por “prestar esse tipo de serviço” frequentemente. Cobaia ficou sabendo de um novo teste, foi para o dia marcado e fez todos os exames anteriores obrigatórios. Feitos os exames, foi avisado de que metade de um grupo de vinte pessoas, teria um rim parando de funcionar. Recebeu 5.000,00 libras para passar duas semanas internado em uma clínica e recebendo o medicamento para o teste. Pelo que o garoto informou, seu rim ficou sem funcionar durante um determinado período.

O mais interessante foi perceber depois, com o tempo, como muitos acabam se “embebedando” desse estilo de vida. Mesmo Diego, inserido naquela lógica de sociabilidade, chegou até mim, um dia, propondo fazermos, eu e ele, um desses testes, para ganhar um dinheiro rápido e sem muito esforço. Naquele momento cheguei a pensar na possibilidade, mas, por fim, acabamos desistindo.

Como demonstra Wolkowitz e Warhurst (2010), o trabalho está cada vez mais “corporificado”. Isso se intensificou principalmente com as mudanças no seu processo, o que resultou em uma crescente mercantilização dos corpos, principalmente com o aumento do setor de serviços. Essa situação reconfigurou o dualismo corpo/mente, pondo fim à separação atividade “corporal” e “intelectual”.

Os trabalhadores não só estão vendendo parte de seus corpos para empresas que comercializam órgãos, como também trabalham vendendo suas emoções, aparências e força. Não é à toa que, enquanto estive trabalhando na *SM*, a empresa pagou três cursos para os *waiters*, inclusive eu, para sabermos como controlar nossos sentimentos e proporcionar ao cliente uma “estada de fama. Ele seria tratado como alguém famoso que receberia o “*happy service*” (serviço feliz), mesmo se nos maltratasse. Além disso, em algumas situações, os *managers* tinham que escolher os *waiters* “de melhor aparência” para realizar alguns eventos importantes. Essa demanda vinha das pessoas que contratavam a *SM* para realizar o evento.

Apesar de existir essa demanda do mercado de trabalho, e muitas vezes os trabalhadores precisarem se submeter a extensas jornadas sem reclamar para não perder o emprego, não se pode descartar a questão do “trabalhar para manter o estilo de vida”, uma vida centrada no consumo, viagens etc. Algo excitante para muita gente.

Eu mesmo, como já disse, em um determinado momento trabalhei mais de setenta horas semanais, o que me fez ficar doente, sem dormir e comer direito. Mesmo que naquele momento não houvesse mais a necessidade de realizar tanto trabalho – já estava estabelecido na empresa e sobrava bastante dinheiro todo mês – queria trabalhar cada vez mais e fazer o máximo de horas possível. Além de realmente estar ganhando muito dinheiro para poder viajar, gastar em festas e ainda ter uma vida cultural, junto com os vários *shifts* que passei a fazer, vinha o prestígio dentro do trabalho, e fora dele, uma vez que na casa, aqueles que trabalhavam mais eram vistos com mais respeito pelos outros moradores. Do mesmo modo acontecia dentro da empresa, entre os trabalhadores. Quanto mais *shifts* o trabalhador tivesse na semana, mais prestígio entre os colegas, pois era um sinal de que a empresa o estava valorizando⁴².

Todavia, como demonstrado em todos os casos aqui apresentados, com o tempo, essa empolgação por trabalhar e toda aquela energia para passar oitenta horas semanais trabalhando, diminui, principalmente porque o corpo já começa a não responder mais. Além disso, quando passa esse encantamento inicial, esses indivíduos percebem que, mesmo trabalhando menos, conseguem manter um estilo de vida, ainda visto por alguns deles como melhor do que o que teriam no Brasil. Seja para continuar consumindo ou somente para ter uma vida “livre” em Londres.

É interessante notar que a questão da facilidade para o consumo, de uma forma ou de outra, continua presente na maioria das falas, mesmo daqueles que já diminuíram o ritmo, não trabalhando tanto quanto antes. Principalmente no caso daqueles que redefinem seus planos iniciais de passar dois ou três anos em Londres, trabalhando e acumulando, para ficar na cidade por um período maior, dada a facilidade de consumo.

⁴² Situação semelhante também foi verificada por Sales (1999b) entre os brasileiros em Boston, e assim como em Londres, em geral é muito comum que os recém-chegados entrem nessa lógica de trabalhar duro e por muitas horas, o que acaba resultando em uma competição entre esses trabalhadores para ver quem trabalhou mais durante a semana, porque trabalhar duro significa prestígio. Assim como em Londres, em Boston é comum ouvir nas conversas dos recém-chegados o pessoal dizendo com orgulho que “fez” noventa, cem horas de trabalho em uma semana.

CAPÍTULO 4. Convívio comunitário: status, distinção e preconceito

4.1 Migrante como vencedor

A questão do consumo passa a ser, então, relevante em várias trajetórias. Contudo, é interessante notar como esses bens consumidos carregam, muitas vezes, a marca simbólica do “vencedor”, tanto para o grupo com o qual os imigrantes convivem na sociedade receptora, no caso os próprios brasileiros em Londres, quanto para aqueles que deixaram no Brasil, principalmente através das redes sociais, como *Orkut* e *Facebook*.

Quando migrei, lembro que estava ainda no avião na viagem de ida, com Diego, sobrevoando Londres, ele me disse:

Você sabe do que eu tenho medo, cara? De não voltar com aquele sentimento de missão cumprida, sabe? De ter que voltar antes da hora porque não conseguimos nos manter aqui, ou voltar sem ter aprendido inglês. Isso me dá medo [Diego].

Quando Diego disse aquilo, percebi que compartilhava dos mesmos medos, de não conseguir vencer aquele desafio que havíamos nos proposto a enfrentar: ir viver em outro país, manter-se sozinho e aprender uma nova língua. Além disso, no início, quando ainda estava sem trabalho, sentindo-me sozinho, passando frio e vendo acabar o pouco dinheiro que tinha, ligava para casa e, falando com meus pais, nunca reclamava, chorava, ou algo do gênero. Quando desligava o telefone, podia até chorar, mas não quando estava falando com eles. Lógico que não queria preocupá-los, mas também não podia admitir que as coisas não estavam dando certo, que estava sendo um “*looser*” (perdedor).

Muita gente dizia o mesmo quando entrávamos nesse tipo de conversa sobre família e amigos no Brasil. Rose, inclusive, contou que se escondeu de todos os amigos quando foi deportada na sua primeira vez em Londres. Só foi atrás de voltar para a Inglaterra, para não ter que encontrar seus amigos e dizer que não havia conseguido entrar. Aline também dizia que no início sofreu bastante, mas nunca falava isso para seus pais e amigos no Brasil.

No começo eu chorei muito, chorei, chorei... só que eu não falava... Não vou passar isso para os meus pais. Nunca chorei no telefone com eles, nunca, nada disso [Aline].

Quando alguém migra, está migrando para vencer, para melhorar de vida, seja por questões econômicas, culturais, subjetivas ou familiares. Desloca-se para construir uma vida melhor. Portanto, precisa manter essa imagem para aqueles que ficaram para trás, e o consumo de bens e viagens muitas vezes servem para se justificarem socialmente em um contexto onde estão realizando os mais diversos tipos de trabalho desqualificado, dificilmente desempenhados por eles no Brasil.

Recordo-me que Diego e José, em toda viagem que faziam pela Europa, na mesma hora postavam as fotos em seu *facebook* para mostrar, às pessoas do Brasil, que estavam conhecendo novos lugares, assim como postavam fotos trabalhando nos estádios; embora estivessem trabalhando como faxineiros, estavam assistindo aos jogos da Liga dos Campeões, da Europa, algo que todos os amigos no Brasil gostariam de fazer. Eu fazia o mesmo, e a cada foto postada vinham sempre os comentários, via internet, sobre a vida boa que estávamos levando na Europa. É evidente que não sabiam que passávamos a madrugada toda limpando banheiro, recolhendo lixo, passando frio e, às vezes, até fome.

Já em relação àqueles, um pouco mais velhos, que trabalharam e tiveram uma vida mais estável no Brasil, não ficaria bem dizer serem faxineiros em Londres, como no caso de Rose. Quando perguntei a ela a respeito do trabalho que realizava em Londres e o que suas amigas diriam caso a vissem fazendo aquilo, ela respondeu:

Não me importo em realizar esses trabalhos porque eu não conheço ninguém aqui. Então eu sei que ninguém vai ver: “Porra, olha a Rose, que deprimente, trabalhando como garçonete”. Se fosse no Rio, eu jamais faria. Eu jamais falo que eu cuido de um banheiro, que eu fui *cleaner*, nunca falei. Eu falo que trabalho em um bar, num restaurante. “Faz o quê?”. “Ah, sou ‘*runner*’”. Eles nem sabem o que é “*runner*”. Fica chique. Por isso eu nem fico colocando muitas fotos no meu *facebook*. Eu coloquei de algumas viagens, de um festival que eu fui e umas com as meninas na neve, só também. Agora uma vez um *filho da puta* colocou uma foto minha, era eu de gravata e de camisa preta (uniforme de garçonete). Eu falei: “Tira agora, não põe nunca na sua vida” [Rose].

Priscila também diz que realizar esse tipo de subemprego em Londres não a incomoda. Primeiro porque aquilo não parece ser a sua vida, até por não ter nenhum amigo do Brasil convivendo com ela. Segundo, ser *waiter* em Londres não é a mesma coisa que ser garçom no Brasil, pois, além de o fato de dizer que é *waiter* na Inglaterra ser status para quem está no Brasil, para ela os londrinos enxergam o trabalho de maneira diferente da dos brasileiros. Como ela mesma lembrou, a filha do presidente da *SM* trabalha meio período como garçonete

na empresa em que seu pai é o presidente, servindo muitas vezes seu próprio pai e amigos. Além disso, no círculo social do qual ela faz parte, todos estão realizando o mesmo tipo de trabalho. Todavia, assim como Rose, ela *não revela* às pessoas no Brasil a vida que leva por lá.

A fala de que “as pessoas não sabem o que fazemos em Londres” – e quando falamos o nome em inglês fica chique – como Rose disse, sempre aparecia nas rodas de conversa. Uma vez Max comentou sobre Maria, uma paulistana de uns 35 anos, que trabalhava com ele limpando escritórios, de madrugada. Um dia, estavam trabalhando juntos e a mãe dessa garota ligou. Como era horário de trabalho, não podia ficar falando ao telefone; atendeu e disse que ligaria mais tarde, porque o *Mr. Hoover* estava para chegar. Max perguntou quem era o *Mr. Hoover*. Como não podia dizer a sua mãe que trabalhava como faxineira, então havia dito que trabalhava em um escritório como secretária, e que seu patrão era o *Mr. Hoover* (aspirador de pó). Assim jamais esqueceria o nome do patrão.

Outra história foi contada um dia quando eu estava com Max e o pessoal de seu bairro. Max havia acabado de voltar do Brasil e começou a contar. Alguns meses antes de sair de férias, tinha visitado um autódromo com um amigo do Capão Redondo. Por 1.000,00 libras podia-se dar uma volta no circuito, com o carro. Como seu amigo Juliano gostava muito de corrida, pagou as 1.000,00 libras e foi dirigir. Max tirou fotos do amigo com macacão e pilotando o veículo. Quando de férias em Capão Redondo, perguntaram como andava a vida em Londres, e questionaram sobre o pessoal. Um deles então falou: “Pô, quem tá bem é o Juliano”. Max, sem entender, até porque Juliano era *kitchen porter* em Londres, perguntou por que é que ele estava bem. Seu amigo respondeu:

Você não sabe, não? Ele virou piloto teste de uma equipe de corrida, eu falei com ele esses dias na internet e ele me disse. Eu não tinha acreditado, não, mas dá uma olhada lá no *facebook* dele [Max, repetindo a fala do amigo].

Nesse dia, Max não só fez questão de entrar no *facebook* desse seu amigo para me mostrar as fotos que havia tirado, como também abriu a página do *facebook* de Bernardo. Naquele momento, Bernardo estava sem trabalho, seu primo teve que pagar seu último aluguel e ele devia dinheiro para o pessoal da casa por ter comprado uma moto, que já havia vendido. Bernardo tinha acabado de postar em seu *facebook* a foto de uma moto e um carro, como se fossem seus, dizendo que eram suas paixões, além de colocar a foto de uma

camionete de luxo dizendo que iria comprá-la em alguns meses. Depois desse fato, comecei a analisar algumas páginas do *facebook* de pessoas que eu conhecia, a história se repetia, sempre com mensagens e fotos que mantinham essa ideia de estarem vencendo em Londres.

Sendo assim, fotos de produtos, de carros, viagens etc, funcionam como objetos de status para aqueles que lá estão limpando privada e servindo pessoas, como dizia Max. Até o fato de você namorar um estrangeiro serve como distinção, tanto para as pessoas que estão no Brasil, quanto para os brasileiros que vivem em Londres. Prova disso eram os comentários que ouvia do pessoal brasileiro da *E. Cleaner*, que ia até minha casa com Diego. Sempre faziam uma piadinha do tipo “o Júnior está bem em Londres, é *waiter* servindo os doutores, e ainda tem uma namorada australiana”. Max era quem tinha uma visão mais crítica sobre tudo isso, vivia dizendo que a grande maioria das meninas em Londres só queria se relacionar com estrangeiros para ter passaporte e status entre os brasileiros.

A grande maioria por aqui faz isso (casar pelo documento). E também para ir para o Brasil, que nem a menina que trabalhava com a gente lá, levou o namorado lá para o Brasil falando: “Ah, meu namorado é gringo!” “Meu namorado é lindo, maravilhoso e é gringo. Não fala português, é branquinho, tem cabelo bom.” Ela começou a falar na frente de todos os amigos dela, falando em inglês com o cara. Isso é status para ela. Ela queria mostrar mesmo o cara. *Orkut*, *facebook*, essas coisas assim, meu, servem para mostrar que a galera está bem, a galera mostra, põe duzentas fotos por dia no *facebook*, porque quer mostrar que estão bem, para mostrar para a família e para os amigos, que está namorando um “gringo”, ou uma “gringa”, ou que tá comprando o mundo inteiro, que vive igual *playboy*. O que é mentira, porque o cara está aqui (Bernardo), só porque tá de moto já se acha, porque não tem um puto, vive de dinheiro emprestado dos outros, quando recebe salário paga o empréstimo, quando o salário acaba no meio do mês ele pega mais emprestado. Você vai ver, se você levar sua namorada para o Brasil, no meio das suas amigas e dos seus amigos, você vai virar celebridade [Max].

Além dessa tentativa de manter um status para quem está no Brasil, o mesmo também deve ser mantido entre os brasileiros que estão em Londres. Havia sempre em uma roda de conversas algum assunto sobre quem comprou roupa, computador, moto, carro. Quando se ia a alguma festa com brasileiros era comum que as pessoas pagassem bebidas. Sempre havia quem se levantasse e falasse que pagaria uma rodada de cerveja para todo mundo. A primeira festa de brasileiros a que fui, foi com Max. Ele me havia alertado para não comprar bebida, porque sempre haveria alguém querendo demonstrar uma vida melhor que a do outro, e

passariam a noite pagando bebidas. Isso era algo que fazia (era motivo para Max dizer sempre, que não queria se envolver com brasileiros em Londres.

Você vai numa danceteria brasileira aqui, um tem um *cordãozão* de prata, outro, *cordãozão* de ouro. Para quê? O cara no fim de semana na boate, ele é celebridade. De segunda a sexta ele é *cleaner*, fica limpando bosta dos outros no banheiro. Então ele enche a mão de bosta de segunda a sexta e no final de semana ele põe prata no pescoço, uma correntinha de prata no pescoço e acha que é o Sílvio Santos. Então, como você me perguntou uma vez se os brasileiros mudam quando vêm para cá, mudam, sim, porque eles acham que só porque estão aqui eles são celebridades, são estrelinhas. Num é um cidadão normal [Max].

Essa última fala de Max representa bem várias que ouvi durante meu campo: “os brasileiros mudam, estando em Londres, querem sempre parecer mais ricos, que os outros, para mostrar que estão bem. Assim, passam a perna em todo mundo; não são dignos de confiança”.

4.2 Brasileiros por brasileiros: Conflito e distinção.

Como se pôde perceber, há diferentes “tipos” de brasileiros desempenhando os chamados trabalhos desqualificados em Londres. Assim, estão a todo o momento vivendo essa “diferença”. Daí, grande parte desses migrantes não verem com bons olhos seus conterrâneos, o que resultaria em uma “divisão intracomunitária”.

Guilherme consegue perceber que há tal divisão entre os brasileiros e, para ele, esta aconteceria a partir da “situação” de imigrante de cada um, ou seja, seria definida pela posse ou não de documento. Cada “classe” de imigrante não convive com a outra. Existe mais uma situação de conflito que de solidariedade.

Cara, aqui tem algumas categorias de brasileiro. Tem o estudante, o imigrante ilegal e o imigrante legal. São três classes de brasileiros aqui e um não *tromba* com o outro, um não tem contato com o outro. O estudante é o cara que já vem com o visto, não vem com preocupação de juntar dinheiro. O cara tira fim de semana livre, vai para Holanda, vai para Itália, vai para França. Esse pessoal tem uma vida social que tem o interesse em conhecer a cultura local e regional também. Eles são pessoas que se envolvem até com os estrangeiros, tem mais amigos estrangeiros. Saem daqui vão lá para Austrália passar umas férias, os amigos deles vão para o Brasil, e podem ficar indo e voltando. São estilos de vida diferentes de imigrantes, eles não vêm aqui para ver o submundo como os ilegais. Os estudantes têm vida

social, vão para balada e tal. Já o ilegal, principalmente no começo, tem medo de sair, tenta guardar dinheiro e tal. O cara que tá legal já é diferente também porque esse não fica gastando dinheiro com documento, visto e tal, muitos são até comerciantes [Guilherme].

A percepção de Guilherme, presa à questão do visto, está ligada às suas experiências de imigrante ilegal, sempre contrastada com a situação de Max, morador da mesma casa e possuidor do passaporte europeu. Em algumas situações, as conversas ali entravam nessa discussão, do brasileiro em Londres. E Max sempre reproduzia a fala crítica, negativa, em relação aos brasileiros.

Alguns dias antes de ter essa conversa com Guilherme, presenciei uma dessas discussões. Estávamos comendo pizza no quarto do Max. Guilherme e Bernardo também estavam presentes. Max começou a contar que havia visto na televisão um roubo ocorrido em uma loja de jóia, no centro de Londres e as câmeras haviam gravado as imagens. Disse que “os caras” estavam de moto e usando capacetes pretos. Dois deles pararam o trânsito e outros dois entraram com as motos na calçada da loja. Quebraram o vidro da vitrine, pegaram as jóias e fugiram. Após explicar a cena, Max acrescentou que, com certeza: eram brasileiros. Primeiro porque ingleses não têm aquela malandragem, segundo, pelo jeito de dirigir as motos. Só poderiam ser brasileiros.

Na ocasião todos concordaram e disseram que também acreditavam serem brasileiros os ladrões, mesmo tendo como base apenas o relato de Max. Esse tipo de fala se repetia várias vezes, “tinha que ser brasileiro” ou “só podia ser brasileiro”, e, para Guilherme, isso era dito por aqueles que possuíam documentação referindo-se aos não documentados.

Tem um preconceito aqui bravo. Sabe, um preconceito que rola aqui, de brasileiro para brasileiro? Por exemplo, você tem seu visto, seu passaporte europeu tal, passa um cara fazendo uma coisa que você não acha legal, qualquer coisa, você fala: “É brasileiro”. “Ah não sei o que, é brasileiro. Saiu briga? É brasileiro”. É brasileiro falando isso toda hora cara, tipo: “Por isso que eu não vou em tal lugar, porque tem brasileiro e blá blá blá”. Então, os legais, eles acham que os ilegais estão errados de estarem aqui. Os próprios brasileiros se acham acima só por causa de um papel (visto). Mas eu tenho uma vida *fodida* no Brasil, agora eu não tenho o direito de mudar minha vida? Só ele que tem, por causa de um pedaço de papel? Mesmo o cara que não tinha documento, quando ele arruma o documento, pronto, o cara vira o super-homem, isso é real aqui [Guilherme].

Essa visão de Guilherme é bem interessante, mas de certa forma fica um pouco enrijecida demais na questão do visto determinando o estilo de vida que os indivíduos levam,

pois, como ele mesmo diz, muitos dos que vão para Londres com o intuito de trabalhar e ganhar dinheiro, e acabam ficando em uma situação de ilegalidade, com um tempo, passam a levar uma vida de baladas e festas, assim como fazem os estudantes. Ao passo que, por outro lado, muitos dos estudantes também acabam se encontrando em situações de ilegalidade, além de, muitas vezes, trabalharem mais do que aqueles que migraram com o interesse inicial de juntar dinheiro.

Contudo, não tem como negar que a questão do visto é, sim, um fator de distinção, não só para facilitar a maneira como esses migrantes vivenciam suas experiências em Londres, mas também por uma questão simbólica, já que o estar ilegal remete àquela concepção do migrante econômico, o pobre e inferior. Não é por menos que Priscila fez questão de mostrar todos os vistos que já havia renovado quando o pessoal da *SM* desconfiava que ela estivesse ilegal no país. Além do mais, ela era uma “paraibinha”, como Rose a chamava, às vezes, ou a “conterrânea”, como Max e sua namorada se referiam a Priscila, dizendo que ela era “baiana”, e provavelmente, como qualquer nordestina, deveria estar ilegal. Uma fala de Rose expressa bem essa ligação do imigrante ilegal com o pobre que migra para trabalhar.

Eu já pensei em comprar um casamento. Todo mundo pensa, a gente está em Londres, aqui tudo é capaz. Londres você compra casamento, compra homem, compra drogas, compra festa. Agora, documento falso, jamais! Eu sou muito cagona para isso, e mais ainda pelo que eu passei (controle de imigração). Jamais. Ilegal, jamais. Eu prefiro voltar para o meu país. Não estou passando fome, não vim para juntar dinheiro, eu vim para não morar com a minha mãe, é muito diferente [Rose].

Esse preconceito chega a ser tão significativo que alguns dizem não revelarem mais sua procedência, em seus trabalhos, porque os conterrâneos migrados “são todos ignorantes”. Porém, em alguns momentos não é a questão do documento que gera o recorte, mas o regionalismo, o qual liga, por exemplo, o “goiano” ao pobre sem cultura.

Eu sempre falei que eu era (brasileira), até conviver com os brasileiros aqui. Como essa Ritinha do pizza, aquela do tronco (referência à escravidão, Rita é negra), goiana... que raça, que raça! Esse povo do interior que vem para cá é foda. Você e o Diego são as únicas pessoas do interior mesmo que sabem falar um português decente. Igual uma mulher que trabalha comigo fala do filho dela: “Ah, eu quero que ele *estuda*, Rose”. *Caralho*, o básico minha irmã, fala o básico pelo menos. “Eu quero que ele estude”. “Ah, eu quero que ele *estuda*, Rose. Só quero isso”. Não, minha filha, você pode estudar o que quiser, se você não falar a sua própria língua você não vai falar nenhum idioma, impossível. Não consigo entender isso, eu trabalho com um monte

de brasileiros, a maioria é goiano, não discriminando, mas é a realidade, são pessoas ignorantes. Não digo nem pobres, porque pobre eu também sou. Mas são ignorantes, que vêm para cá com o sonho de ganhar dinheiro, porque é o que eles querem. Para eles é um sonho de ganhar dinheiro, de comprar o terreninho, como eles falam, e fazer a casa. Trabalhar com quem vem para juntar dinheiro é foda. Um bando de fominha que quer passar a perna um no outro para se explorarem, é uma merda [Rose].

Assim como Rose, vários expressam essa mesma opinião sobre os brasileiros no dia a dia, em Londres. A ideia de “brasileiro sujo” (física e moralmente) também aparece em diversas falas, como na de Priscila:

Eu acho que os brasileiros aqui são uma raça imunda. Eu acho que aqui tá todo mundo atrás de dinheiro, a impressão que eu tenho é essa. Tá todo mundo atrás de dinheiro, todo mundo quer passar a perna em você. São poucos, dentro de um montão, que não querem. Se você tem dois empregos, ele quer ter três, quer pegar sua vaga no trabalho, quer pegar mais horas no trabalho do que você. Porque é como eu te falei, aqueles brasileiros que têm uma coisa melhor para fazer, vêm para cá, faz o que veio para fazer e vão embora. Esse brasileiro que vem para cá para juntar dinheiro é o goiano. Aonde você vai, você encontra um goiano [Priscila].

Com essas falas, nota-se que há a criação, entre os brasileiros, de um “nós x eles”, onde o “eles”, ou o “outro”, está ligado à imagem do migrante econômico, aquele ser humano pobre, sem cultura, que vem de um lugar mais pobre, com o objetivo único de trabalhar. Enquanto nos EUA o brasileiro inferior aparece com um recorte regional, na figura do mineiro⁴³, aqui ele se materializa na do goiano.

Guilherme acreditava que essa distinção era produzida pela questão do documento, um preconceito dos documentados contra os não documentados. Porém, o documento é só um desses marcadores da diferença (raça, cor, regionalismo, gênero, classe, situação documental, língua – se falam bem português ou inglês – são os demais) que se interseccionam no momento de formar essa imagem do brasileiro inferior. Um exemplo disso é quando Rose menciona o fato de muitos desses brasileiros ignorantes possuírem vistos, mas não saberem utilizá-los. Podem viajar, mas só querem trabalhar:

Então eu acho assim, brasileiros morando em Londres é decepção total. O brasileiro é visto como ignorante, ou como prostituição, como vagabundo. Brasileiro vem para cá, começa em um *cleaner*, tá ganhando 5,00, 6,00 *pounds* (libras) por hora, tá ótimo. Tá feliz. Trabalha quinze horas para

⁴³ Como foi demonstrado na Introdução desse trabalho.

comprar o terreninho deles e tá ótimo. Não pensa em crescer, subir. “Ah, quero fazer isso, quero fazer aquilo outro”. E continua no mesmo lugar. E ainda tem um monte deles que tem passaporte, podem viajar e não saem daqui. Eu não viajo porque infelizmente eu tenho que ter a *porra* do visto para sair para qualquer lugar daqui, entendeu? Mas aqui, tem um monte ilegal, mas tem um monte que têm passaporte, têm trabalho *full time*, moram todos amontoados na mesma casa, no mesmo quarto [Guilherme].

Portanto, assim como o documento não é o determinante, a questão regional por si só também não, pois muitas vezes aqueles que são considerados como “goianos” não são de Goiás. Em outra fala de Rose, demonstrada anteriormente, ela se referia à Rita como “goiana”. Rita não é de Goiás, mas ela representa para Rose a figura do goiano, em Londres, muito provavelmente por ser negra, não falar inglês muito bem e ter ido para Londres com a intenção de trabalhar. O mesmo ocorreu quando perguntei a Priscila quem são esses brasileiros que “querem passar a perna em todo mundo”, e ela prontamente disse que são aqueles que estão em Londres por dinheiro, os “goianos”. Contudo, quando questiono Priscila se de fato esses goianos são de Goiás, ela acaba ficando confusa e dizendo que entre os goianos que ela conhecia tinha gente do Paraná também:

- Esses brasileiros que estão aqui há anos é quem quer fazer dinheiro, é goiano que quer fazer dinheiro, que quer roubar banco, que quer não sei o que, que tá aqui há anos. Goiano toma conta de Londres, geralmente eles trabalham na cozinha, você chega à cozinha e vê um monte de goiano, falou Priscila
- Mas onde você se relaciona com tanto goiano assim? – pergunto-lhe eu em seguida.
- Lá na loja onde eu trabalhei tinha um monte, o que tinha de goiano na cozinha!... – diz Priscila.
- Mas eles eram de Goiás mesmo? – pergunto.
- Bom, quando eu trabalhava tinha um goiano mesmo, e muita gente do Paraná... E, onde é que tinha mais goiano?! Ah... Geralmente eles estão nas cozinhas mesmo...

Priscila disse isso em uma conversa da qual Rose fazia parte, e nesse momento concordava com Priscila: “Os goianos tomaram conta de Londres, fazendo os trabalhos mais sujos, como o de *kitchen porter*. Só pensam em dinheiro, não falam nem inglês, nem português direito, e se aproveitam de todo mundo”. Mas quando Priscila percebeu que estava fazendo generalizações, tentou mudar um pouco o tom da conversa quando Rose entrou na discussão:

- Então você não conviveu com tanto goiano assim, Priscila!
- Ah, então, de Goiás mesmo eu conheci três pessoas, e era um pessoal de igreja evangélica, então, era gente boa. É assim, você via e eles diziam que estavam aqui para trabalhar e fazer dinheiro, mas são pessoas boas, que você vê que tem uma índole boa. Não é aquela pessoa que tá ali, que vai lhe prejudicar. Agora uma coisa que eu vou dizer que o povo fala: “Ah esse povo ilegal que vem aqui para trabalhar”, uma amiga minha veio falando isso e disse: “Ô Priscila, esse povo come mal, não come direito.” Eu falei: “Olha, aí eu tenho que dar a César o que é de César, esse povo come melhor do que eu. Eu só como congelado porque eu também não cozinho. Só como congelado, nunca cozinho, só como no trabalho, eles comem melhor do que eu.” Se fizer um exame aqui para ver como é que tá minha saúde, a deles tá melhor que a minha. – argumenta Priscila.
- É! Concorde, porque eles comem arroz, feijão, carne todo dia. Mas também, têm que comer bem... Eles trabalham para *caralho*. – diz-lhe Rose.
- Mas Rose, você não trabalha muito também?! – eu lhe pergunto.
- É...se você for pensar...é, eu trabalho muito também. – ela responde.

Para Rose, entretanto, por mais que trabalhasse, às vezes até mais do que aqueles que teoricamente estariam em Londres só para trabalhar, ela não era uma imigrante, não como eles, era carioca, branca, vinha de uma família boa, e mesmo que trabalhasse muito, sabia aproveitar a vida de Londres. É o que se percebe na continuação da conversa:

- Então, eu acho que o que realmente diferencia uma coisa a outra é você vir de uma boa família. Se você vier de uma boa família, você vai ser uma boa pessoa. E a maioria desses brasileiros que moram em Londres, não é. São pessoas, não diria nem humildes, são pessoas ignorantes que só pensam em dinheiro. É aquilo que eu tava falando para você, não vão a um teatro, não vão a um museu, aqui é praticamente de graça, tem milhares de museus, não viajam! Está no lugar certo para viajar. – fala Rose.
- Também não é assim Rose, eu conheci duas meninas goianas aqui, “normais”, gente boa. Normal. – contradiz Priscila.
- Você tem que me apresentar então, que eu não conheci nenhuma goiana gente boa. – acrescenta Rose.
- Rose, todo mundo, todo lugar tem sua exceção. Tudo na vida tem sua exceção. Eu conheci duas meninas normais, super gente boa. – finaliza Priscila.

Muito provavelmente Priscila começou com esse discurso de que todo lugar tem sua exceção, por perceber que, além de nem todos aqueles que chamava de goiano, serem de Goiás, estava fazendo generalizações, com frases preconceituosas, dirigidas a pessoas de uma

região específica do Brasil, coisa que também sentia na pele quando começavam a falar dos nordestinos, já que era pernambucana.

Apesar de Priscila ser branca, ter terceiro grau completo e ser proveniente de uma família tradicional, fatores que provavelmente concorram para que ela não se enxergue como uma “goiana”, no final das contas, seria porque, quando era preciso, ela era vista pelo pessoal do sul e sudeste brasileiros como a “conterrânea” (maneira como Jéssica e Max se referiam a ela) ou “paraibinha” (como Rose se referia a ela quando queria fazer alguma piada). Ou seja, mesmo que não fosse vista como uma “goiana”, uma imigrante pobre que estava em Londres para trabalhar, em momentos decisivos, quando pequenas hierarquias eram formadas, ela se tornava a “paraibinha” ou a “conterrânea”.

Neste caso é possível perceber que dentro deste processo de diferenciação entre os brasileiros, em um nível mais “macro”, há a criação do “outro” inferior, em que o preconceito é materializado na figura do goiano, representando o migrante pobre, sujo, ilegal, sem educação etc. Esses marcadores da diferença se interseccionam quando a imagem do goiano é constituída.

Contudo, em pequenos locais de interação é possível verificar hierarquias sendo criadas e rompidas a todo o momento. Mesmo entre aqueles que não são considerados inicialmente “goianos”, é possível perceber outros marcadores sendo acionados para hierarquizar uma relação em um plano mais micro. Ou seja, quando era necessário, Rose se tornava a “carioca” e Priscila a “paraibinha”, enquanto Max e Jéssica se tornavam os “paulistanos” e Priscila a “conterrânea”. Em outros momentos, Max era o “brasileiro” e Rose a “boliviana” escrota, enquanto Rose era a “carioca” de uma família boa e Max e Jéssica eram os “paraibinhas” de São Paulo, que fediam.

Uma situação que ilustra bem essas hierarquias sendo negociadas em um plano micro de interação aconteceu quando Rose brigou na pizzeria com os trabalhadores da cozinha. Naquele momento ela ainda não havia aprendido a língua local e muitas vezes era submetida a situações desagradáveis. Para ela, seus supervisores no trabalho pertenciam a esse grupo de “ralés”, e ela não admitia receber ordens de uma “preta” ou de uma “paraíba”, como Rita.

Não vou trabalhar mais naquele lugar fedido, cheio de brasileiro ralé, não sou preta para trabalhar como escrava, limpando merda dos outros. Quem essa preta (Rita) acha que é para me dar ordens? Não sabem nem falar português direito e querem me dar ordem? ![Rose].

Era nesse momento de quebra de hierarquia que surgiam as frases como a de Priscila: “No Brasil eu não era preconceituosa, mas aqui eu tive que me tornar porque preto aqui acha que é gente”. Esse tipo de fala é proferida a todo o momento por aqueles que no Brasil, teoricamente, pertencem aos grupos considerados dominantes, não apenas no âmbito econômico, mas em todas as esferas simbólicas que geram distinções. Brancos, classe média, estudaram até o terceiro grau, não desempenhavam no Brasil o mesmo tipo de trabalho desqualificado que realizam em Londres.

Esse conflito e falta de confiança existente entre os brasileiros faz com que a questão da falta de amigos, e a solidão, apareçam para alguns como uma das principais dificuldades em continuar vivendo em Londres.

CAPÍTULO 5. Negociando o Retorno: liberdade, solidão e presente permanente⁴⁴

Uma vez já passada a euforia inicial com a vida de Londres, e diminuído o ritmo de trabalho, alguns começam a negociar suas vidas novamente, pensando em um possível retorno, mas sem planejar muito o futuro. Questões como o clima e a solidão aparecem como possível fator para se promover a volta à terra natal.

Rose pretende um dia voltar a morar no Rio de Janeiro, mas não está certa de quando, nem do que fará, se realmente voltar. Gostaria de ficar em Londres por um bom tempo, porém o maior problema seria o fato de não possuir documentação e precisar sempre juntar dinheiro para renovar os vistos. Por não trabalhar muito, como antigamente, sempre que tem necessidade de renová-los, precisa deixar de sair e viajar, com o objetivo de guardar dinheiro para essa finalidade.

Rose não aceita ficar ilegal no país, e, como também não encontrou ninguém de confiança com quem pudesse “fazer negócio”, isto é, alguém de quem “comprar” um casamento europeu, segue renovando vistos sem muitos planos. Reclama também do clima, já que o inverno londrino é muito rígido e “sem vida”, para uma carioca acostumada com praia e “curtição”. Porém, o estilo de vida que ela consegue ter em Londres, marcado por um acesso imediato e fácil a uma vida cultural, noturna e de viagens, ainda pesam quando é questionada sobre voltar para o Brasil.

Eu queria ficar, mas eu não queria ficar como estudante. É um saco ficar renovando o visto, já vou para a terceira renovação. Eu queria ter um documento para poder fazer o que eu quisesse. Se eu quiser morar na Espanha amanhã, eu vou para a Espanha, se eu quiser morar na Itália, eu vou... Sabe, eu queria ser cigana. No Brasil nunca me faltou nada. Trabalhando em loja era tranquilo, toda bonitinha, tomando cafezinho com

⁴⁴ Nardi (2003), citando alguns autores (LASCH, 1990; BECK, GIDDENS & LASH, 2000), demonstra como as mudanças econômicas, políticas, tecnológicas e sociais, que tiveram início na década de 1970 e que se intensificaram nas duas décadas seguintes, teriam alterado, também, a maneira como os sujeitos passam a enxergar o mundo a sua volta. Novos valores passaram a ser criados dentro de uma nova realidade social que emerge, um novo sujeito também começa a se construir neste cenário. Essas mudanças refletiram em um código moral contemporâneo que estaria ligado ao aumento do individualismo, à frouxidão do laço social, à criação de uma cultura do narcisismo, à perspectiva de uma sociedade de incertezas, à competição extremada e ao desmantelamento das garantias de estabilidade, o que resultou em uma situação na qual os indivíduos não trabalham mais com a possibilidade de um planejamento a longo prazo e um pensamento direcionado para a construção de um futuro. Neste novo modelo a satisfação imediata passa a ser o objetivo “de vida”, e a temporalidade agora é marcada pela ideia de um presente permanente, onde as ações são cada vez mais voltadas para a auto-realização do indivíduo e não mais para o “grupo” em si, como a religião, filhos, amigos próximos ou a sociedade como um todo. Para Bauman (2001) e Sennett (2006), essa satisfação imediata hoje se realizaria, para muitos, pela via do consumo.

meus clientes, coca-cola, batendo papo, e no meio desses papos já to vendendo. Então é um dinheiro fácil que não carrego peso, não me sujo e fico amiga dos clientes, vou para festinhas dos meus clientes. Mas aqui é mais fácil e mais rápido, o dinheiro vale mais. Lá nunca me faltou nada, mas você precisa planejar as coisas e eu nunca planejei a minha vida. Mas, por exemplo, lá, eu sei que se eu quisesse viajar seria mais difícil. Quero continuar viajando a Europa, Estados Unidos, Tailândia, porque eu queria ir para a Tailândia. Vou renovar meu visto e, se Deus quiser, eu vou... Estou trabalhando agora para isso, para juntar dinheiro... vou renovar o visto por dois anos com esse curso de marketing que paguei agora. Vou juntar dinheiro, 15, 20 dias em Tailândia. Coisa que eu sei que eu jamais conseguiria fazer no Brasil, não com um salário de vendedora. Quando você me perguntou aquela vez o que me faz levantar no frio todo dia aqui e ir trabalhar, eu acho que hoje é a vontade de juntar dinheiro para continuar viajando. Vou viajar mais, quero ir para a Tailândia, quero ir para o Japão, quero ir para Nova Zelândia...ser livre [Rose].

Além dessa facilidade encontrada em Londres para “consumir” o estilo de vida livre que deseja, Rose também aponta os fatores, no Brasil, que a fizeram querer ficar por mais um tempo.

Eu estou com muito medo de voltar para o Brasil. No fundo do meu coração eu tenho muita vontade de voltar, mas eu tenho um medo quando eu falo que vou voltar para o Rio. De não conseguir algo bom que garanta a minha liberdade também. Além disso, tem a questão da violência lá. Minha mãe inclusive falou que eu não ia mais me acostumar a viver no Rio, e acho que é verdade. Aqui eu ando sozinha a madrugada inteira de ônibus, com dinheiro na bolsa e tudo, não estou nem aí, eu sei que não vai acontecer nada. E tem a questão dos problemas da família. Se eu tiver no Rio, o problema da família está do teu lado. A Aline vive me perguntando: “Rose, por que você não quer voltar para o Brasil?” Porque eu não tenho nada que me prenda aqui, se eu quiser voltar para o Brasil amanhã, eu volto. Eu não tenho namorado, eu não tenho marido, eu não tenho um excelente emprego, eu não tenho absolutamente nada [Rose].

Talvez seja exatamente por isso Rose pretenda ficar por mais tempo; justamente pelas coisas que “não tem” em Londres: algumas “responsabilidades” como marido e um emprego regular que a enraizariam e limitariam a vida livre e flexível que aprendeu a ter. É claro que tem consciência de que já se esforçou muito e realizou um tipo de trabalho “sujo”, que nunca realizaria no Brasil, para manter o estilo de vida que deseja. Rose disse que odeia o tipo de trabalho que exercia. Gostaria mesmo é de trabalhar em lojas, vendendo roupas, mas, desde que nenhuma amiga do Rio de Janeiro a visse sendo garçonete e faxineira, não teria problema. Portanto, o tipo de trabalho que realiza deixa de ser central e não dá sentido a sua existência. É apenas um meio de acesso ao estilo de vida “livre” que tanto agrada.

Situação muito semelhante é encontrada nas trajetórias de Priscila. Priscila – que já se encontra em Londres há cinco anos – ao mesmo tempo em que dizia estar começando a trabalhar a ideia de voltar para o Brasil, também não sabia ao certo quando voltaria. Disse que já estava cansada de fazer aquele tipo de trabalho pesado, e que já havia se desencantado com a vida de Londres, há um bom tempo. Não saía mais, gastava sempre seu dinheiro com aqueles processos de renovação de visto e ainda tinha que ficar servindo pessoas e aguentando gerentes chatos. Além disso, também se sentia muito sozinha, as pessoas estavam sempre chegando e partindo e ela continuava por lá. Contudo, não sabia o que seria de sua vida, porque, ao mesmo tempo em que estava cansada, tinha acabado de pagar 2.000,00 libras para um advogado garantir sua permanência em Londres por mais cinco anos.

A razão de toda essa indecisão em relação ao retorno, ainda era a mesma que a fez cruzar o Atlântico, a relação com sua mãe e avó. Mas ela acreditava já estar mais madura para encarar as duas, só que o fato de nunca ter juntado dinheiro algum, em todos esses anos, colocá-la-ia novamente sob a dependência de sua mãe.

Eu não juntei dinheiro, eu nunca nem tentei, nem tenho trabalho suficiente para isso, como fazia no início. A Rose me perguntou sobre voltar, o que eu falei para ela foi que se eu voltar para o Brasil agora, eu não tenho um *puto* nem para alugar um apartamento se eu quiser. Mas vamos ver, eu queria ficar até o final do ano, para acertar na minha cabeça para voltar. Porque eu vou ter que encarar a minha mãe e a minha avó [Priscila].

Sendo assim, ainda continua negociando sobre um possível retorno e, enquanto isso, vai levando uma vida de imigrante, realizando trabalhos que, como ela diz, uma pessoa bem criada não realizaria no Brasil. Mas, pelo menos, servindo pessoas em Londres, pode levar a sua vida da maneira como quiser, sem precisar dar satisfação a ninguém.

Bernardo e Guilherme também começam a trabalhar com a ideia do retorno, têm a solidão como a pior inimiga, principalmente porque são ilegais e nunca voltaram para o Brasil desde que chegaram à cidade inglesa.

Quando eu vim para cá eu nunca achei que passaria sete anos morando aqui. Eu sinto falta do pessoal de lá (Brasil), estou aqui há sete anos e meio, sozinho, mas, você vê, o estilo de vida de todo mundo lá é diferente, aqui eu compro tudo que eu jamais compraria lá, mesmo trabalhando menos do que antigamente [Bernardo].

Na última conversa que tive com Bernardo no início de 2011, ele disse que voltaria para o Brasil no final do ano. Porém, após as festas de fim de ano, retornaria a Londres, só que ainda não sabia se tentaria entrar com visto de turista novamente, ou se compraria um passaporte “quente” de um pessoal que fazia passaporte italiano no Brasil.

Já Guilherme pretende ficar mais até conseguir ter algo no Brasil que lhe garanta uma estabilidade quando retornar.

Minha intenção agora é ir para a Itália, tirar um passaporte, voltar e trabalhar menos. Ficando legal eu vou poder fazer um curso de inglês também que vai abrir mais portas para mim aqui. Minha intenção é passar agora uns dez anos aqui, na realidade não sei muito o tempo ainda, eu estendi meu prazo, porque não tem como ficar planejando muito tempo. Eu já desisti disso. Eu agora faço uma conta no Brasil... Eu dei entrada em um apartamento no *Minha Casa Minha Vida*⁴⁵, vou pagando a conta lá e o resto é Londres mesmo. Porque eu não sei quanto tempo eu vou ficar aqui. Então eu pretendo aprender inglês, para sair daqui com um algo a mais, e ver se consigo pagar uns dois apartamentos, porque se um dia eu “encher o saco” disso aqui eu vou ter que ir embora [Guilherme].

Assim, Guilherme vai mantendo a ideia do retorno em mente, criando algumas alternativas caso retorne ao Brasil, como comprar dois apartamentos e aprender inglês. Porém, tem medo de voltar e não se readaptar, como aconteceu com vários brasileiros que conheceu em Londres.

Porque muita gente fala que quem fica muito tempo aqui não se adapta ao Brasil quando volta, eu tenho medo disso aí. Porque você vem para cá, você ganha 4.000, R\$5.000 reais por mês, e lá você ganhava 500,00 reais. Você num vai voltar para ganhar 500,00 reais. Só que eu não sou igual ao meu primo (Bernardo) que leva uma vida aqui normal, gastando todo o dinheiro que tem e ainda devendo para todo mundo, porque eu posso ficar puto com tudo isso aqui e ir embora. O frio e a solidão aqui é foda, cara. A solidão ainda diminuiu um pouco, porque antes, quando eu não falava inglês, era bem pior. Você não entender o que as pessoas estão dizendo é complicado, você se sente tirado, excluído. Então eu não sei, cara, eu vou vivendo aqui, mas tentando melhorar a minha vida aqui, para, caso eu volte para o Brasil, eu tenho um lugar para morar, tenho o inglês [Guilherme].

É devido à solidão, que, apesar de não ter planos de voltar tão cedo, Guilherme vai tentando obter esses “capitais”, o apartamento e o *inglês*, como alternativas para a sua vida no retorno ao Brasil, um dia.

⁴⁵ Programa do governo federal Brasileiro que promove a habitação social por meio de incentivos financeiros.

Apesar de estar “casada” com Carol, Aline também coloca na conta da solidão uma parcela dos motivos que a fazem querer retornar ao Brasil. A vida segura e calma que Aline passou a ter desde que se tornou supervisora na *SM*, parece já não satisfazê-la mais, e novamente começa a sentir que falta lhe algo.

Como agora já está mais madura, e bem resolvida, mesmo sexualmente, começa a cogitar o retorno. Porém, Carol, que agora é gerente de uma unidade da pizzaria em que trabalha, não tem a intenção de retornar. Aline chegou a mandar alguns currículos para empresas de vendas no Rio de Janeiro. Foi chamada por duas, mas acabou não indo. Assim, vai mantendo a possibilidade de um retorno a qualquer momento, ao mesmo tempo em que acabou de se mudar para um apartamento, para morar sozinha com Carol, comprando mobílias e objetos que indicam mais uma prática de se fixar do que de retornar.

Na realidade, Aline vai vivendo a sua vida, sem planejar nada a longo prazo. Um dia está feliz, pagando cursos e comprando objetos, indícios de uma permanência maior (uma televisão de quarenta e duas polegadas, por exemplo, coisas que não levará para o Brasil), já em outro, principalmente no inverno, acorda querendo jogar tudo para o *alto* e voltar de vez.

Talvez a minha vida tenha caído no tédio novamente, e se eu for para o Brasil talvez ela vá cair no tédio lá novamente. Para mim as coisas são movidas a isso, a esse desejo... relacionamentos, novas emoções, entendeu? E são coisas curtas, imediatas. Quer ver? Eu estava pensando sobre isso hoje. Eu acho que, definitivamente, eu não vou ter filhos, nem eu nem a Carol, e tá, se a gente resolver ficar aqui mais um ou dois anos, vamos pegar esse dinheiro que a gente está juntando e vamos viajar, a gente tem esse plano. Vamos viajar, vamos curtir. Porque, tá, fazer dinheiro, e comprar apartamento, e... Para quê? Vamos viver agora, a gente tá jovem, a gente pode curtir, viajar. E quando a gente voltar para o Brasil, tem uma bagagem, a gente tem uma experiência de vida e profissional também. Ela é gerente de um restaurante. Além de tudo ela é química no Brasil, fala inglês. Eu acho que a gente tem várias opções para analisar direitinho. A partir daí, sim, a gente assenta, arruma emprego, aluga um apartamento [Aline].

Talvez o fato de estar com um relacionamento certo, um emprego seguro, realizando sempre a mesma rotina diariamente, fez com que Aline sentisse falta daquilo que aprendeu a ter em Londres, uma vida mais livre e flexível. Até porque, como ela diz, depois que começou a namorar, sua vida se restringiu muito ao trabalho e namoro, praticamente não tem mais amigas em Londres e não tem uma vida social que fuja muito do círculo de amigas de sua namorada ou do pessoal do trabalho. Parece viver o dilema do *pêndulo* da “liberdade x

segurança”. Quando atinge o ápice da liberdade, sente falta de uma vida segura, quando conquista uma vida segura, passa a sentir falta da liberdade.

Eu era muito “tem que ser para agora”, tem que ser para ontem, tem que ser não sei o quê lá e aquela coisa, sabe? Necessidade do sexo. Sempre tive essas coisas, muito forte. Eu tinha determinadas noites que eu saía e falava assim: “Hoje tenho que ficar com alguém, tenho que dar para alguém, porque se não eu não durmo”. Hoje em dia eu dei uma acalmada, mas às vezes eu sinto falta disso também, e meu círculo social aqui está muito reduzido [Aline].

Em meio a essa indecisão se fica ou se retorna ao Brasil, Aline acha que a vida em Londres, além de ser um aprendizado para a vida como um todo, também é um aperfeiçoamento profissional, caso um dia realmente retorne ao Brasil. A SM lhe pagou vários cursos sobre como administrar e gerenciar pessoas. Seu inglês hoje é muito bom e ainda terá no currículo uma posição de supervisora em uma empresa internacional, o que contaria pontos caso voltasse ao Brasil. Mas além de todas as questões já expostas, ainda vê alguns privilégios em ficar em Londres, mesmo estando longe de amigos, família, e passando frio, o que ela considera a pior parte de se viver na Europa.

É que aqui você tá num país desenvolvido. Você tá num país de primeiro mundo. Tem a questão da segurança aqui, e isso pesa. Você tem a questão dos transportes, as facilidades de transporte, de consumo. Seu poder aquisitivo é maior aqui. Você sente mais o dinheiro. Se você quiser viajar amanhã para Paris e voltar depois de amanhã, você vai. Você tem essa liberdade. Sair para jantar em restaurantes, museu, teatro. Aqui é tudo no débito, e no Brasil era o contrário, era tudo no crédito, eu pagava tudo um mês depois. Então eu fico ainda assim, um pouco receosa com essa questão financeira também, isso pesa, mas não é o principal para mim agora, porque dependendo, se eu conseguir me colocar bem no mercado lá, eu acho que eu consigo também um dinheiro legal para eu me manter bem, para pagar meu aluguel, para ter meu carro, para conseguir fazer minhas viagens para a região dos lagos, entendeu? Ir ao teatro, cinema, restaurante. Mas são várias coisas que se juntam. Vamos ver no que vai dar, vamos ver [Aline].

Assim Aline continua levando sua vida em Londres, mantendo sempre presente a idéia do retorno e vivendo um dia de cada vez, sem realizar muitos planos.

Do mesmo modo como aconteceu com Aline, quando Max conseguiu uma vida mais tranquila, com um emprego fixo, sentiu-se caindo no tédio, principalmente por não ter muitos amigos, de fato, em Londres. Por mais que vivesse na casa com Bernardo e outros brasileiros,

passava o tempo todo trancado em seu quarto, não confiava muito nos brasileiros que viviam com ele, para que pudesse criar uma relação mais próxima. Isolava-se dentro de seu quarto, onde tinha tudo de que precisava. Havia um projetor, no qual assistia à imagem da TV e de seu computador projetadas na parede. Tinha um frigobar, uma máquina de fazer arroz, pratos, talheres, sofá e uma mesa. Além disso, havia um som potente que ele ligava quando bebia com Jéssica - sua atual namorada, que havia conhecido em 2010⁴⁶ – e faziam do seu próprio quarto uma *balada*.

É foda cara, aqui eu fico muito sozinho. Em 2009 tinha você que a gente trabalhava junto, saía, se divertia. Mas depois que você foi embora não tinha mais amigo, até eu me encontrar com a Jéssica, meu, fiquei praticamente sozinho. Era só trabalho, casa, casa, trabalho, saía com um, saía com outro, saía com uma mina, saía com outra, mas nunca ficava firme com ninguém. Então é aquela coisa, você chega em casa toda noite, e põe a cabeça no travesseiro, você cai na real, e fala “Meu, o que eu tô fazendo da minha vida? E também é foda você encontrar alguém aqui, porque a maioria das pessoas que vem para cá, vem para zoar, mulherada que vem para soltar a franga, mulherada que, vamos supor, filhinha de papai, que o pai segurava até o último fio de cabelo no Brasil, vem para cá para se soltar, sabe? Para cair na vida, sair com o máximo de caras possíveis, porque quando voltar para lá o pai vai trancar no quarto de novo. E amigo brasileiro é difícil, porque de um jeito ou de outro, por mais que todo mundo fale, até o padre (da igreja que passou a frequentar com Jéssica) fala, meu, muitos brasileiros querem tirar proveito de você de alguma forma. Então não dá para confiar. Eu não tenho um amigo aqui que eu chego e falo: “Esse eu boto a mão no fogo, que esse não vai me fuder.” [Max].

Dessa forma, devido a essa imagem negativa que o povo brasileiro tem sobre seus compatriotas que vivem em Londres, Max se isolava muito e se sentia bastante solitário. As coisas melhoraram quando conheceu Jéssica, porém, ela não estava certa se ficaria em Londres por mais tempo, eles até cogitaram de se casarem para ela conseguir o visto e permanecer lá.

Max entrou em conflito. Nunca havia trabalhado a ideia de voltar para o Brasil de uma hora para outra, por mais que se sentisse muito sozinho em Londres. O estilo de vida adquirido por lá, marcado pelo consumo e uma vida sem violência, ainda pesava muito.

⁴⁶ Jéssica é paulistana, dez anos mais nova que Max, formada em Relações Internacionais, e foi para Londres aprender inglês. Como acontece com grande parte dos brasileiros que vão para estudar inglês, também se encantou com a vida em Londres e, após um ano vivendo por lá, renovou seu visto para mais um tempo. Foi quando conseguiu um trabalho na SM, conheceu Max e começaram a namorar.

Também tinha medo de estar cometendo o mesmo erro de quando voltou por causa de sua ex-esposa e depois se arrependeu.

Esse que é o problema, quando eu cresço na empresa, vem esse negócio de ir embora. Quando eu cresci na outra empresa, virei gerente, a minha ex me fez ir embora. Fui embora por causa dela. Agora eu tô praticamente na mesma situação, tô praticamente indo embora por causa da Jéssica. Deus queira que eu não esteja cometendo o mesmo erro. Mas também é a mesma coisa, tô indo de coração aberto, esperando que vá dar certo lá no Brasil. No mesmo jeito de quando eu vim para cá, em 2007. Mas antes de ir, eu ainda quero comprar umas coisas para o meu computador, dar uma melhorada nele, porque tô indo embora. Quero também comprar umas coisas de fotografias e umas aparelhagens de *DJ* [Max].

Max planejava voltar para o Brasil mais uma vez, em março de 2011, e novamente por causa de outra pessoa. Estava em dúvidas, algumas vezes dizia que não sabia se daria certo, se aguentaria a vida no Brasil; já em outros momentos ficava animado, dizia que tinha várias perspectivas para trabalhar com um amigo dele, ou com seu irmão. Contudo, só sabia que voltaria para o Brasil, sem ter muitos planos para o que fazer.

Novamente Max se viu resignificando seu objetivo de vida e retornando ao Brasil, agora por causa da namorada. Mas, como ele mesmo disse, não faz mais planos para o futuro, vai vivendo um dia de cada vez e, caso as coisas não deem certo no Brasil, ainda possui seu documento português, o que facilitaria um possível retorno à Europa. Ele veio embora, em agosto de 2011. Em dezembro do mesmo ano conversei com ele, já no Brasil havia quatro meses e ainda não conseguira um trabalho que lhe garantisse o estilo de vida almejado. Mandou seu currículo para vários sites de agência de emprego, teve algumas entrevistas, mas não achou o trabalho de que gostaria. Disse que, enquanto estava em Londres, ouvia-se muito falar que o Brasil ia muito bem, mas quando chegou aqui, percebeu que o país melhorara para aqueles que não tinham trabalho antes. Há trabalho, mas paga-se muito pouco e o custo de vida está muito alto, bem mais alto do que “na Europa em crise”, como ele disse. Sendo assim, Max não consegue mais se adaptar ao estilo de vida que leva no Brasil e que está novamente pensando em retornar a Londres, só não o fez porque Jéssica ainda está em dúvida se irá com ele, ou não.

É notória a percepção de que, em quase todas as falas, a solidão aparece como um problema na vida desses migrantes que já não trabalham mais com a possibilidade de planejar o futuro. Vão vivendo o hoje sem saber o que acontecerá amanhã. Essa situação gera um

sentimento de insegurança e não pertencimento em muitos, principalmente em um contexto onde existe o discurso de que os conterrâneos não são dignos de confiança. Neste quadro de solidão, as igrejas aparecem para preencher esse vazio que alguns sentem, como aconteceu com Max e Bernardo.

5.1 Solidão e religião

Jéssica era uma menina muito religiosa, e assim que chegou a Londres se inseriu nas redes religiosas da igreja católica lá existentes. Não só frequentava a missa todo domingo, como participava ativamente dos grupos de orações, durante a semana e dos outros grupos da igreja que ajudavam brasileiros necessitados de algum tipo de ajuda.

Com um mês de namoro, Jéssica e Max estavam morando juntos e, nesse tempo, ela passou a chamá-lo para frequentar a igreja. Ele, que nunca havia tido uma religião até então, começou a ir à missa, inicialmente não muito animado, mas com o tempo aquilo passou a preencher um espaço que estava vazio dentro dele, e ir a missa tornou-se parte de sua rotina.

Eu comecei a ir à igreja por causa dela (Jéssica), porque até então, a última vez que eu fui na igreja foi no meu casamento em 2002, fez sete anos sem ir na igreja, mas eu tô gostando, tô curtindo. No começo tava meio assim e tal de ir à igreja, agora sou eu que falo para ela “Meu, domingo, tal hora a gente tem que sair de casa, domingo é dia de ir à igreja”. Agora para mim nos domingos é normal eu ir para a missa, virou rotina [Max].

Martes (1999) analisou bem o papel das igrejas, em contexto migratório, quando realizou uma pesquisa com seis igrejas brasileiras na cidade de Massachussets/EUA, sendo três católicas e três evangélicas. Em sua pesquisa, ela demonstra que todas promovem igualmente o trabalho religioso propriamente dito e o de ajuda pessoal. Ou seja, as igrejas “brasileiras”, fora do país, possuem um papel pastoral muito forte, atuando como intérpretes e tradutores em hospitais, em escolas e perante a justiça; ajudam a veicular informação sobre trabalho ou moradia disponível; arrecadam e distribuem alimentos e vestimentas, entre outros tipos de ajuda. Tal situação ficou clara na fala do padre da igreja que Max frequentava, quando o questionei⁴⁷ sobre o papel da igreja católica “brasileira” fora do Brasil.

⁴⁷ Passei a frequentar a igreja com Max e Jéssica, realizando uma entrevista com o padre; entrevistas com fiéis; além de assistir à missa.

Bom, a igreja católica sempre na história teve as duas dimensões: A espiritual e a pastoral; até mesmo na igreja antiga você vai ter o “*Diacono*”, ele usa a estola na diagonal, a minha estola é na horizontal; a do “*Diacono*” é assim porque é o homem que andava com o dinheiro, que comprava o pão para dar aos pobres. Então, aqui é uma missão que tem um trabalho completamente diferente do Brasil, mas ela tem que acompanhar a espiritual, eu não posso perder essas duas dimensões, a espiritual e a pastoral. Então, ao mesmo tempo em que eu tenho que dar um suporte, um ânimo para colocar a pessoa em pé, mesmo apesar do clima, do desânimo, desemprego e tal, eu tenho que ter essa parte pastoral. Porque uma coisa tá ligada à outra, não tem como desvincular. Então a igreja, ela vai, com acertos e erros, ela vai tentando fazer isso, e aqui é muito mais real essa situação de ajuda mesmo. Talvez no Brasil, menos, porque nós temos os pobres lá daquela rua que a igreja assiste aquela família, e tal, mas é localizado, aqui não [Padre].

Sabendo disso, o padre durante as missas posicionava-se claramente como um pai para todos, buscando dar esse suporte espiritual comunitário que a grande maioria ali procurava. Confesso que fiquei surpreso com a maneira como a missa era conduzida, parecia um culto de igrejas evangélicas que eu havia visitado no Brasil; o padre sabia o nome de todo mundo, dialogava com as pessoas durante a missa, chamando todos pelo nome. Após a leitura do evangelho, dava exemplos do dia a dia de um migrante para ilustrar a palavra de Deus. Além disso, todo final de missa convidava as pessoas que lá se encontravam pela primeira vez para irem até a frente do altar e se apresentarem, dizer de onde veio, quanto tempo estava em Londres, se já havia conseguido trabalho ou não.

Assim como Martes via uma postura paternalista nos pastores evangélicos de Massachussets, o mesmo acontecia naquela igreja católica de Londres, e isso era um dos fatores que faziam com que Max não deixasse de ir à igreja.

Cara, eu gosto desse Padre. Ele é gente boa *pra caramba*. Esses dias a gente veio para a missa aqui, entrou outro Padre que veio do Brasil, e ele veio rezar uma missa aqui. Eu falei “Ué? Cadê o outro? Ah não, gosto mais do outro Padre! Quero o outro Padre de volta”. Porque ele sabe mais a realidade nossa aqui. Então, você se identifica mais. Você se sente mais à vontade. Ele sabe os problemas que a gente tem aqui, ele sabe pelo que a gente passa, o que não passa. Ele sabe quais que são os macetes... Porque ele vai visitar muita gente na cadeia e tal [Max].

Como os deslocamentos populacionais muitas vezes envolvem esse sentimento de perda e desamparo, muitos começam a frequentar a igreja para terem um espaço de proteção e socialização. Sendo assim, os desamparados passam a ser o seu público alvo (MARTES, 1999).

Além da hora do cafezinho, muitos dos que frequentavam a missa participavam de grupos, durante a semana. Tais grupos tinham como objetivo manter esse vínculo comunitário, mais intenso. A Jéssica, por exemplo, participava de dois grupos diferentes. Lembro-me de que um dia após a missa, o pessoal responsável por esses grupos deram a notícia de que haveria uma festa no sábado seguinte, para comemorar o *Valentine's Day*, o dia dos namorados, na Inglaterra. Nessa ocasião, os organizadores convidavam a todos para celebrar o “Dia dos Namorados”, com seus respectivos parceiros, e aqueles que estivessem solteiros também deveriam ir para aproveitar a ocasião e arrumar um companheiro de confiança, um companheiro de fé.

Além desse papel da igreja, como um lugar que proporciona segurança e proteção “espiritual”, há também o papel da ajuda material, como já foi dito, o ato de solidariedade. O padre esclareceu que ele e outro sacerdote, de uma outra comunidade, dividem as funções de ajuda “material”. Ele fica mais responsável por dar suporte às pessoas que são presas e têm problema com a polícia. O outro, mais responsável por arrumar-lhes trabalho e ajuda médica. Porém, disse que essa divisão foi acontecendo naturalmente, porque ele também ajudava na busca de emprego para as pessoas. Vi isso acontecer. Ao final da missa o padre anunciava que os frequentadores da igreja haviam-lhe passado alguns contatos para trabalho, e as pessoas que precisassem deveriam ir falar com ele logo após.

Quando conversei com o padre, perguntei se frequentemente as pessoas iam lá e ofereciam trabalho sem querer nada em troca. Respondeu que já houve muitos casos de pessoas que não repassavam a informação, de graça, não eram solidárias e queriam ganhar algum dinheiro por isso. Porém, havia combatido essa postura e não escutava mais dizer que acontecia esse tipo de coisa, por ali⁴⁸.

No mesmo dia em que tive essa conversa com o padre, (foi interessante porque falei com ele antes da celebração), coincidentemente, quando fomos assistir à missa, na liturgia da palavra - parte da missa quando a palavra de Deus é lida aos fiéis – dizia-se exatamente sobre solidariedade. Era uma leitura do Livro do Profeta Isaías (Is 58,7 -10). Assim era a leitura:

⁴⁸ Nas igrejas em Massachussets, Martes também presenciou situação semelhante, quando um padre combateu a venda de postos de trabalho tentando controlar o repasse de informação através de uma lista que criou, na qual o trabalho era passado de acordo com a ordem de inscrição. Sales (1999b) também presenciou uma campanha, numa tentativa de acabar com essa prática não cristã de venda de postos de trabalho na paróquia de São Tarcisio, em Boston/EUA.

“Assim diz o senhor: Repasse o pão com o faminto, acolhe em casa os pobres e peregrinos. Quando encontrares um nu, cobre-o, e não desprezes a tua carne. Então brilhará tua luz como a aurora e tua saúde há de recuperar-se mais depressa; a frente caminhará a tua justiça e a glória do senhor te seguirá. Então invocarás o senhor, e ele te atenderá, pedirá socorro, e ele dirá: ‘Eis-me aqui’, se destruíres teus instrumentos de opressão, e deixares os hábitos autoritários, e a linguagem; se acolheres de coração aberto ao indigente, e prestares todo o socorro ao necessitado, nascerá nas trevas a tua luz, e tua vida obscura será como o meio dia” [Folheto da missa entregue aos fiéis].

Após, o padre entrou na questão do ganhar dinheiro explorando os necessitados, dos que “vendem” informações sobre trabalho para aqueles que necessitam de ajuda. Tentam ganhar dinheiro explorando os que já não possuem nada. Essa falta de solidariedade é considerada algo negativo naquela igreja, mas nem sempre as demais tratam da mesma forma a questão.

A pesquisa de Martes demonstra algo interessante a respeito da venda de postos de trabalho. De acordo com ela, enquanto os padres católicos condenam a falta de solidariedade, alguns pastores de igrejas protestantes já são mais flexíveis e às vezes até incentivam essa venda. Isso acontece, de acordo com Martes, devido ao fato de as igrejas evangélicas possuírem um discurso e uma prática religiosa de exortação ao trabalho e incentivo à ascensão socioeconômica. Essa valorização da ascensão econômica também foi verificada em uma igreja que Bernardo, passou a frequentar.

Certa vez saí à noite com Max, Jéssica e Bernardo, fomos até um *pub* que havia no bairro onde moravam. Quando lá chegamos, vimos um grupo de brasileiros, sentados todos juntos em um sofá. Como havia algumas garotas, Bernardo aproximou-se para conversar. Todos daquele grupo frequentavam uma igreja evangélica e haviam acabado de sair de um culto. Bernardo se interessou por uma das garotas, mas como ela disse que eles só saíam com frequentadores da igreja, ele passou a frequentá-la. Bernardo dizia que fora até lá somente para conquistar a garota. Inicialmente, o que presenciou por lá vinha de encontro com suas ideias a respeito de igrejas: só falavam em trabalhar, ganhar dinheiro e ajudar a igreja. Com o tempo, entretanto, passou a sentir também um lado positivo: todos se ajudavam e sabiam seu nome, o que fazia com que se sentisse como parte de algo.

Cheguei lá na igreja a primeira vez e tinha dois caras recebendo quem chegava. O cara virou e falou: “É seu primeiro dia aqui?” Eu falei: “É. Então, conheci umas meninas e elas falaram para eu vir aqui”. Eles me

deram um papel e mandaram eu entrar. A hora que eu abri a porta, todo mundo olhou para mim. Eu fiquei na minha. Fiquei lá atrás, quietinho. As meninas me chamaram para sentar com elas, eu fui e fiquei dividindo a bíblia com elas, e o pastor só de olho. Até aí beleza, os caras só falavam de dinheiro, e trabalho, ainda uma hora o pastor virou e falou assim: “Oh, hoje eu não vim com a minha Mercedes”. E o povo: “Ó”. “Também eu não vim de ônibus”. E o povo: “Ó”. “Também não vim de trem”. “Mas também não vim voando”. Todo mundo: “hahaha” (risadas)! O cara era bom, tava entretendo todo mundo contando a história lá... Ele falou: “Eu vim andando de casa até aqui, e vocês sabem quantas dessas moedinhas que vocês jogam fora, que vocês odeiam ficar carregando, eu juntei? Mais de 1,00 *pound* (libra). Então, a partir de hoje vocês vão depositar suas moedinhas naquele pote ali da entrada que a gente vai reformar nossa igreja”. Nisso eu já falei: “Ah sabia, o negócio aqui é só dinheiro mesmo”. Mas depois ele começou a chamar todo mundo pelo nome, a contar os problemas das pessoas, e dizer que eles têm um programa lá que se chama *Feeding* alguma coisa, que toda semana eles ajudam as pessoas que precisam. Cara, eles ajudam você desde o momento que você chega aqui, te dão tudo, casa, trabalho, comida, até documento, *se pá* (talvez), eles arrumam. Ainda depois no final do culto ele me chamou lá na frente, me chamou pelo meu nome já, porque eu tinha preenchido um papel no começo. Ele me chamou lá fez todo mundo olhar para mim e agradecer por eu estar lá. Depois nos outros dias, eu chego lá, tem uma lanchonete que vende coxinha e tal, eu desço lá e o povo vem, me chama pelo meu nome, me agradece por estar lá, e me abraçam. No começo eu assustava porque o pastor virou e falou: “Me dá um abraço, Bernardo?”, e eu: “Tá bom”. Depois todo mundo vem e te abraça quando te vê [Bernardo].

Mesmo tendo ido a igreja por causa do interesse pela garota, e depois ter percebido que só se falava em trabalhar e dar dinheiro à igreja, Bernardo disse que se sentia bem em ir até lá, porque as pessoas o chamavam pelo nome, o abraçavam e demonstravam interesse em sua pessoa. Além disso, o fato de a igreja ajudar todos a subir na vida era algo que também o fazia sentir-se bem.

Dessa forma, tanto no caso de Bernardo, como no de Max, é possível perceber que alguns brasileiros em Londres, assim como os estudados por Martes, em Massachussets, procuram a igreja em um momento de solidão, e buscam um ambiente de proteção, segurança e confiança, onde podem se socializar. Como consequência, a própria opção religiosa é explicada pelas ligações de amizades e familiares, mais do que pelos princípios doutrinários de cada uma (MARTES, 1999).

Quando frequentei a igreja, recordo-me de que, na hora da oração, as pessoas liam-na no jornalzinho que continha organizados os atos da missa. Eu havia feito catecismo quando tinha dez anos de idade e ainda me recordava das rezas, não precisava ler o jornalzinho. Como muitos ali eram jovens, acredito que boa parte deles não frequentava a igreja no Brasil, eram

como Max, passaram a frequentá-la em Londres, buscando preencher esse sentimento de solidão. Entrevistei poucas pessoas que frequentavam aquela igreja, portanto, isso não é algo que possa afirmar com muita propriedade, mas os poucos com quem conversei, tinham ido à igreja por uma situação semelhante à de Max, para procurar um lugar de segurança, proteção e confiança, em um contexto marcado pela insegurança e falta de solidariedade.

Para Martes, é dentro deste contexto que as igrejas ganham força. Uma vez que a comunidade brasileira possui uma visão negativa de si própria, pouco fraternal e altamente competitiva, as igrejas aparecem como um local seguro e solidário. Aqueles brasileiros que ali estão são de confiança⁴⁹. Até porque a igreja é um ambiente que reproduz um controle social, e é nesses locais que a confiança e a solidariedade possuem mais chances de se reproduzirem.

Quando perguntei ao padre a respeito dessa falta de confiança entre os brasileiros, ele também afirmou que não só existe essa ideia de o brasileiro ter mau caráter como também há uma distinção feita entre os brasileiros, em Londres, por questão regional. Isso tende a diminuir dentro da igreja, mas fora dela a distinção continua.

Então, é interessante isso. As pessoas generalizam muito. Há aqueles que falam assim: “Ah, não quero contato com brasileiros, não. Mas é um número muito pequeno que nos decepciona, não pode generalizar. Que nem, vou falar mal de muçulmano, tem o bairro todo muçulmano; tem aquele que joga lixo na rua, tem; é claro que tem aquele que me insulta se me vê de clero. O padre Flávio, você não conheceu, ele apanhou aí na rua, de uns muçulmanos, ele tava de batina. Agora eu não posso generalizar. O nordestino, não são todos eles que... né? Paulista, nem todo paulista é trabalhador. Não é isso, é mentira. Mas tem esse preconceito aqui, sim, só que eu acho que aqui dentro da comunidade, por causa dos grupos que nós temos, por causa da comunidade e a convivência que temos, ele vai caindo. Mas nas ruas ele continua existindo. O preconceito com o goiano e mineiro, principalmente, é muito forte aqui [Padre].

É interessante notar como essa ideia do goiano, como aquele que passa a ser o brasileiro “inferior”, ganha força entre os brasileiros e acaba sendo interiorizada (a ideia) por todos, minimamente. Durante essa mesma conversa, minutos antes de entrarmos na questão do preconceito, o padre havia feito uma piada dizendo que a “goianada” havia lhe dado sossego no início do ano, pois não teve que ajudar ninguém na cadeia.

⁴⁹ Em Massachussets, os brasileiros também possuem uma visão negativa dos brasileiros que vivem por lá. Há um discurso constante de baixo grau de confiança e solidariedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi demonstrado já na primeira parte deste trabalho, os brasileiros que migram para Londres não fogem muito do perfil daqueles que se encontram em outros países desenvolvidos, por aí a fora. São teoricamente qualificados, e lá exercem funções distintas das que costumavam realizar no Brasil, e em condições precárias; pessoas trabalhando oitenta horas semanais, sem qualquer forma de proteção social; trabalhadores utilizando drogas para poder trabalhar mais, porque no trabalho casual você recebe por hora trabalhada, e quanto mais horas “fizer” mais receberá; jovens que se candidatam a cobaias das indústrias farmacêuticas, pagos para usarem novos medicamentos, desde que assumam as responsabilidades por possíveis danos, e acabam por prejudicar sua saúde; trabalhadores, que, dada sua condição de ilegais, são obrigados a se sujeitarem a todos os tipos de trabalho. Ou seja, eles não fugiriam muito da imagem daquele trabalhador migrante, que, na busca por trabalho, desloca-se pelo mundo desenvolvendo as mais diversas atividades, pesadas e mal pagas, e tudo isso resultado das desigualdades econômicas existentes em âmbito global.

Porém, a utilização das trajetórias de vida e a experiência como um trabalhador migrante em Londres permitiram fazer algumas constatações empíricas que colocaram em cheque mesmo o meu posicionamento teórico inicial. Assim como muitos, sempre tive em meu imaginário a ideia do migrante como sendo o trabalhador pobre que migra para um local mais rico em busca de melhores condições de trabalho e emprego. Fazendo inicialmente um levantamento bibliográfico acerca dos fluxos globais também me prendi a esse posicionamento do migrante econômico. Contudo, as minhas experiências enquanto migrante e todo o meu caderno de campo estavam apontando para algo que ia além da questão do emprego (não que esse não seja de fato importante).

Por mais que esses brasileiros tenham saído de um país em desenvolvimento para migrar para um país desenvolvido, como a Inglaterra, e lá realizarem os mais diversos tipos de trabalho considerados desqualificados e não realizados pela população local, há diferentes “tipos” de brasileiros realizando esses serviços, e que nesse caso, serviriam para manter diferentes estilos de vida que estão sendo negociados e resignificados a todo o momento. E, mesmo o seu significado (do trabalho) possui diferentes sentidos para aqueles que o realizam (*cleaners, waiters*, garotas de programa, etc).

Além disso, as razões para migrar não são as mesmas, e nem sempre se resumem à questão econômica, até porque dinâmicas familiares de geração, de gênero, de classe, de raça estão diretamente vinculadas aos processos migratórios, tanto em relação aos motivos que fizeram com que o indivíduo migrasse, quanto à forma como se desenvolve cada percurso migratório individual.

Entretanto, quando se analisa a vida desses migrantes e a maneira como eles vivem no país receptor, também é possível enxergar as desigualdades que esses deslocamentos produzem e reproduzem a medida em que constituem um mundo global. Essas desigualdades são percebidas já quando esses indivíduos decidem migrar, ou seja, são as diferenças sociais (raça, etnia, região de origem, gênero, sexualidade, etc) e econômicas que definem o grau de desejo/desespero/necessidade para se deslocar. Essas mesmas diferenças, aliadas a outras, como, por exemplo, o fato de se possuir documento ou não, também vão influenciar no modo como esses migrantes entram e vivem no novo país, possibilitando uma maior ou menor mobilidade a eles.

Outra constatação revelada pelo campo é que, de fato, as redes de sociabilidade são fundamentais nesses deslocamentos, já que a maioria recebeu ajuda de pessoas conhecidas para realizar o processo migratório e também para se adaptar ao novo país. O contato social é a fonte principal de informações sobre trabalho, porém, devido à situação de ilegalidade, muitos acabam sendo explorados pelos seus próprios conterrâneos, que se utilizam da “rede étnica”, no caso a brasileira, para conseguir trabalhadores que recebem menos que o mínimo exigido no país e realizam extensas jornadas de trabalho pesado, sem reclamar. “Reclamar” pode significar denúncia de ilegalidade e extradição. Situação similar à em que se encontra a maioria dos imigrantes nas suas redes étnicas, em países receptores, como, por exemplo, coreanos, bolivianos, judeus, sírios e libaneses, no Brasil; brasileiros, na Inglaterra; latino-americanos, nos Estados Unidos, etc (LIMA e MARTINS JR, 2012 ; TRUZZI e SACOMANO NETO, 2007.).

Isto posto, como Knowles e Harper (2009) também perceberam em seu trabalho com imigrantes ingleses e filipinos em Hong Kong, verificou-se que, em um mundo em movimento, não é suficiente saber que as pessoas se movem de um lugar para o outro criando conexões sociais para auxiliá-las, mas também é necessário saber como esses migrantes vivem essas rotinas de mobilidade, de longa e curta durações, em seu dia a dia. Necessário também é saber como esses laços sociais são utilizados e negociados por eles.

Como demonstrado várias vezes nesse trabalho, também é importante considerar que nem sempre é o princípio da solidariedade que norteia e une esses laços. Muitas vezes há, de certa forma, um cálculo racional no momento em que um “estabelecido” insere outro em um local. Existe a expectativa de que o inserido corresponda às necessidades daquela “rede”, o que trará ganhos também para quem o inseriu. Além disso, em vários casos, o princípio da confiança, que é o que constituiria os elos dentro da rede, também funciona como controle social: o sujeito precisa se auto-controlar a todo o momento para não haver uma quebra na confiança daquele que o inseriu e, em se tratando especificamente das empresas, esse auto-controle é apropriado pelos *managers* no dia a dia de trabalho. Com isso, a rede ganha um caráter não só de integração, mas também de controle e exclusão, uma vez que os de fora, ou que já foram inseridos uma vez e quebraram a *confiança*, praticamente deixam de existir socialmente para aqueles com os quais se relacionou anteriormente.

Outro ponto interessante diz respeito ao constante processo de reflexão e reavaliação acerca dos objetivos de vida pelos quais esses imigrantes estão passando. Isso faz com que suas vidas sejam marcadas por uma temporariedade permanente. Quando se analisa o caso das trajetórias de Max, Guilherme e Bernardo, ou seja, daqueles que teoricamente se encaixariam na imagem do migrante econômico, o que migrou para trabalhar, acumular e retornar – já levando em consideração que Max inicialmente migrou para estudar e depois, na segunda vez, para ter uma vida centrada no trabalho – nota-se que após um período em Londres, estes imigrantes passaram a reformular suas práticas cotidianas. Em muitos casos, o objetivo inicial de migrar para trabalhar e acumular perdeu a importância central em suas vidas e outras necessidades pessoais ganharam destaque, fazendo com que aquela ideia inicial do retorno breve fosse deixada para segundo plano. Como consequência, a questão da temporariedade ganha um peso grande. Muitos dos entrevistados relataram que a maioria dos brasileiros chega à capital inglesa com o objetivo de ter uma permanência temporária, até porque só conseguem vistos temporários. Todavia, o que se verificou foi: a grande maioria destes trabalhadores provisórios acaba ficando mais do que o tempo previsto, sem saber dizer ao certo quando retornarão ao Brasil. Dessa forma, deixam de tentar planejar o futuro, vivendo cada dia de uma vez, tendo a temporariedade como algo presente em suas vidas, o que resulta em uma limitação nos investimentos sentimentais e sociais, pois que uma vida temporária e fluída é constituída por conexões sociais não profundas (Knowles, 2003). Não é por menos que muitos - como Aline, Priscila, Max e Guilherme – reclamam da solidão e apontam a

dificuldade para se fazer “amigos de verdade”, como uma das maiores dificuldades em Londres, ao lado da questão climática.

Conforme estudos migratórios demonstram, esse fator de constante negociação dos objetivos de vida e a existência de uma vida flexível sem muitos planos para o futuro, fazem com que a distinção criada entre migrantes temporários e “permanentes” seja algo bastante vago. Margolis (1994) em seu estudo sobre brasileiros em Nova York, por exemplo, demonstra que a idéia do retorno estava sempre presente não apenas entre aqueles que foram com o claro propósito de trabalhar por um período estipulado; mas também entre aqueles que já atravessaram o tempo estimado e alcançaram as metas planejadas. Assim, começam o processo de *settlement*, ou seja, de fixação. Em outras palavras, o ato de migrar passa a ser reformulado a todo instante pelo migrante e, por mais que a ideia do retorno seja algo sempre presente, muitos estão comprando bens que indicam uma situação de fixação. Como no caso de Aline que comprava móveis mesmo quando dizia ir embora logo; ou Priscila, pagando um advogado para garantir mais cinco anos na Inglaterra, quando dizia não pretender ficar nem mais um.

Sales (1999b) ao trabalhar com brasileiros em Boston encontra situação semelhante, e afirma que esses indivíduos passam por um processo de redefinição do projeto de vida, uma vez que migraram inicialmente com a intenção de retornar em um período de tempo curto. Depois acabam redefinindo suas situações e passam a trabalhar com a perspectiva de ficarem nos EUA por mais tempo, mas, evidente, sempre mantendo a ideia do retorno presente, até porque, como afirma Sayad (1998), o retorno é algo constituinte do migrante, mesmo que ele nunca venha a retornar de fato. Knowles e Harper (2003) também colocam a ideia do retorno como uma característica da vida migrante. Ficar por mais tempo significa estar permanentemente pronto para partir, Ou seja, manter a ideia do retorno sempre presente, é também uma maneira de ficar.

Portanto, assim como nos casos apresentados acima, os brasileiros em Londres também estão em um constante processo de negociação e reconstrução de seus objetivos, a partir do momento em que chegam à cidade. Quando realizamos uma análise micro, principalmente traçando as trajetórias daqueles que se enquadram no “tipo ideal” do trabalhador imigrante, marcado pela tríade migrar-acumular-retornar, tão presente no discurso da mídia e no imaginário das pessoas em geral, percebe-se que essa reconstrução de objetivos e estilos de vida é algo presente em várias trajetórias, o que escapa se se ficar preso apenas às

análises que traçam o imigrante como um sujeito atrás de trabalho. Até porque, como foi observado, estudante pode vir a ter uma vida de trabalhador e um trabalhador mais tarde pode ter a vida de um estudante.

Outro ponto interessante para se refletir, aqui, está ligado à questão da dedicação e ânsia por trabalhar, principalmente nos primeiros anos, fato que torna esses “corpos migrantes” em simples mercadoria, independente dos motivos que fizeram com que se deslocassem para Londres. Como foi verificado nas trajetórias, seja com o objetivo de acumular dinheiro, ou de utilizar esse dinheiro para renovar um visto que garanta uma vida com certa “liberdade” em Londres, ou para comprar todos os produtos eletrônicos, viagens, e acesso a uma vida cultural, esses imigrantes, que migram por diferentes razões e possuem diferentes estilos de vida, inicialmente acabam entrando nessa lógica de trabalhar o máximo que puderem e aproveitar essa nova vida ao extremo, mesmo para aqueles que não tinham como objetivo ter uma vida centrada no trabalho, como no meu caso e no das três mulheres aqui apresentados.

Inicialmente, pelo que se percebe, parece haver a formação e a incorporação de um “*ethos do migrante*”, uma vez que inseridos nesse novo espaço, os indivíduos incorporam esses valores de “vida de migrante” e se embebedam de tal lógica. Seria a incorporação da *cultura do migrante* como forma de sociabilidade, onde não só o trabalho duro é um dos fatores que a compõem, mas a ideia de vida imediatista, consumo, mobilidade, acesso a bens e serviços (bens materiais e simbólicos, como serviços públicos de boa qualidade, viagens, novas formas de sociabilidade a todo o momento, a chamada “experiência de vida ou vontade de ver o mundo”), entre outros aspectos que compõem as respostas desse grupo quando questionados sobre o porquê de estarem em Londres (EVANS et al, 2010 ; Cwerner, 2002).

É interessante notar que, embora a questão de classe, gênero, raça e até mesmo o capital social possam ser diferenciais, tanto na entrada quanto durante a permanência desses indivíduos nesse novo local, como já foi dito no início deste trabalho, há uma intersecção de experiências que perpassam todo imigrante recém-chegado (FRANGELLA, 2010). E como foi verificado até então, o “trabalhar duro”, para manter o estilo de vida que eles se propõem a viver, é uma dessas experiências iniciais.

Dessa forma, principalmente durante o primeiro ano, há um encantamento muito forte com o estilo de vida que se pode ter em Londres, e o trabalhar pesado faz parte dos valores e da lógica social presente nessa “nova” forma de sociabilidade que esses indivíduos passam a

vivenciar no início. Quando fiquei doente, por exemplo, depois de alguns meses trabalhando sem descanso, passei a refletir sobre a questão do trabalho temporário, ou casual, que realizava em Londres, e como o meu corpo nada mais era do que uma mercadoria.

Nesse sentido, quando estava levando uma vida migrante, as duas únicas diferenciações que conseguia fazer entre as garotas que “faziam programa” na capital inglesa e mim, era: elas recebiam mais pelo tempo em que deixavam seu corpo ao uso de alguém, e a questão valorativa que recai sobre elas pela maneira como fazem o trabalho. Porém, se a questão moral for deixada de lado, tudo isso se trata da mesma situação, a utilização de um corpo por outrem, dentro de um dado tempo, com um valor pré-estipulado. E, muito provavelmente, com o tempo, este corpo já não servirá para os propósitos daqueles que o contrataram. É exatamente neste momento que a devoção inicial pelo trabalhar duro passa a diminuir, já que os corpos podem não aguentar mais tanto esforço.

Já em relação às convivências “intra-comunitárias”, a partir das vivências por mim experimentadas, percebi que a cultura do vencedor é constituinte daquele que migra, e este precisa a todo o momento manter um certo status para dois grupos distintos: para aqueles com os quais convive em Londres, e para aqueles que ficaram no Brasil. Entre os primeiros, o status e a distinção vêm através do consumo, do trabalho que se exerce, dos estrangeiros com quem se relacionam etc. Já para os segundos, como eles estão separados espacialmente, as redes sociais funcionam como janela para dar essa “visibilidade à vida de sucesso”, através da postagem de fotos de viagens, de bens adquiridos, frequência a boates etc.

Também foi possível perceber que de fato surgem entre esses imigrantes novas formas de diferenciação, utilizadas como maneira de se distinguir e se justificar socialmente dentro do novo contexto. Em um primeiro momento parece existir um sentimento de pertencimento e integração na “comunidade brasileira”. Os recém-chegados sempre ficam maravilhados quando escutam brasileiros falando português na rua e têm orgulho de dizer que são brasileiros. Contudo, com o passar do tempo, a grande maioria muda seu discurso e começa a ter uma imagem negativa do brasileiro imigrante, iniciando um segundo processo de diferenciação e hierarquização dentro das “comunidades brasileiras”. Em um nível macro, a criação de um “outro brasileiro”, sujo moralmente, materializa-se na figura do goiano. Em um plano micro, o contexto muitas vezes vai ditar qual característica será utilizada para hierarquizar uma relação: cor, raça, etnia, regionalismo.

A partir dos conflitos e das falas analisadas, percebe-se que no Brasil há uma estrutura de dominação pré-estabelecida, na qual “cada um tem o seu lugar”, e as situações e posições sociais parecem ser naturalizadas devido ao tempo em que estas vêm se reproduzindo ao longo da história. Quando esses brasileiros deixam o país para levar uma vida como imigrantes, pelo menos inicialmente, passam a conviver em um mesmo estrato social. Ou seja, brasileiros brancos e de classe média, passam a conviver com negros, “baianos”, “goianos” e “paraibas” com um mesmo status social, se não inferior, quando pessoas que possuem tais “estigmas” no Brasil ocupam cargos ou posições superiores no trabalho em Londres. Até porque, para o inglês, todos são racializados, todos são imigrantes, mestiços; não importa para eles se no Brasil é paulista ou carioca, e se considere branco; nos casos de “trabalho de imigrante”, um dos principais atributos que se relaciona com um maior nível hierárquico alcançado pela inserção ocupacional é o conhecimento da língua local (FUSCO, 2007) e não a raça, por exemplo.

Sendo assim, uma negra, “paraíba”, que está no país há mais tempo, e domina o idioma local, tem mais chance de um cargo superior do que uma carioca recém-chegada que não fala a língua. Nesse caso, “o preto acha que é gente”, pois o preto no Brasil tem e “conhece” seu lugar de subordinado, invisível; já em Londres, ele é alguém entre seus pares, é gente, é visível, e isso incomoda aqueles que não estavam acostumados a serem submissos no ambiente de trabalho, como no caso de Rose, subordinada aos negros, “baianos”, “paraibas” etc.

É neste momento de contraste e quebra de hierarquia que o preconceito e a discriminação vêm à tona e frases preconceituosas aparecem, e todo o discurso de uma democracia racial brasileira deixa de ser válido. No momento em que a hierarquia é rompida, esta precisa ser reafirmada por aqueles que possuíam a posição hegemônica anteriormente. Para tal, os sujeitos passam a se utilizar de marcadores de identidade, ou categorias de articulação - raça, etnia, gênero, classe, etc – (PISCITELI, 2008) constituídos, inicialmente, a partir da realidade social brasileira, como maneira de se distinguir socialmente em um contexto onde os status que lhes “protegiam e distinguem” passam a ser re-significados.

Esses marcadores não existem isolados uns dos outros, essas categorias existem em e por meio das relações entre elas, são categorias articuladas, ou interseccionadas (BRAH, 2006; MCKLINTOCK, 1992;1995 apud PISCITELI, 2008). Porém, de acordo com o contexto, uma categoria pode se sobressair no momento de marcar a diferença. É também

importante ressaltar que diferença nem sempre remete a desigualdade e discriminação, mas em determinados contextos esses marcadores de identidade podem ser utilizados como meio de hierarquizar uma relação.

Portanto, partindo do pressuposto de que os indivíduos, liberados de vínculos históricos que os prendiam em uma posição social no passado, passam agora a desejar distinguir-se uns dos outros (SIMMEL, 1987 ; BOURDIEU 2007), eles podem vir a “manipular” suas identidades múltiplas (HALL, 2006)⁵⁰ e seus capitais, como forma de se diferenciar entre si dentro de um novo contexto, principalmente quando uma hierarquia é rompida. Quando isso acontece, parece que o que Hall (idem) chama de “jogo das identidades” seria apropriado como um “*jogo da diferenciação*”, com as identidades funcionando como um recurso que pode ser utilizado dentro da interação, como maneira de se diferenciar e se distinguir socialmente. Até porque, mesmo relações sociais muito próximas negociam hierarquias e pequenas diferenciações (KNOWLES e HAPER, 2009).

Portanto, em um nível micro esses sujeitos estão em vários momentos negociando e manipulando diferentes marcadores identitários como forma de hierarquizar e se distinguir dentro de uma relação. As identidades passam a funcionar como mais um capital simbólico criando essas clivagens dentro da interação; essas categorias – raça, etnicidade, gênero etc - pertencem à ordem simbólica e são criadas e resignificadas dentro da interação. Assim sendo, esses símbolos são flexíveis e podem ser manipulados para estabelecer “superiores” e “inferiores”, de acordo com o contexto (MARTES, 2003).

Em um contexto de migração esses conflitos ficam mais evidentes, pois, como afirma Knowles e Harper (2009), a migração circula à superfície operacional de raça e etnia em todo o mundo, e dentro de um novo contexto social essas categorias se recombinaem com outras que também são importantes para se pensar e categorizar os sujeitos, como nacionalidade, classe, idade, gênero. Elas ganham novas formas e significados em novos contextos, e isso acontece porque o ato de migrar proporciona uma exposição da diferença na proximidade; os indivíduos que migram se fixam nos novos lugares com os corpos e práticas sociais de seu país de origem, as quais tomam novas formas e significados na sociedade receptora.

⁵⁰ Para Hall as rápidas mudanças econômicas, culturais e políticas que modificaram as sociedades capitalistas a partir da década de 60 – e se intensificaram na década de 80 e 90 com as revoluções tecnológicas –, modificaram também a configuração do próprio sujeito, surgindo agora o que Hall chama de sujeito pós-moderno, constituído por múltiplas identidades que este passa a se recorrer em um “jogo das identidades”, mesmo que estas possam ser contraditórias.

Embora raça, classe e etnia não sejam objetos, elas podem ser aplicadas como um arranjo de objetos, pois são formas de pensar, categorizar, e organizar pessoas que fazem a “diferença”, incluindo uns e excluindo outros, proporcionando ganhos para alguns e criando barreiras a outros. O fato de alguém não ser considerado como um “goiano” em Londres, por exemplo, trará ganhos por parte daqueles que o têm como membro do grupo dos “brasileiros moralmente superiores”. Se “você” compartilha da honra étnica do grupo, e é alguém de confiança, a “comunidade” cuidará de você.

Essa é uma situação que merece mais atenção nos estudos sobre emigração brasileira e identidade, mesmo ainda no caso de Londres. Seria interessante trabalhar melhor a questão sobre quais elementos fazem com que esses indivíduos possuam uma imagem tão negativa do brasileiro em Londres, especialmente do goiano; além de tentar compreender por que essa imagem do brasileiro “sujo” moralmente se materializa na figura do goiano, buscando perceber melhor a visão que essa “minoridade” tem sobre o assunto, e como percebem e convivem com essa estigmatização.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTÍN, L., La industria del sexo, los migrantes y la familia europea, **Cadernos Pagu** nº25, julho-dezembro, 2005.

ASSIS, G. **Estar aqui, estar lá...uma cartografia da vida em dois lugares**. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, UFSC. 1995.

_____. **Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos - Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP**, jun.2002.

_____. De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: MARTES, A. C B., FLEISCHER, S. (Orgs.) **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 199-230

ASSIS, G.; CAMPOS, E; SIQUEIRA, S. As redes sociais na configuração da migração internacional para os Estados Unidos. In: **34 anual da ANPOCS, 2010, Caxambu (MG). anais do 34 anual da ANPOCS**. São Paulo : Editora ANPOCS, 2010. v. 1. p. 1-25.

ASSUNÇÃO, V. K. . Brasileiros em Boston: as mudanças no cenário da oferta de alimentos e o fluxo transnacional de produtos nas redes sociais. In: **34 Encontro Anual da ANPOCS, 2010, Caxambu. Anais do 34 Encontro Anual da ANPOCS, 2010**.

ALMEIDA, J.; MIRANDA, M. O uso de pronomes de primeira pessoa em artigos acadêmicos: uma abordagem baseada em corpus. **Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos**, v. 13, n. 2, p. 68-83, 2009.

ALVES, M. **Como escrever teses e monografias - um roteiro passo a passo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BECK, U; GIDDENS, A.; LASH, S. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Oeiras: Celta Editora, 2000.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOLTANSKI, L. ; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**, Porto Alegre, Editora Zouk, 2007.

BRAH, A. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2006.

BRIGGS, X. Bridging networks, social capital and racial segregation. In **America. Cambridge: KSG Faculty Research Working Paper Series**, 2003.

CWERNER, S. 2002 The times of migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 27(1): 7-36- 2002.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. **The age of migration: international population movements in the modern world**. Palgrave MacMillian, New York, 2003

CLASTRES, P. Da tortura nas sociedades primitivas. In: **A sociedade contra o Estado**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

COSTA, F. B. **Homens Invisíveis: Relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Globo, 2004.

DA MATTA, R. **Casa & rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: vozes, 1994.

DIAS, G. T. Casa de brasileiros em Londres: a importância da casa para os imigrantes brasileiros” In. **Travessia- Revista do Migrante** – Publicação do CEM – Ano XXIII, no66, Janeiro-Junho, 2010.

_____. **O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: a importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade**. Ponto Urbe, no 3, versão 4.0, julho de 2009.

DURHAM, E.R. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. 3º ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ELIAS, N; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

EVANS, Y. WILLS, J. DATTA, K. HERBERT, J. McILWAINE, C. MAY. J. ARAÚJO, J.O. FRANÇA, A.C. FRANÇA, A.P. **Brasileiros em Londres: relatório para a campanha De Estrangeiros a Cidadãos**, London: Department of Geography, Queen Mary, University of London, 2007

FERNANDES, D. M. e RIGOTTI, J. I. R. Os Brasileiros na Europa: notas introdutórias. Texto apresentado no **Seminário “Brasileiros no Mundo”**, realizado em 17 e 18 de julho no Palácio do Itamarati, Rio de Janeiro, 2008.

FLEISCHER, S. R. **Passando a América a limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts**. S.Paulo, Annablume, 2002.

FRANGELLA, S. O Made in Brasil em Londres: migração e os bens culturais. In. **Travessia-Revista do Migrante** – Publicação do CEM – Ano XXIII, no66, Janeiro-Junho, 2010.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. São Paulo-SP: Editora Global, 2003.

FOCOSI, R. M. **Caminhoneiros: trabalho precário e comportamento de risco**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, 2009.

FUSCO, W. ,Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares. In: **Textos Nepo**, Unicamp, n. 40. Campinas. 2002.

_____. Capital Social e Dinâmica Migratória: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos. **Textos Nepo**, Unicamp, v. 52, Campinas, 2007.

GOZA, F. A imigração brasileira para a América do Norte. **Revista Brasileira de estudos de população**. v.9 n.1 jan./jul. 1992.

GOZA, F. Redes sociais e a integração de brasileiros no Canadá e nos Estados Unidos. In: Ana Cristina Braga Martes and Soraya Fleischer (Orgs.) **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra. 2003, p.263-288.

GRANOVETTER, M. Ação Econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAI-eletrônica**.v.6,n.1,art 9, jan/jun. 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26a edição. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KNOWLES, C. **Race and Social Analysis**. London. Sage, 2003.

KNOWLES, C; HARPER, D. **Hong Kong: Migrant lives, Landscapes, and Journeys**. Chicago Press, 2009.

KNOWLES, C; ALEXANDER, C. **Making Race Matter: bodies, space and identity**. Palgrave Macmillan, 2005.

LAHIRE, B. **Retratos Sociológicos. Disposições e Variações Individuais**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

LASCH, C. **O Mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

LIGHT, I. ; GOLD, S. J. **Ethnic Economies**. San Diego CA: Academic Press, 2000.

LIMA, J. C.; CONSERVA, M. de S. . **Redes sociais e mercado de trabalho: entre o formal e o informal**. Política & Trabalho, João Pessoa, v. 24, p. 73-98, 2006.

LIMA, J. C. ; MOURA, M. C. Trabalho atípico e capital social: os agentes comunitários de saúde na Paraíba. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 103-133, jan.-abr. 2005

LIMA, J. C ; MARTINS JR, A. Productive Restructuring, Informality, and Mobilities In Latin America: The Case of Bolivians in São Paulo and Brazilians in London”. Artigo submetido para publicação, 2012.

MARGOLIS, M. **Little Brazil An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

_____. Na virada do milênio: a emigração brasileira para os Estados Unidos . In: MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Orgs.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003,p.51-72.

MARQUES, E. C. . **Redes sociais, segregação e pobreza**. São Paulo: Unesp, 2010.

MARTES, A. C. B. ; FAZITO, D. Economic Sociology - **The European electronic newsletter**, v. 11, 2010, p. 43-53

MARTES, A. C. B. Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts. In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Editora Boitempo, 1999.

_____. Raça e Etnicidade – Opções e Constrangimentos. In: **Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes**. Ana Cristina Braga Martes and Soraya Fleischer (eds). Petropolis, RJ, Brazil: Editora Paz e Terra, 2003, p. 73-98.

MACHADO, I. J. R. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento: o caso dos brasileiros em Portugal. **Iha. Revista de Antropologia** (Florianópolis), v. 7, 2005, p. 187-212

MASSEY, D. S.; GOLDRING, L. **Continuities in transnacional migration: an analysis of thirteen Mexican communities**. Washington (Paper presented at Workshop U.S. Immigration research: an assessment of data needs for future research, financed by National Research Council), 1992.

McGOVERN, P. **Immigration, labour markets and employment relations: problems and prospects**. British Journal of industrial relations, 2007

McKLINTOCK, A. **Imperial leather, Race, gender and sexuality in the colonial contest**. Routledge, 1995.

_____. The Angel of Progress: Pitfalls of the term “pos-colonialism”. **Social text**, n. 31/32, Third World and Post-Colonial Issues, p. 84-98, 1992.

MCPHERSON, M., Smith-Lovin, L. e Cook, J. 2001. **Birds of a feather: homophily in social networks**. In: Annual Review of Sociology, No 27

MRE. **Brasileiros no Mundo, Subsecretaria Geral da comunidades brasileiras no exterior**, 2ª edição, 200. Disponível em <www.brasileirosnomundo.mre.gov.br/pt-br/estimativas_populacionais_das_comunidades.xml>, Acesso em 12/10/2010.

NARDI, H. C. A propriedade social como suporte da existência: a crise do individualismo moderno e os modos de subjetivação contemporâneos. **Psicologia & Sociedade**; 15 (1): 37-56; jan./jun.2003.

NITAHARA SOUZA, Y. A Diáspora Uchinanchu: Uma rede transnacional na era da globalização. In: **34 Encontro Anual da ANPOCS, 2010**, Caxambu, MG. 34 Encontro Anual da ANPOCS, 2010.

OLIVEIRA, A. C. de. O Caminho sem Volta - Classe social e etnicidade entre os brasileiros na Flórida. In: Ana Cristina Braga Martes; Soraya Fleischer. (Org.). **Fronteiras Cruzadas**. 1 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, v.1, 2003, p. 115-138.

PISCITELLI, A. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, vol.11, nº2, Jul/Dez, 2008

RAUD-MATTEDI, C. Análise crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: Os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. **Política e Sociedade**, 6, 2005, p. 59-82

RESENDE, R. Brasileiros no sul da Flórida – Relatos de uma pesquisa em andamento, In Martes, A. C. B. e Fleischer, S., **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**, São Paulo, Paz e Terra, PP, 2003

RIBEIRO, G. L. Goiânia, Califórnia: vulnerabilidade, ambigüidade e cidadania transnacional. Brasília, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. **Serie Antropologia** v.235 1998

SOARES, W. **Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarenses**. Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado - Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995

_____. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Tese [Doutorado] - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

_____. A emigração valadarenses à luz dos fundamentos teóricos de análise de redes sociais. In: MARTES, Ana Cristina B.; FLEISCHER, Soraya (Orgs.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

SALES, T. Novos Fluxos da população brasileira. **Revista Brasileira de estudos de população**. São Paulo. v. 8, n 1/2. Jan./dez, 1991.

_____. **Brasileiros longe de casa.** São Paulo: Editora Cortez, 1999, 240p.

_____. O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. In: PATARRA, N.L, BAENINGER, R., MIYASHIRO, A (org.) **Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo.** São Paulo: FNAUAP- Fundo de População das Nações Unidas e ABC – Agência Brasileira de Cooperação, v.1, Editora LTR, 1995, p.89-103

_____. Identidade Étnica Entre Imigrantes Brasileiros na Região de Boston, EUA In REIS, R. R. & SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante,** São Paulo, Boitempo, 1999b, pp.15-44.

SASAKI, E. M. **Dekasseguis:** Trabalhadores Migrantes Nipo-Brasileiros no Japão. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2000.

SASSEN, S. **The mobility of labor and capital.** Cambridge: University Press, 1988.

SAYAD, A. **A Imigração ou Os Paradoxos da Alteridade.** São Paulo: USP, 1998.

SCUDELER, V. C. **Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA.** Cenas do Brasil Migrante. Eds. Rossana Rocha Reis and Teresa Sales(org).São Paulo.Boi tempo, 1999

SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A corrosão do caráter:** conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIMMEL, G. A Metrópole e a Vida Mental.
In: VELHO, Otávio G (org.). **Fenômeno Urbano.** Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

TELLES, V. S. Ilegalismos e a cidade. In: **Novos Estudos Cebrap,** 2009, 84: 153-173..

_____. Nas dobras do legal e ilegal: ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade. Dilemas, **Revista de Estudos de Conflito e Controle Social,** 2010, p. 97-126.

TORRESAN, A. **Quem parte, quem fica. Uma Etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1994

TRUZZI, O. M. S. Redes em processos migratórios. **Tempo Social** (USP. Impresso), v. 20, 2008, p. 199-218

TRUZZI, O. M. S. ; SACOMANO NETO, M. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. RAE. **Revista de Administração de Empresas,** v. 47, 2007, p. 37-48

URRY, J. **Mobilities.** Polity Press, Malden, United Kingdom, 2008.

VERTOVEC, S. Superdiversity and its implications. In: **Ethnic and Racial Studies**. v. 30, 2006, p. 1024 – 1054.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

WOLKOWITZ, C.; WARHURST, C. 'Embodying labour'. In **Working life: renewing labour process analysis**, 223 - 243, Editors: Thompson, P. and Smith, C. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

WEBER, M. Relações comunitárias étnicas. In: **Economia e Sociedade**. Brasília: UnB, v. 1, 1991. p. 267-277.